

ILUSTRAÇÃO

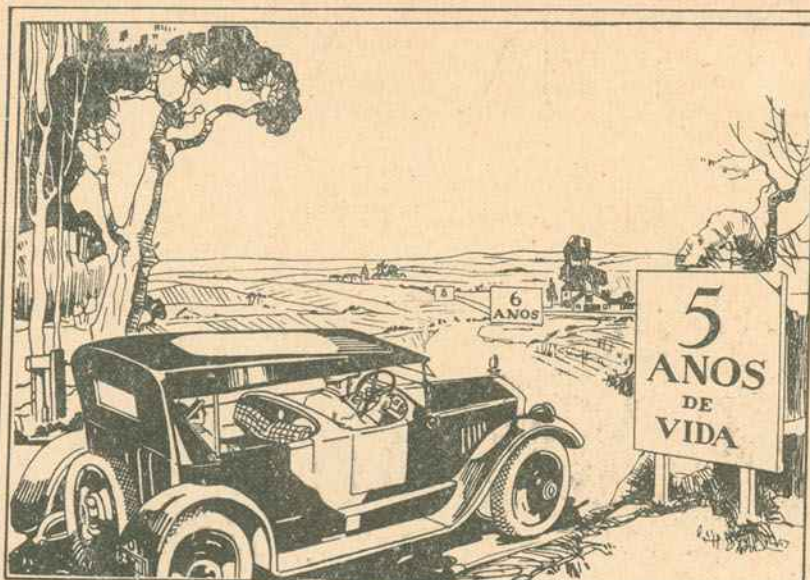


1.º ANO — Número 14

Lisboa, 16 de Julho de 1926

PREÇO 4,500

A revista portuguesa de maior tiragem e expansão



Qual é a marca do seu carro?

e quantos anos quer que ele dure?

5? — 6? — 8?

A vida do automovel de tipo médio vai aumentando. Segundo as ultimas estatisticas a duração média d'um carro que d'antes era de 5 anos, já ultrapassa hoje 6 anos. O mais importante factor da duração do seu carro é a lubrificação perfeita e adequada.

Do estrangeiro dizem-nos que em 3.437 proprietarios de automoveis, 49% trazem sempre nos seus carros uma provisão de óleo. Para este efeito o **Mobiloil** é pelo menos 4 vezes mais usado do que qualquer outra marca.

Porquê? Porque os automobilistas sabem por experiencia que não há outro óleo que possa substituir inteiramente o **Gargoyle Mobiloil**, quando se quer obter longa vida, bom rendimento dos motores, e economia real em escudos e centavos. Também sabem que conservando sempre uma reserva do **Mobiloil** proprio, evitam as paragens á procura de óleo e o emprego forçado d'um óleo inferior ou d'um tipo de **Mobiloil** não apropriado para os seus carros.

Todos os fabricantes de automoveis concordam em que a lubrificação perfeita é a condição primordial para o prolongamento da vida dum automovel. Por isso esses constructores, salvo raras excepções, adoptam as indicações da nossa *Tabela de Recomendações*, da qual publicamos aqui uma parte.



Mobiloil

Guie-se pela nossa Tabela de Recomendações

Tabela de Recomendações

(PARCIAL)

EM baixo estão especificadas as nossas recomendações para a lubrificação dos motores de alguns carros de passageiros e camions americanos e europeus.

A significa Gargoyle Mobiloil A
BB
E

A Tabela completa fórma parte do nosso folheto illustrado "Guia de Lubrificação para Automoveis", que mandaremos gratuitamente a qualquer automobilista que o pedir.

Esta Tabela de Recomendações foi compilada pelos engenheiros da Secção de Automoveis da Vacuum Oil Company e representa o nosso conselho profissional sobre lubrificação de automoveis

| | 1926 |
|------------------------------|------|
| A C (4 cil.) | BB |
| (6 cil.) | A |
| Adler | A |
| Alfa-Romeo (N R 6 cil.) | BB |
| (R L 6 cil.) | A |
| Amicar (todos os modelos) | A |
| Austin (20 H. P.) | BB |
| (outros modelos) | A |
| Benz | A |
| Berliet | A |
| Brazier | A |
| Buick | A |
| Cadillac | A |
| Chandler | A |
| Citroën (5 H. P.) | A |
| (10 H. P.) | BB |
| Cleveland | A |
| Delage (11 H. P.) | BB |
| (30 H. P. 6 cil.) | A |
| Essex | A |
| F N (1.300, 2.200 e 16 H.P.) | A |
| Fiat (mod 509) | A |
| (outros mod.) | BB |
| Ford | E |
| Hudson | A |
| Hupmobile | A |
| Overland | A |
| Packard (6 e 8 cil.) | A |
| Panhard Levassor (sem val.) | A |
| (com val.) | BB |
| Peugeot (5 e 15 H. P.) | BB |
| (10, 11, 12 e 18 H. P.) | A |
| Renault (6 H. P.) | A |
| (outros modelos) | BB |
| Studebaker | A |
| Unic | A |
| Zébre (Le) | A |

Transmissão e Diferencial

Para a sua lubrificação perfeita, use Gargoyle Mobiloil C, CC, ou Mobilubricant, conforme as indicações do nosso folheto "Guia de Lubrificação para automoveis", que enviamos gratuitamente aos automobilistas que o pedirem.

Óleos fabricados nas nossas Refinarias em:

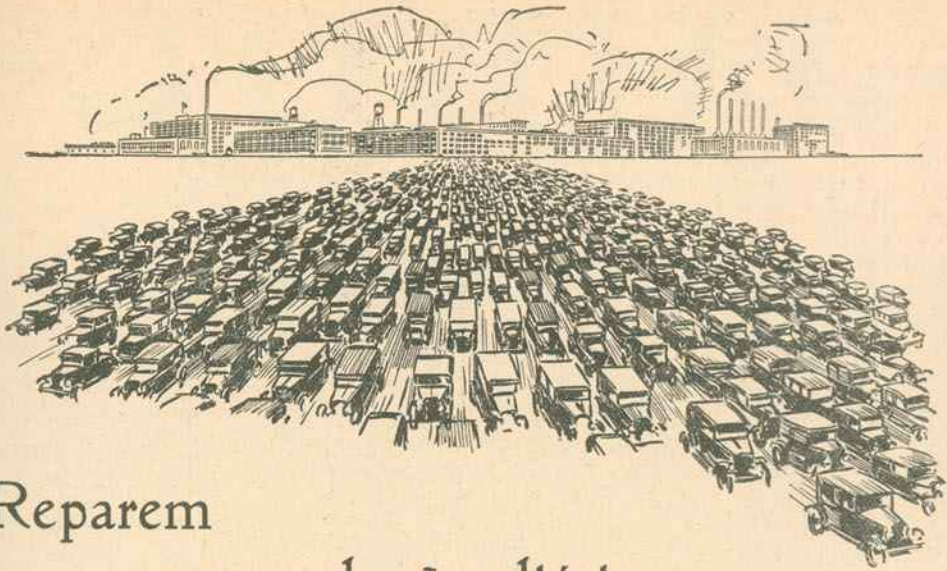
PAULSBORO
OLEAN
ROCHESTER
BAYONNE

Estados Unidos da America

VACUUM OIL COMPANY

15, RUA DA HORTA SÉCA, 17-LISBOA

TELEFONE 980 TRINDADE (7 LINHAS)



Reparem na produção diária de Dodge Brothers, Inc!

Já viram alguma vez 1500 automóveis todos juntos?

Arrumados, lado a lado, cobririam uma superfície de mais de 80.000 m².

Torpedo Especial

29:650\$00

Alinhados, com um intervalo de 1 1/2 m, ocupariam uma extensão de 8.800 metros.

Torpedo Sport

31:150\$00

E no entanto isto é simplesmente a vulgar produção diária da fábrica Dodge Brothers em Detroit.

Sedan Especial

35:000\$00

Sedan de luxo

37:500\$00

A produção em tão grande escala permite fazer consideráveis economias na compra de materiais donde resulta o baixo preço por que V. Ex.^{as} podem adquirir um automóvel Dodge Brothers.

BERNARDINO CORRÊA, L.^{DA}

LISBOA

PORTO

1, Avenida da Liberdade

21, Avenida dos Aliados

DODGE BROTHERS

JUBOL

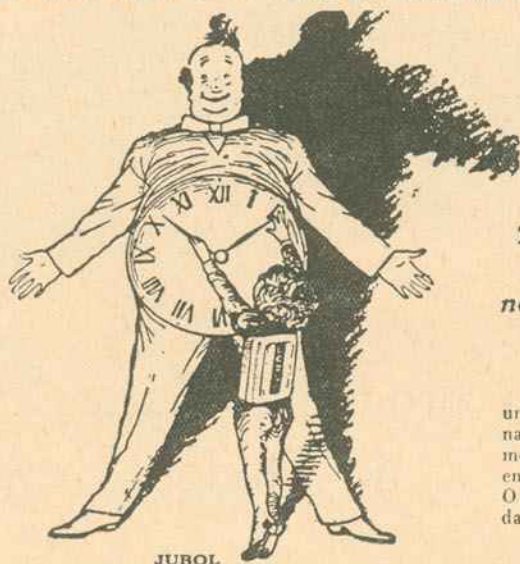
reeduca o intestino

Prisão de ventre
Enterite
Hemorroidas
Enxaquecas

Comunicados;
Acad. de Sciencias de Paris, 28 Junho 1902.
Acad. de Medicina de Paris, 21 Dez. 1909.

Établissements Chatelain

2, rue de Valenciennes, Paris.
À venda em todas as Farmacias.



JUBOL

regulador do intestino, marca uma hora certa aos "Jubolisados"

Para ter boa saude
tome todas as
noites um comprimido
de JUBOL.

Afirmo que o JUBOL possui um real valor e uma grande acção nas doenças intestinaes principalmente na prisão de ventre e nas enterites nas quaes o administrei. O que atesto ser verdade em nome da minha profissão.

Dr. HENRIQUE DU SÁ
Membro da Academia de Medicina do Rio de Janeiro, BRAZIL

A. VINCENT, Lda—CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL E COLONIAS—RUA IVENS, 56—TEL. 1858 C.



FINAS E RESISTENTES

Vêde como a peuga INTERWOVEN está reforçada por um processo de entretecedura registado que os nossos amigos americanos, práticos em tudo, acabam de descobrir recentemente.

As biqueiras e os calcanhares, sitios onde o pé força, são feitos de um tecido especial, sólido e no entretanto leve (absolutamente inimitável) particular da peuga INTERWOVEN de forma que apesar de

fina e transparente ela é no entretanto mais sólida que as peugas mais espessas.

Experimentai hoje mesmo a peuga americana

INTERWOVEN

Em algodão, lã ou seda

Preço, segundo a qualidade.

Desconfiai das imitações.

As nossas peugas teem uma etiqueta de garantia com o nome

INTERWOVEN

À venda em todas as boas camisas.

Agentes para revenda: A. VINCENT, Limitada—R. Ivens, 56, 2.º—LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIP. DA EMPRESA
DO ANUÁRIO COMERCIAL

P. dos Restauradores, 24—Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:

AILLAUD, L.^{DA}
R. Anchieta, 25 — Lisboa

.....
DIRECTOR: JOÃO DA CUNHA DE EÇA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

ANO 1.^o — NÚMERO 14

.....
16 DE JULHO DE 1926



(Cliché de Serra Ribeiro, expressamente feito para a Ilustração)

O SR. GENERAL ANTÓNIO-ÓSCAR DE FRAGO CARMONA, QUE ASSUMIU A PRESIDÊNCIA DO GOVÉRNO, EM SUBSTITUIÇÃO
DO SR. GENERAL MANUEL DE OLIVEIRA GOMES DA COSTA

CRÓNICA DA QUINZENA

UMA vaga de loucura vai varrendo pelo mundo e, graças, que não é apenas o nosso país, tão mimoso sempre em lunáticos, descobridores do motu-continuo, salvadores da pátria, homens-macacos, o provado pelo flagelo. Na verdade, sempre uma dose da santíssima e salutar loucura sobrenadou à flor das almas. Mas essa que armou seu paladino o cavaleiro da Triste Figura, que Erasmo celebrou como deusa tutelar dos homens, sumiu-se para dar lugar à outra, atrabiliária, inclemente, filosofal e teológica algumas vezes, vestida, outras, de grande uniforme. Desabando em avan-lanche pelos povos, desgraçado de quem não entra no batuque. O menos que lhe pode acontecer é ser tido por doido-varrido, fóssil, e atirado à margem como coisa que nos faz sombra.

Vejam a admirável inconsciência das mulheres! Porque um dia uma cabotina apareceu no palco a bater a perna de cabelos cortados, vá de tosquiá a cabeça como se fazia outrora às atacadas de lepra, se faz hoje no Aljube e nos hospitais. A seara imensa de lirismo, que brotou da contemplação das tranças de nossa irmã Eva, foi burllescamente ceifada pela tesoura gordurenta do cabeleireiro. Pobres vates que não sonharam o anacronismo ridículo de suas musas! O que supunham ser o enfeite por excelência, o emblema voluptuoso da feminilidade, veio sua alteza reinante a Loucura, e decretou que era um estigma de escravidão, um acessório inestético e empecilhento. Ondas de cabelos louros, de cabelos pretos, enlévo dos amantes, diadema glorioso duma fronte branca, foram no cisco das carroças para o guano. O que dantes era uma humilhação tornou-se uma vaidade. Esses ex-votos, tão ternos, de tranças penduradas à ilharga dos santinhos pelas ermidas dos montes, não mais falarão às nossas madamas a linguagem suavíssima da penitência, mas sim a duma desbragada e tirânica moda. Como eu choro essas cabeleiras que, em catadupa, cobriam Suzana à vista dos velhos libidinosos, a vergonha das noivas ao subir o tálamo na primeira noite, e que as rainhas de Corneille desatavam pelas espáduas em sinal de realeza e heroicidade! Em troca que nos oferece Eva, tomada de modernismo? Umhas guedelhas à *chien* a borrfar as tēporas e a courama duma nuca salpicada de tóros de cerda, como presunto cosido, ou mato

galego rapado pela roçadoira. Deus lhe perdoei, que na nossa idolatria não encontra perdão!

O *jazzy-band* costumava oferecer-se em espectáculo na feira de Alcântara, numa barraca de ripas e lona, miserável, rudimentar e cachaceiro. Esses *ios* que gaiteiros e batucadores intercalam na barulhada, e que a telefonia sem fios nos traz do Hotel Savoy, de Londres, através do céu frio da costa Albion, como uma guinada de luxúria, confinava-se, ao tempo, neste ritornelo pandilha:

*O preto e mais a preta
Fizeram uma saladá!*

Ninguém que se prezasse se dava ao desenfado de ir ouvir a musicata barbara dos pretalhões e seus saracoteiros obscenos. Não porque fôsse zona interdita ao pudor; mas porque era apenas uma diversão sem graça nenhuma.

Em Paris apareceu aí pelo ano de 1910, num terreno vago do Place Clichy, levado pelos tuaregues. Os miseros tiveram de variar a exhibição, engolindo serpentes e simulando combates à sua maneira, para não morrer de fome.

Hoje, graças ainda à Loucura reinante, o *jazzy-band* é a música do dia. Nas salas, nos teatros, nos banquetes, nos bródios solenes e saraus. Proscritos os mesureiros Chopin e os ledos e espirituais Weber. Quanto mais super-negroide, mais requintado. Um bispo americano pensou em adaptá-lo às funções do culto e, se a religião lhe pega, temos *jazzy-band in secula seculorum*.

As danças, o *foot-ball*, vieram na mesma rajada de insânia e desvairamento. Menos perigosas aquelas, depois do decreto conspicio do sr. Manuel Rodrigues, baixando a idade casadoira, o *foot-ball* vai-se tornando o *mane-recel-phares* de uma população de impaludados, de sifilíticos e alcoólicos na sua maioria. À geração que vai a escalar o mando familiar chamou o dr. Agostinho de Campos «geração do pontapé na bola». Com este designativo entrará na história, reles,

analfabeta, sem curiosidades de inteligência nem uma directriz moral. Como se pôde enraizar entre nós um desporto tão contrário ao nosso *habitat* e aos nossos costumes? Como pôde congregar no seu culto desde o menino que começa a gatinhar ao ginja de cabelos brancos, para quem esperar toiros, ver correr toiros, era um *pratinho* sem rival?

De todos os jogos, é sem dúvida este o mais estúpido e inconseqüente. O remo fortalece o remador e tonifica-lhe os pulmões; o jôgo do pau adextra o jogador para a defeza do respeitável costelado; o tiro é um passatempo nobre; a gineta é saudável e elegante; o *tennis* ensina as belas atitudes; e até o *box* e o *savate* prepararam o homem para esmurrar um patife que se lhe pranta pela frente ou quando pretenda lavar uma desafronta. Mas o *foot-ball*, que acréscimo de força ou de beleza traz a quem o pratica?

Numa terra de sebastianistas, onde vieram proliferar das raças mais inferiores que habitaram o planeta, a política tinha fatalmente de descrever a mesma curva desvairada. Há anos que nos governam dos mediocres os mais intrigantes, e dos aventureiros os mais audazes. «As pastas dos ministros andam pelo chão, é só debruçar-se e apanhá-las» — escreveu uma vez o dr. Brito Camacho. O estado português dá a impressão de uma tenda de louça onde entrou uma manada de toiros bravos. O que se ouve é o alarido do escaqueiramento.

8-6-1916.

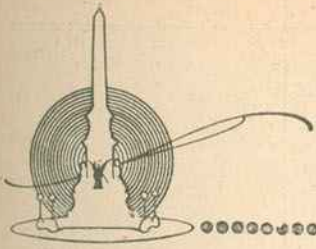
AQUILINO RIBEIRO.

Este artigo foi «censurado».

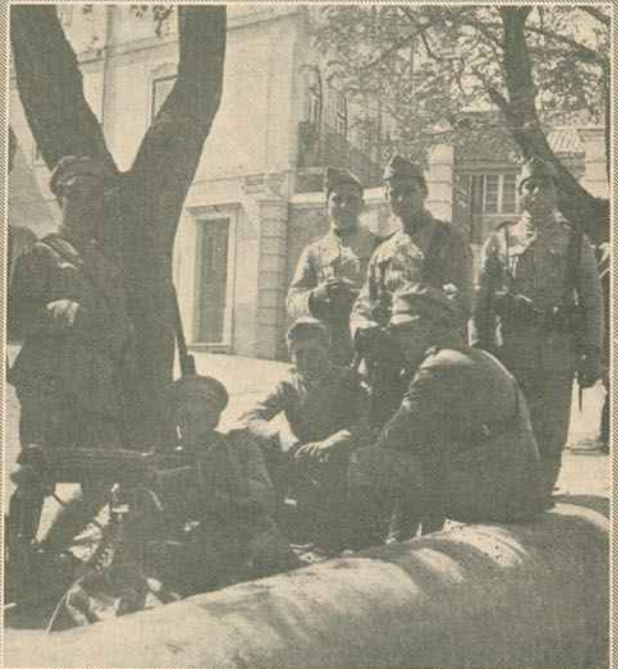
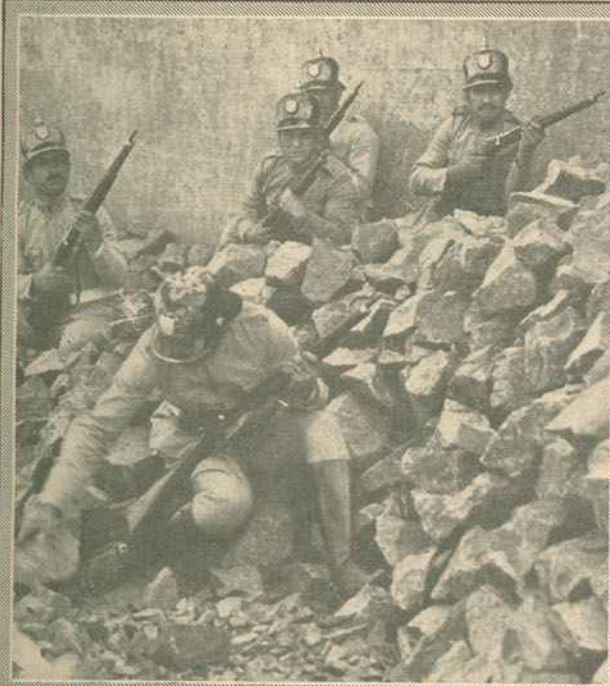
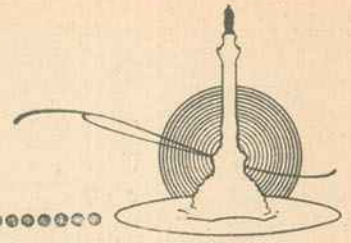
O QUADRO A CÔRES D'ESTE NÚMERO

Enriquece-se outra vez a nossa colecção de tricromias com a reprodução duma tela de Carlos Reis, o pintor de tão firme renome. É mais uma daquelas scenas campezinhas tão afeiçoadas do seu pincel, dada com teroura e justeza de colorido. O referido quadro foi recentemente adquirido no Rio de Janeiro, por um grande colleccionador inglês, sr. Street, durante a exposição que o filho do artista, o também distinto Pintor João Reis, ali promoveu, e na qual, entre trabalhos seus, incluiu alguns de Carlos Reis.

A *Ilustração* não publica senão os originaes solicitados.

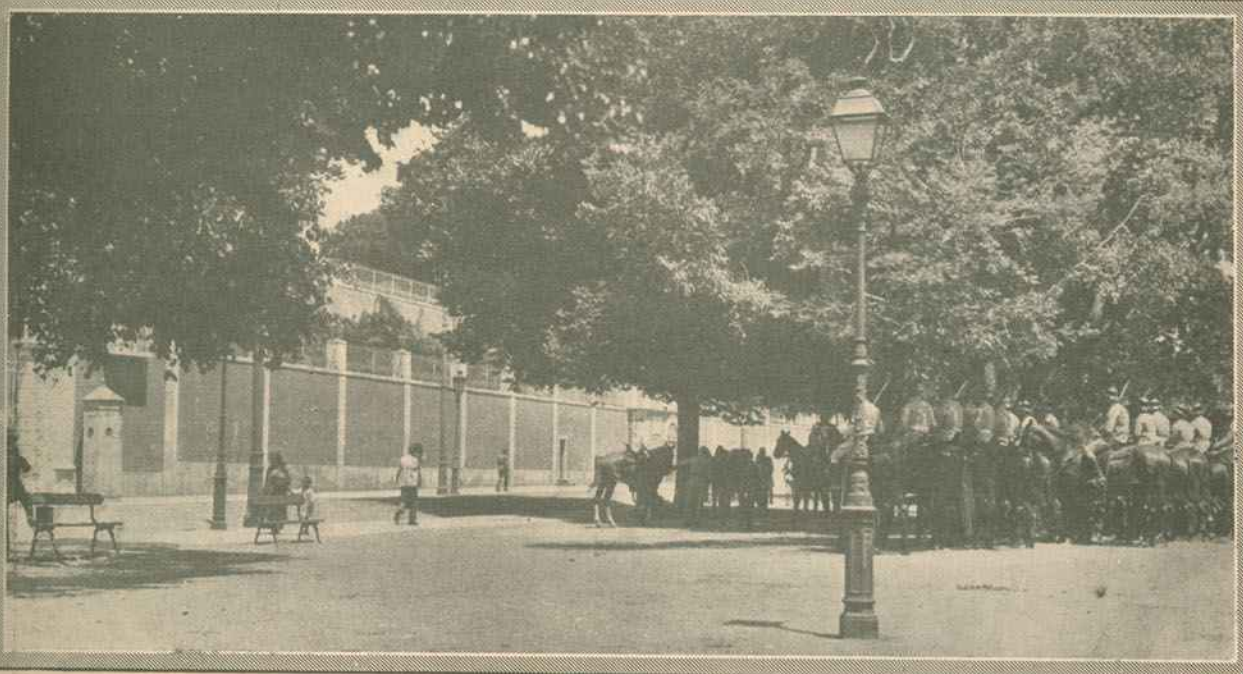


LISBOA



Um pelotão da Guarda N. Republicana preparando um ataque às forças com que o sr. capitão Aníbal Franco organizou, na Escola Prática de Administração Militar, um núcleo de resistência favorável ao General Gomes da Costa.

As metralhadoras postadas à entrada do referido aquartelamento e prontas a romper fogo.



Fôrças da Guarda Republicana e de Cavalaria estabelecendo o cerco ao Palácio de Belém, sede da presidência do Governo, donde o General Gomes da Costa se recusava a sair.



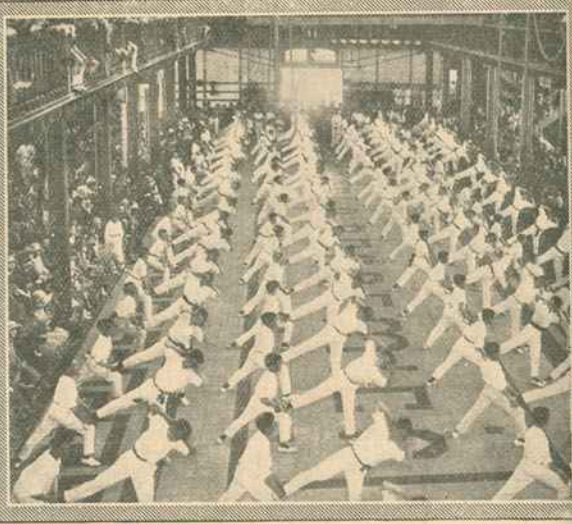
A visita do sr. general Gomes da Costa à Casa Pia de Lisboa; passando revista aos alunos



Grupo de alunos do Colégio de Portugal, com os respectivos Directores, no dia da sua primeira comunhão, celebrada no Palácio dos srs. Condes da Foz pelo sr. Bispo de Trapanópolis, que se vê ao centro da fotografia



As gentis leitoras da *buena dicha* numa das barracas da Verboena que se effectuou no Ateneu Commercial, em beneficio da Cruzada de Protecção à Orfandade Feminina



Uma sessão de gymnástica na Escola Académica, na concorrida festa que há tempos ali se realizou

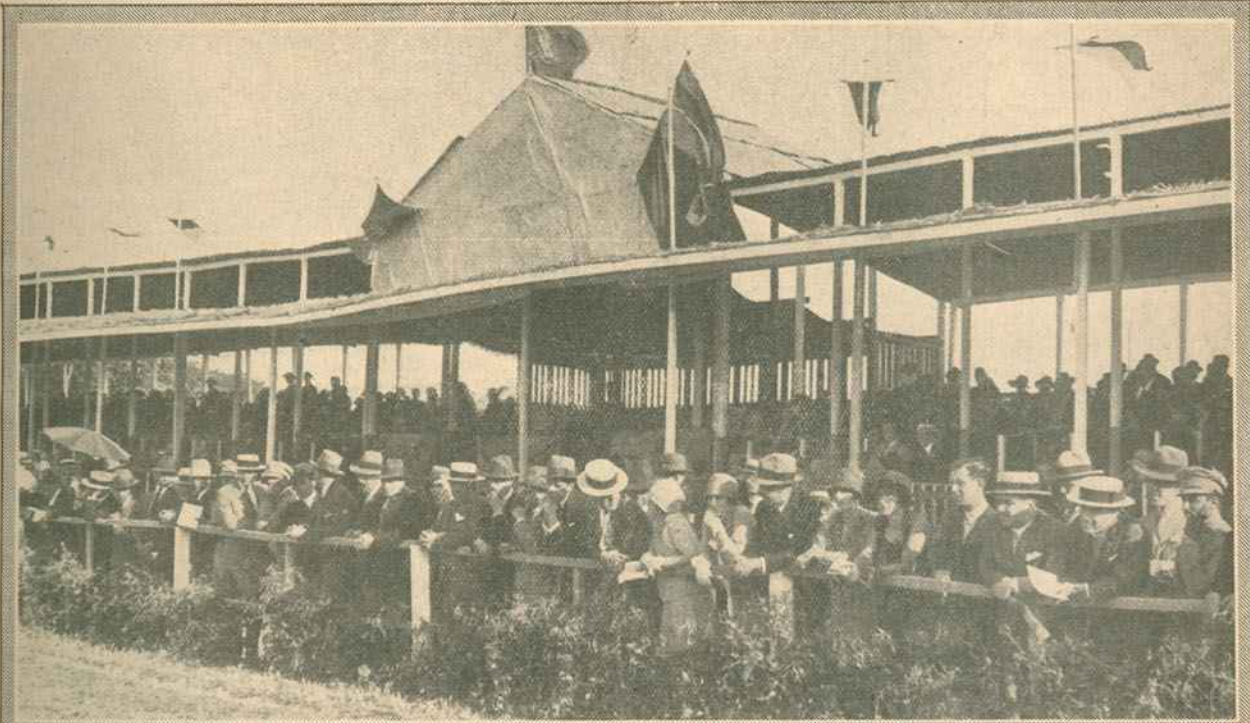


Grupo tirado na audição de alunos da ilustre professora de canto D. Berta Júdice Rosa Limpo de Araújo Sena: M.^l Lucinda Viegas Sem, Nellie Bisso, Manuela Calvente y Vendrell, Maria Matos Chaves, Jenny Rebelo da Silva, Maria Calvente y Vendrell, Maria Luísa Ravazzini Queiros, Maria Ribeiro Névoa, Maria Rodrigues de Sousa, May Lumner, Clotilde Ribeiro Névoa, Manuela Ravazzini Queiros, Maria Júlia Pereira, Margueritte Müller, Maria Manuela Almeida Araújo Pires, Gudrun Wiborg, Maria Aline Gomes Ferreira, Ema Dias Costa, Ana Júdice da Costa Carneiro, Maria Trigoço; srs. António Queiros e Jorge Manuel Limpo Brun de Canto rodeando a referida professora



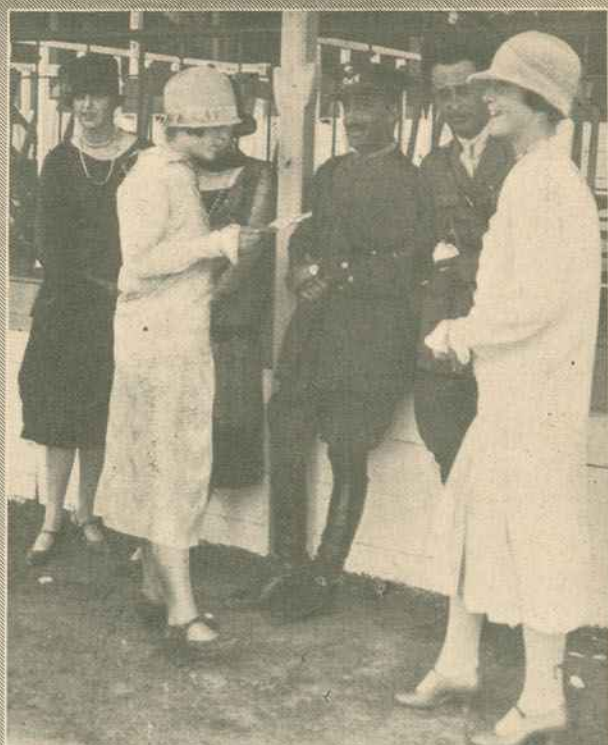
Algumas das alunas da notável professora de piano sr.^a D. Maria Alice da Luz Marques, que tomaram parte na festa de apresentação do seu curso deste ano, na Liga Naval: M.^l Eunice de Lourdes Ferreira Teixeira, Lucília de Lima Brito, Alice de Nazareth Fernandes, Teresa Silva Ribeiro, Maria Luísa Cáceres da Lage, Ilda Mayer Magalhães, Maria Luísa Santos Belina de Lima Brito, Celeste de Sousa Faria, Maria Emilia de Lima Brito, Cecília de Lima Brito e Menino Filipe de Nazareth Fernandes

S O C I E D A D E E L E G A N T E



As animadas tardes do Jockey-Club, no Campo Grande; aspectos da assistência

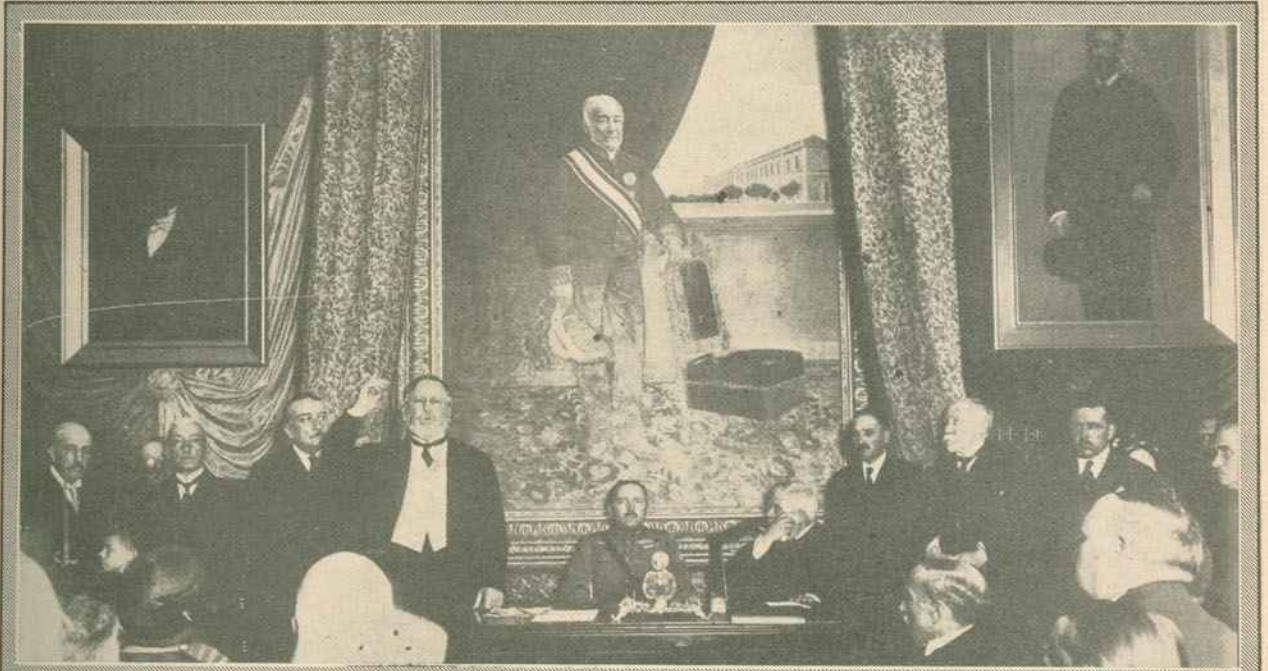
(Clichês Serra Ribeiro)



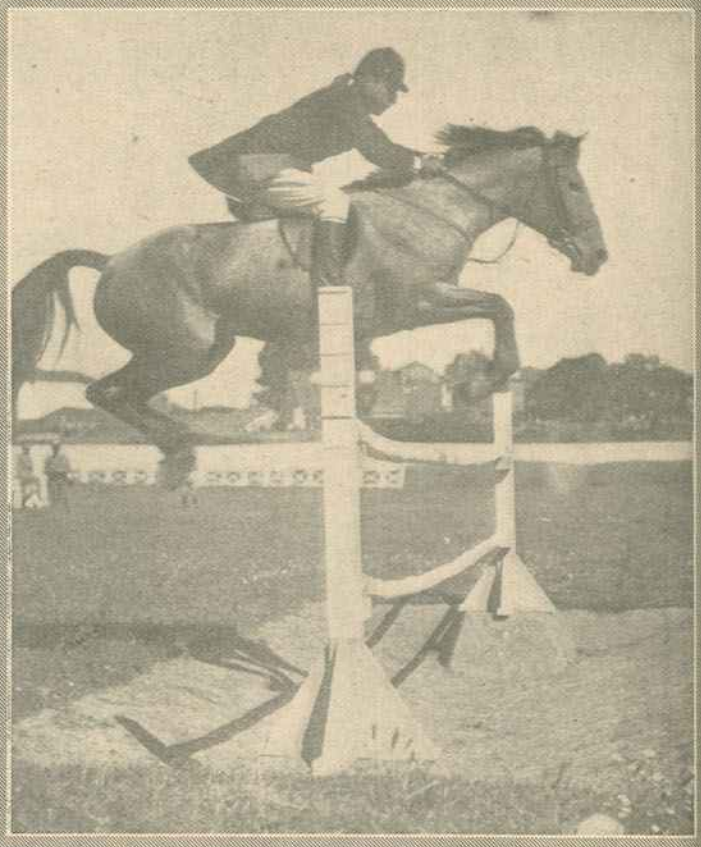
Outros interessantes grupos obtidos no mesmo certame, entre nós, como em tôda a parte, ponto de reunião da gente *smart*.

(Clichês Serra Ribeiro)

PORTO



Aspecto da sessão solene que, em consagração do Professor Magalhães de Lemos, se efectuou no Hospital Conde de Ferreira. O sr. dr. Alfredo Magalhães proferindo o seu discurso. — O grupo de alunos do Colégio Almeida Garrett que formam o seu orfeão, na festa anual daquele estabelecimento de ensino particular.



Grupo dos distintos amadores que interpretaram a
A sr.^a D. Maria Isabel Barbedo de Valado, que nessa peça representou
o papel da protagonista

ça *É tão linda a Joaquina*, levada à sce... com fins caritativos, no Teatro S. João
Um esplêndido salto no primeiro dia do concurso hípico: o sr. Manuel Gomes, que obteve
uma boa classificação

PORTUGAL D'AQUÉM E D'ALÉM MAR

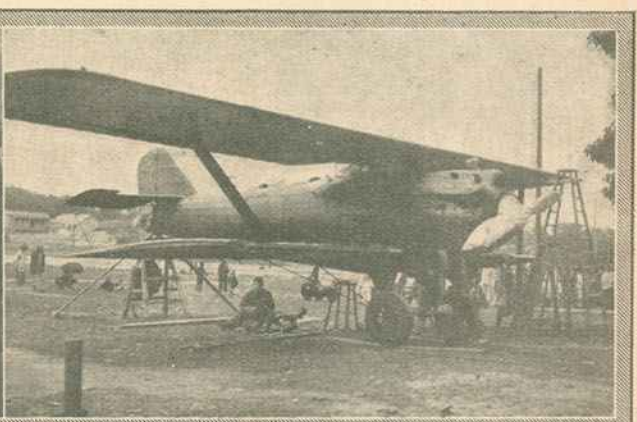
ILUSTRAÇÃO
FACTOS E FIGURAS



VILA-REAL — A Comissão administradora da *Sopa dos Pobres*, florescente instituição de beneficência, fundada pelo sr. Arcebispo-Bispo, D. João Evangelista de Lima Vidal. — De esquerda para a direita: D. Aurélia Ferreira Mendes, 1.ª secretária; D. Maria de Lourdes de Mendonça Amaral, vice-presidente; D. Alcina Monteiro, presidente; D. Maria Maximiana de Mesquita e Oliveira, tesoureira; e D. Helena Queriol Macleira M. de Carvalho, 2.ª secretária

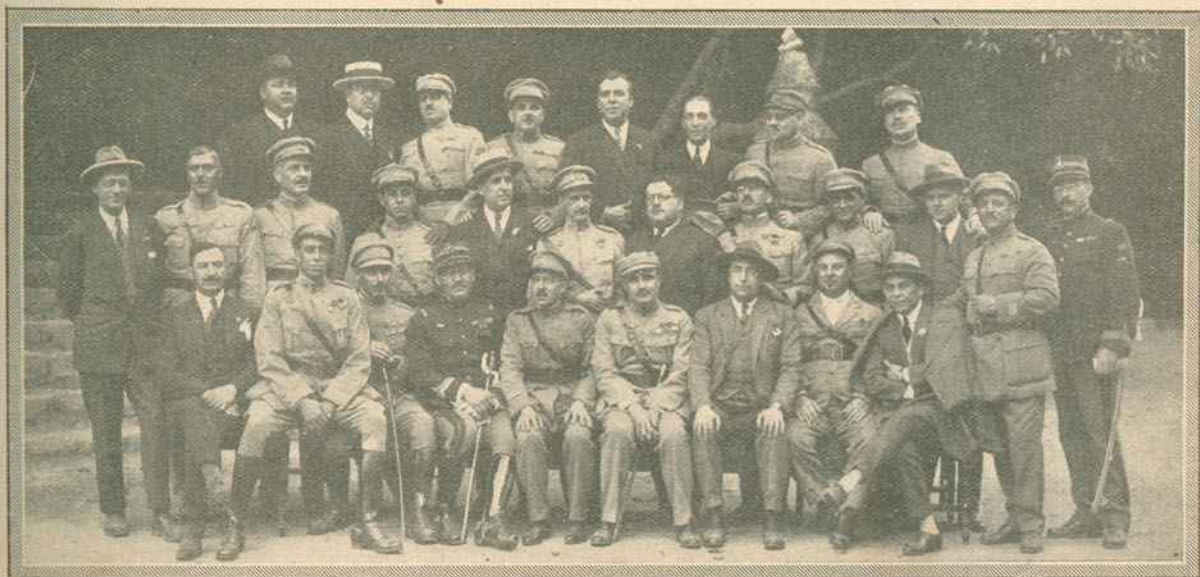
(Clôthé de Alberto Meira)

NOVA-GÓIA (ÍNDIA PORTUGUESA) — Grupo de colaboradores duma recita de homenagem ao prof. Froilano de Melo, que fôra eleito deputado pela Índia. — No 1.º plano: As meninas Maria de Jesus Santos Costa, Flora Roncon, Berta Ayala e Brito, Berta Santos Costa, Maria Margarida de Noronha e Távora, Ligia Roncon, Olivia Dias, Alda Ayala e Brito, Rita Roma, Sara Possolo e Maria Lourdes Roncon. — No 2.º plano: Aires S. Coelho, Aurea Campos, Ligia Santos Costa, Maria A. Spínola, Maria Zoraida de Noronha e Távora, Germana Simons, Lucilia Roma, Mamela de Noronha e Távora, Agripina Monteiro, Leurdinha Santos Costa e Branco Carmo Vaz. — No 3.º plano: Os srs. Alfredo Siqueira, Tadeu Amadeu da Silva, Antonio Possolo, capitão António Barbosa de Albuquerque, ensaiador, Eugénio de Oliveira, Fernando S. da Costa e Francisco Soter Dias. — Ao centro: M.ª Daisy Ayala Pereira



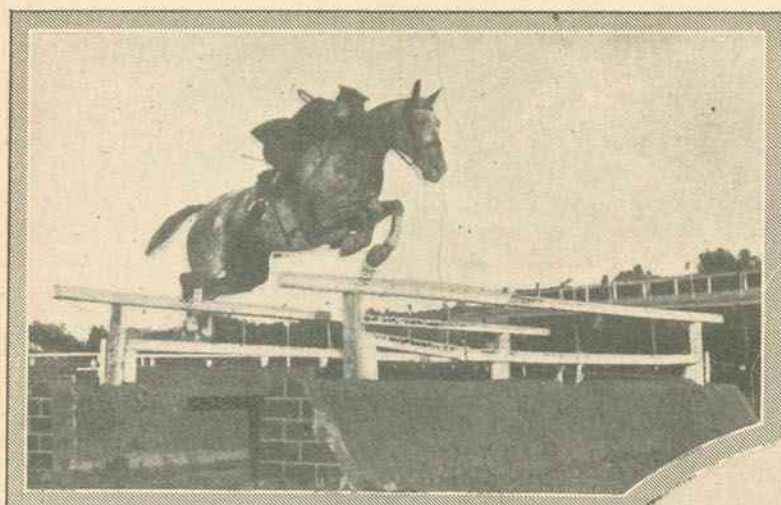
LODGE — Aspecto da animada Batalha de Flores realizada em 22 de Junho último, a favor da Santa Casa da Misericórdia: o carro das chineças, que obteve o 1.º prémio

MACAU — O avião do capitão Lórgica em reparações. Parceiro no mesmo arrojado raid do capitão Gallazza, cerca de 170 milhas daquela nossa colónia o aparelho caiu no mar, tendo sido salvo pela nossa canhoneira *Pátria*. Ambos os aviadores espanhóis, enquanto hóspedes da terra portuguesa, foram alvo de carinhosas homenagens



MAPRA — O curso da infantaria de 1921-1926, que all se reuniu comemorando o 20.º aniversário do seu último dia de aulas na antiga Escola do Exército. — Sentados: Francisco de Campos, Azevedo Franco, Bragança Parreira, Gonçalves Mendes, Anibal Quintanilha, Radl Rato, Fernandes Costa, Quirino Monteiro e Florentino Martins. — De pé — 2.º plano: Gomes da Silva, Basso Marques, Leopoldo Martins, Cruz Viegas, Pedro Gonveia, Alberto Moraes, João Silva, Jaime Fonseca, Cunha Leal, Montenegro Lobo, João Leite e Luis Ramires. — 3.º plano: Messias Beirão, Botelho Gusmão, Ribeiro Ferreira, Virgínia Costa, Sarmento Rodrigues, Francisco da Silveira Cesar Mano e Anibal Franco

DESSPORTOS



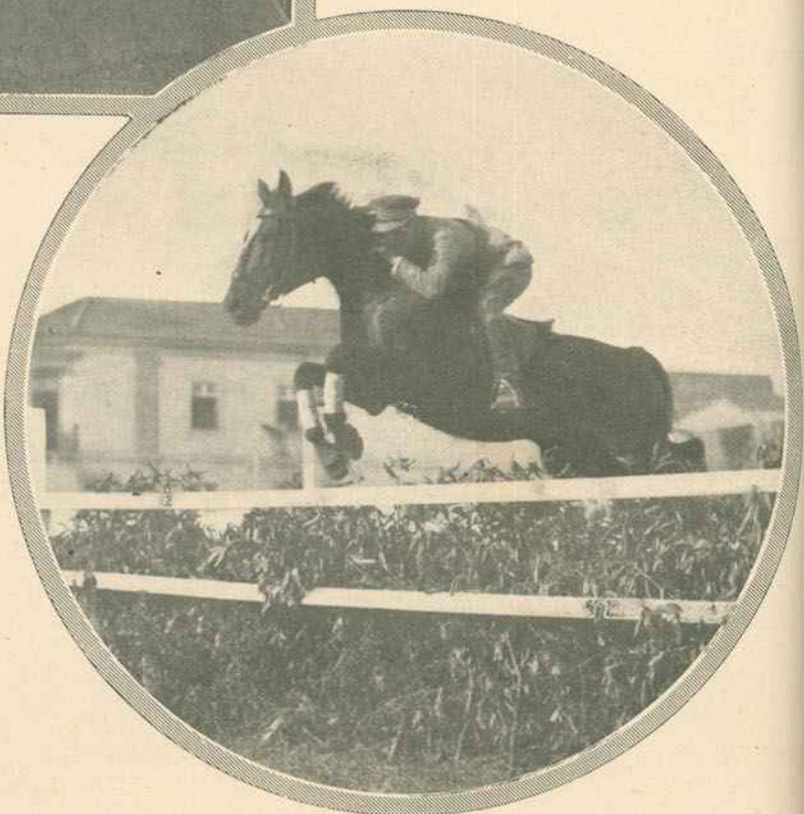
O oficial do exército espanhol, Marquês de los Trujillos, no «Zalamero», passando a ría entre varas

CONCURSO HÍPICO DE LISBOA

Decorreu este ano com animação, devido sobretudo ao facto de nele terem tomado parte oficiais do exército espanhol. As nossas fotografias representam dois saltos executados por concorrentes a esta prova.



H. Cunha da Silveira, campeão de Portugal de espada



O tenente Ivens Ferraz, vencedor do Grande Prémio de Lisboa e da Taça de Honra, no «Oxer»

CAMPEONATO NACIONAL DE ESPADA

O Campeonato Nacional de Espada foi ganho este ano por Henrique Cunha da Silveira, do Centro Nacional de Esgrima.

Jorge Paiva e Mário de Noronha, da Sala Carlos Gonçalves, classificaram-se em 2.º e 3.º lugares, respectivamente.

A prova decorreu bastante agitada, sobretudo no segundo dia, em que se deu um incidente já largamente relatado pelos jornais da especialidade.

Foi este incidente provocado pela falta de comparecimento de dois atiradores, que tendo jogado no primeiro dia, não podiam, por motivos de força maior e já conhecidos, jogar no segundo dia.

Terminados os assaltos, o júri reuniu para resolver este caso.

Ainda que em casos já idênticos o júri tenha deli-

berado proceder como procedeu neste campeonato, não podemos concordar com esta solução.

No nosso entender, quando um atirador falta, dever-se-á marcar a esse atirador derrotas em todos os assaltos que tenha ou não jogado.

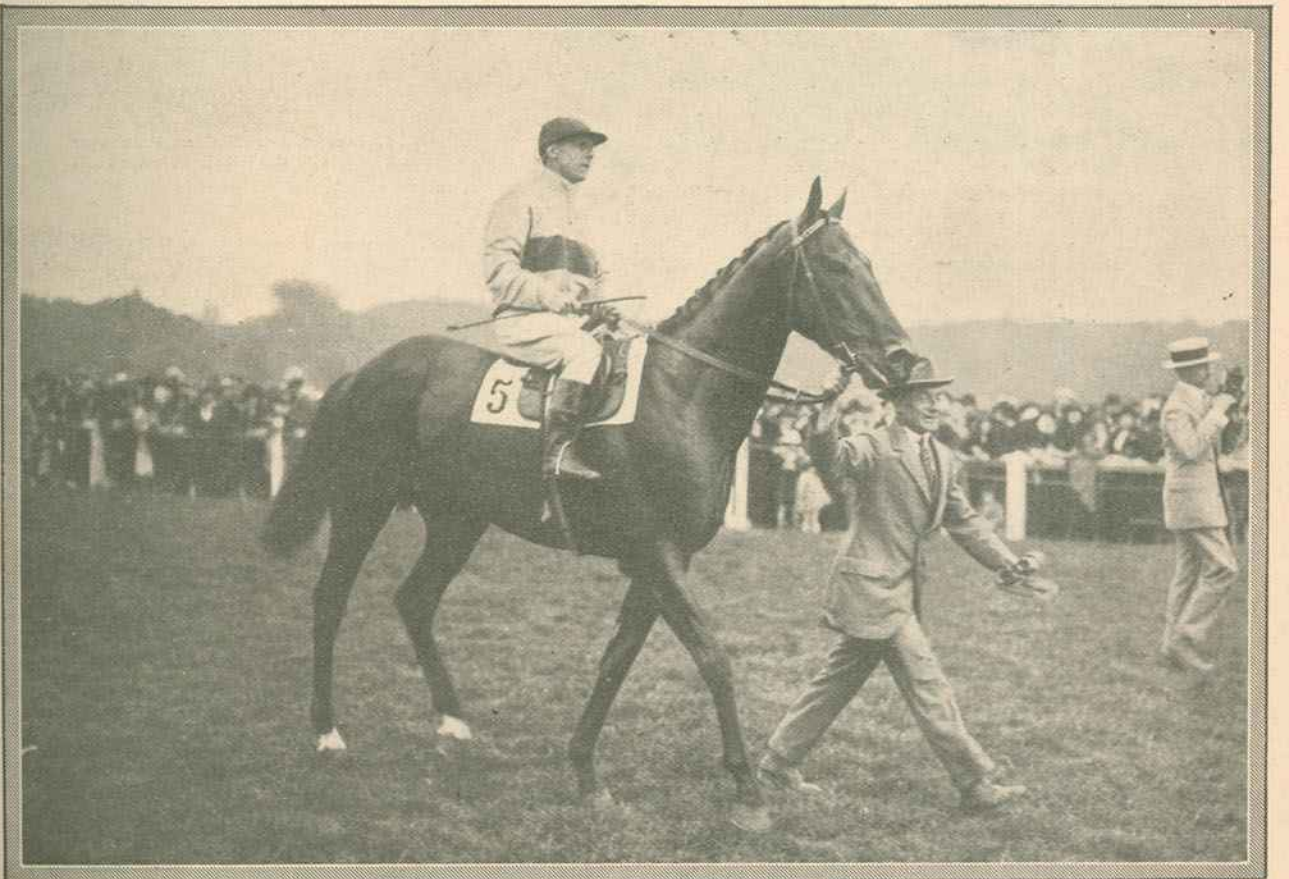
O Campeonato Nacional de Espada não teve o interesse que teria se o júri tivesse adoptado este critério, que, aliás, o regulamento lhe permitia. O primeiro lugar seria disputado no final entre Silveira, Paiva e Noronha, e teríamos assim assistido a assaltos cheios de interesse e de boa esgrima.

Silveira poderia perfeitamente ganhar, pois tem para isso todas as qualidades de um bom esgrimista, e assim evitar-se-iam os protestos junto da Federação, protestos que só veem prejudicar a propaganda da esgrima entre nós.

Não queremos, contudo, terminar esta breve notícia sem felicitar o novo campeão Henrique Cunha da Silveira e o seu mestre e glória da esgrima portuguesa, o professor António Martins.

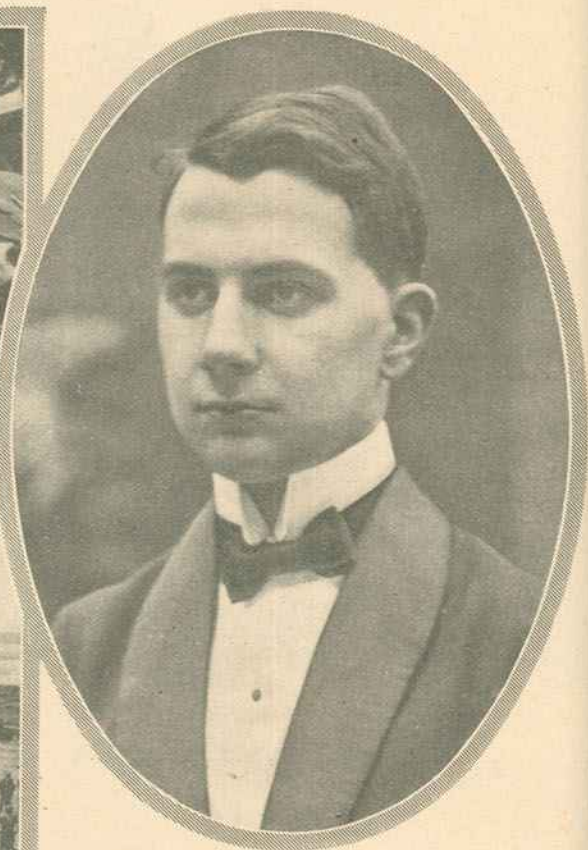


O Raiz Paris-Bassobah. — Os irmãos Arrachart antes da partida. — O avião «Potrze» que cobriu os 3,375 quilômetros da viagem em vinte e seis horas e meia de voo.



«Take-my-Tip», vencedor do Grand Prix d'este ano. Pertence ao sr. J. Hennessy e foi montado pelo jockey Jennings.

ESTRANGEIRO

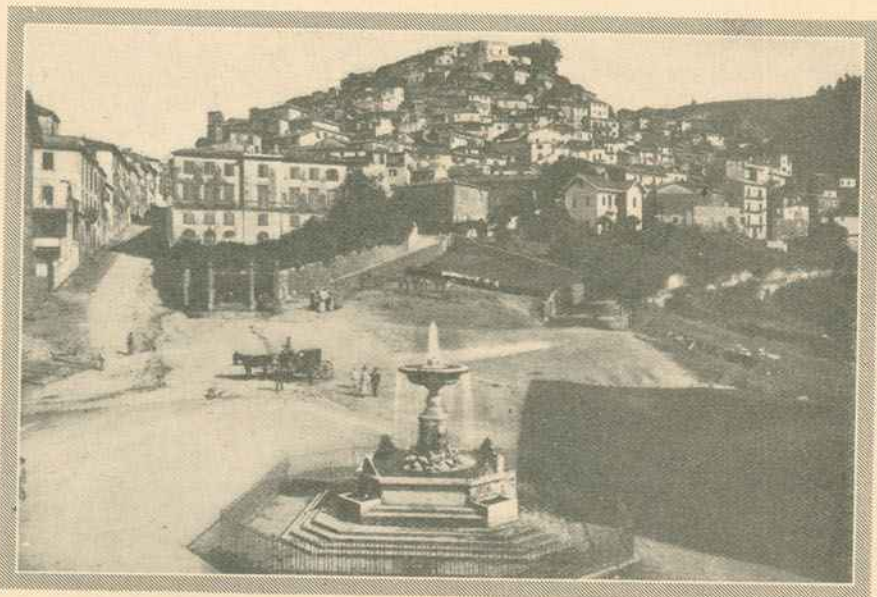


PARIS. — Mr. René Guillon, o classificado em primeiro lugar no Concurso de Música conhecido pelo «Grand Prix de Rome»

PARIS. — A visita dos soberanos espanhóis; momentos antes da sua partida para Londres, S. M. Afonso XIII conversando com Mr. Briand, presidente do governo francês

ST. NAZAIRE. — A inauguração nesta pitoresca praia do Monumento Americano, que celebra a fraternidade firmada, nos dias da Grande Guerra, entre os dois povos. Aspecto geral da cerimónia

ROCCA DI PAPA, uma das mais atraentes estações climatéricas de Itália. Nas visiohanças de Roma e oferecendo ao turista fascinantes panoramas, este, ao percorrê-la, desde a fortaleza,



no alto, até à Piazza Margherita, que ostenta artística fonte, tem ensêjo de passar os olhos por edificios que testemunham a vida do povoado em três épocas distintas: a romana, a medieval e a moderna.

C O V A R D I A

As respostas falsamente animosas do oficial tinham lançado no espírito de Rodrigo da Silveira a semente desagradável do mal estar. Não havia ninguém no «bar», e aquela solidão, povoada dos tremendos rumores do temporal, pareceu-lhe tornar o perigo mais próximo, mais tangível. A chuva crepitava desabrida nas longas cobertas abandonadas, e o paquete jogava, rolando entre as montanhas de água, que se atropelavam esmagadoramente e desabavam em avalanches de espuma.

Fugindo à solidão do «bar» o rapaz recolheu ao conforto têpido do seu camarote de luxo. Uma onda trovejou batendo o costado de ferro e, assustadoramente, o navio inclinou a barlavento. Um súbito espasmo de medo torceu-lhe as entranhas; praguejou contra o destino. Mas não era a tempestade que o preocupava. O «Arizona» podia desafiar todos os furacões do Norte-Atlântico; era a existência pressentida, adivinhada, de qualquer misterioso perigo que o pessoal de bordo se esforçava por esconder. De sotavento a barlavento, de pôpa a proa o grande navio rolava e afocinhava rompendo mar entre explosões de espuma.

Com um cigarro apagado entre os dedos, tentando afugentar as sugestões do medo, Rodrigo da Silveira pensava na sua vida. Desde que se conhecia, tudo lhe corraera sem obstáculos, tão facilmente, com tanto brilho. Quasi sem fortuna, apenas com o seu nome e o talento de agradar, vivera sem lutas, nem cuidados, nem trabalhos. Depois, um acaso pusera-o frente a frente com Lilian, a filha de Danvers — o Danvers do trust do cobre — cinquenta milhões de dollars! — Ah! o destino rasgara-lhe uma soberba aberta nos matagais da vida. Dum flirt divertido nascera em quinze dias uma paixão sincera. Pouco mais tarde era aceite pelo velho Danvers, que escutava o seu trémulo pedido com um sorriso sarcástico de bom humor: Miss Danvers queria? Miss Danvers perdera a cabeça e mandava? fôsse feita a sua vontade, o velho Danvers não opunha obstáculos — O trust do cobre permitia todos os luxos. Noivo duma herdeira absurdamente rica, linda, brilhante, amável, que carreira a sua! Que vitória! O novo mundo esperava-o. Ia conhecer a sua nova família, a sua segunda pátria. Dentro em dois meses, o casamento — e faziam a viagem juntos, a bordo do Arizona. Que marcha triunfal!

Obscurecendo a vigia gotejante as trombas de água rugiam. O paquete lutava nas lufadas gigantes, e no conforto quente dos camarotes gente amaldiçoava o tempo e scismava com vaga inquietação no aspecto grave e discreto da officialidade.

Ninguém se vestiu para o jantar. No grande salão deslumbrante duas dúzias apenas de passageiros. Estontada pelo forte balanço Lilian não apareceu, e o velho Danvers consolou Rodrigo da Silveira narrando-lhe peripécias da sua vida extraordinária.

Terminado o jantar, foi bater à porta dos aposentos de Miss Danvers. Não a viu, a criada ciciou-lhe que estivera muito incomodada, e que dormia. Ao retirar-se pelos estreitos corredores estacou farejando, ansiosíssimo — Cheirava a chamusco! — o coração saltou-lhe à garganta; o seu terror indeterminado tomava súbitamente corpo: Fogo a bordo! — Chamou. Um «stewart» acudiu. Instado o homem farejou, simulando despreocupação; sorriu, concordou casualmente: decerto qualquer trapo que ardera na engomadoria, e obedecendo corajosamente a uma nobre disciplina escapou sob qualquer pretexto ao interrogatório. Até as onze horas o rapaz gastou o seu nervosismo crescente, rondando pelas salas e pelo «bar», bebendo whisky, interrogando baldadamente oficiais e criados que lhe respondiam dum modo evasivo. Uma surda inquietação lavrava na maioria dos passageiros.

— Fede a catástrofe! — galhofou um homem gordo ao passar por Rodrigo, e Rodrigo teve-lhe ódio! E tudo rangia e vibrava, e o vento uivava infinitamente, e os mares sombrios assaltavam o paquete esmagando-se contra o casco em tremendos jactos de espuma.

Rodrigo da Silveira recolheu ao camarote. Tornou a certificar-se que pertencia ao escaler de socorro n.º 8, não se despiu, não se deitou; incomodadamente instalado numa poltrona, caiu por fim nos tentáculos duma má sonolência cortada de estranhos pezadelos.

As duas da madrugada despertou brusca-mente, o coração solto no peito, o pânico no cérebro. Alguém passara de corrida no corredor, uma porta estalou. Com torpeza o paquete rolou a barlavento, as turbinas roncaram num diapásio mais alto. Sem coragem sequer para acender a luz, as mãos crispadas nos braços da poltrona, ouvia nascer um longuinho rumor. Um longo, horrível momento, esgotou-se no tempo. Passou a mão sobre a testa, e, de repente, alto e trágico, um terrível grito de mulher varou o silêncio interno do Arizona. Como para responder-lhe, a sereia rouquejou ao vento tempestuoso uma sonora e longa chamada de perdição — calou-se, recomeçou. A mulher tornou a gritar, desesperadamente, e um claro toque de clarim rompeu no corredor. Descomposto de horror, Rodrigo da Silveira lutava contra o fecho da porta. Encontrou-se fora, repeliu violentamente um homem que corria. O demónio histórico do medo mordera-lhe o coração, tomara conta dos seus actos. Ia às cegas, num sonho de sonâmbulo, alucinado, tomado duma ideia fixa: Salvar-se! Noiva, amor, futuro, ambições, tudo sossobrava na vertigem de covardia que assolava a sua razão; e sem se ouvir proferia blasfêmias, lamentos, implorações. Sob a luz fria da electricidade uma torrente humana enchia do seu desespero os estreitos corredores. Atropelava-se furiosamente, buscando espaço, esmagando-se, lutando. Sem tréguas, ensurdecedoramente, a sereia rugia, e aumentando a confusão o paquete rolava e jogava brutalmente. Nas toldas, açoiadas de vento e chuva, a tragédia tornava-se indiscriminável: a noite cerrada, o deslumbramento dos projectores subitamente acesos, os rugidos da sereia, as pancadas do mar e as vastas explosões de espuma aumentavam o terror. Tódá a gente refluiu para a ré, gritando, chamando, praguejando. As escolilhas de proa vomitavam torrentes negras de fumo onde bailavam e dardavam fulgores de labareda! — Fogo a bordo em noite de tempestade! — De revólver em punho, metódicamente, penosamente, oficiais auxiliados por homens de boa vontade separavam e guiavam com rogos e ameaças o rebanho desvaído:

— Mulheres e crianças primeiro! — bradavam — Há lugar para todos e socorro à vista! calma! calma! — formavam-se devagar núcleos de obedientes, mas a maioria vagava errática, surda e cega.

Ao clarear da manhã foi transmitida a ordem:

— Aos escaleres! — E apesar dos esforços frenéticos dos oficiais, a luta em volta dos barcos foi pavorosa. Entretanto, apurada, correcta e serena, a banda do «Arizona» formada na tolda dos salva vidas, tocava magnificamente os compassos lentos do «God save the King».

Morria-se! — Os escaleres baixavam dos turcos ao mar em condições desastrosas, o estado do oceano mal permitindo a manobra.

Escaler n.º 8! Onde está o escaler n.º 8! — e um homem desvaído, de olhar louco, debatia-se com violência ao centro dum cacho de gente. Era Rodrigo da Silveira. Contendo o assalto, um officialito de vinte anos brandia o revólver e ria e gracejava repetindo: — Ladies, first! — E praguejava, também, pondo a todo o momento a bôca da arma à testa dos impacientes.

Um grito de mulher, grito de alívio, de suprema alegria, e os dois braços de Miss Danvers prenderam-se desesperadamente, reconhecida-mente, ao corpo do rapaz:

— Deus louvado és tu! Salva-me, meu amor! — Mas o homem nem a reconheceu; objecto, medonho, gaguejava: — Escaler n.º 8! — e tentava

desprender-se, repeli-la. Mas, feliz no seu terror, ela colava-se a êle:

— Deus louvado! Se tiver que morrer, morro a teu lado!

Ele não a ouvia:

— Largue-me! Maldita seja! Largue-me!

E, de repente, rouquejando uma praga infame, soltou um braço, e furiosamente esmagou o rosto pálido com um murro brutal! Um grito inexecedível de horror inominável respondeu à covardia sem nome, e Miss Danvers, o rosto numa máscara de sangue, caiu para trás nos braços do oficial que, com um brado de cólera a recebeu e sustentou fazendo simultaneamente fogo contra o covarde. Sob o choque do projectil Rodrigo da Silveira cambaleou, um refluxo de gente stirou-o para trás, tropeçou num calabre e caiu.

Quando voltou a si, 24 horas mais tarde, estava prostrado num beliche húmido e pobre; esmagado, um ardor de ferro em braza mordendo-lhe a carne dum ombro, vago, estontado, a memória naufragada num torvelinho de lembranças indistintas e monstruosas. Ergueu-se, impetuosamente. Agarraram-no, mantiveram-no, sossegaram-no. Estenderam-lhe um copo de água-ardente, bebeu com avidez. Congratulavam-no, sorriam-lhe. Uma infinita alegria amoleceu-o — salvo! — Fôra recolhido por milagre, transportado a bordo do carvoeiro «Port of Spain» que grandes serviços prestara de socorro. Dentro em dois dias aporariam a New-York. Era a sua eterna e boa sorte! Mas, no fundo da sua memória havia um ponto negro que o assombrea, tão inconsistente, contudo, que o ponde afugentar com um simples encolher de ombros. Subitamente, lembrou-se de sua noiva, fez perguntas ansiosas. Sorrindo-lhe sossegaram-no, Miss Danvers fôra salva, estava a bordo, ferida sem gravidade, coisa de nada; felicitavam-no obsequiosamente, servilmente. Já se sabia, outros passageiros tinham dado informações, êle não era Rodrigo da Silveira, era o noivo da filha do velho Danvers! Deram-lhe roupas, ajudaram-no a vestir-se. Falou do seu ferimento: um tiro? Quem o desfecharia? E uma nuvem toldou o seu espírito. Tentou recordar-se — mas, tudo era o caos na sua memória.

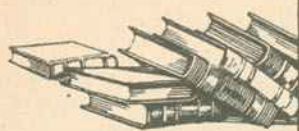
A tardinha, finalmente, foi chamado para o lado de Miss Danvers. — Foi, e o coração batia-lhe no peito, de esperança, de felicidade.

Sobre um beliche pobre a filha do magnate jazia, branca de cera, com dois olhos que ardiam acesos pela febre, e o seu lindo rosto estava desfigurado, contuso, roxo, sanguinolento. Sentado a seu lado, com uma das finas mãos nas suas, o velho Danvers falava-lhe baixinho. Ergueu-se bruscamente, cruzando os braços, quando o rapaz entrou. Uma onda de sangue incendiou as feições dolorosas de Lilian; custosamente, amparando-se sobre um pulso sentou-se no beliche. Os seus olhos fixaram-se implacáveis, cheios do mais absoluto desprezo nos olhos de Rodrigo, que estacara, encolhido, varado por uma horrível e brusca recordação. Ela estendeu o braço, apontou-lhe um dedo inflexível, e, na presença daqueles que assistiam ao encontro, disse, glacialmente:

— Esse homem é um covarde! que vá!

— Vá! — rosou surdamente o velho Danvers.

No silêncio constrangido que se fizera, Rodrigo da Silveira saiu. Ninguém o acompanhou. Com o passo incerto, como se arrastasse o péso da sua infinita vergonha dirigiu-se para a ré. Encostou-se à amurada; um véu parecia-lhe desenrolar-se diante dos seus olhos, cerrando-lhe todos os horizontes, e via, numa alucinação, as longas serpentes de espuma que fugiam referendo ao comprido do costado. Assim demorou, sem se mover, um tempo indefinido. Sem poente, afogada em brumas de infinita tristeza a noite caía devagar. Olhava para o futuro, e tudo eram névoas. A sua sorte findava ali. Curvou-se para o mar. As ondas pardas cavavam-se, cresciam e desfaziavam-se em longas fitas de espuma que refluiam obliquamente. Teve medo — curvou-se mais, abriu os braços e, com um gemido de terror, deixou-se ir...



Livros e Escritores



BEM poderia este livro do sr. Anselmo Vieira, *A Crise Nacional*, sub-titular-se de «A dolorosa Paixão da Terra portuguesa», tão pungente e confrangedora é, por vezes, a verdade com que, a nossa agitadíssima vida como nação durante os últimos decênios, nele é retratada... Se, por desgraça nossa, não estivéssemos convencido de que Deus fez as nações tão curáveis como os indivíduos, farto material tiraríamos de *A Crise Nacional* para desânimos e incredulidades... É que da leitura do compacto livro do ilustre publicista, imediatamente se verá que pouquíssimos países terão errado tanto como o nosso e que, longe estando nós ainda de acabar de vez com erros funestíssimos, de pasmar é que o país tenha resistência para tanto, a não ser que se admita como já alguém aventou que a História de Portugal vive do milagre!...

Não é aqui, evidentemente — visto tratar-se dum campo neutro — que poderemos, como era nosso desejo, discutir o livro do sr. Anselmo Vieira, expor os motivos que nos levam a concordar com o autor muitas vezes e discordar algumas. Seja-nos porém lícito frisar que se trata dum obra que nada tem de vulgar, escrita com elegância de linguagem, *sine ira nec studio*, e patenteando conhecimentos, erudição e bom senso por demais apreciáveis. Mas, exactamente porque isto dizemos usando dum imparcialidade a que o duro ofício de escrever nos obriga, é que de igual modo nos julgamos no dever de manifestar a nossa discordância acerca do modo por que o sr. Anselmo Vieira, possivelmente influenciado pelo pessimismo de Oliveira Martins, aprecia o século XVI. A inquisição, os jesuítas, os Índices expurgatórios, o anti-semitismo, contra os quais o sr. Anselmo Vieira parece erguer-se por mais duma vez — embora de leve e sempre com um aprumo que faz minguar infelizmente a vários publicistas em ocasiões similares — não os aceitamos como causas próximas ou remotas sequer da nossa decadência. Bem sabemos que como tais os não apresenta declaradamente o sr. Anselmo Vieira. Mas é inegável que nenhuma simpatia lhe merecem. Ora a inquisição, cavalo de batalha de vários parolheiros sem mitos — e até de réles falsificadores da História como o celeberrimo Llorente! — tendo começado por ser em Espanha o complemento da conquista e assimilando-se, portanto, à luta contra os mouros, foi por assim dizer uma exigência da própria nação e serviu para lhe defender contra os intrusos a sua unidade. Entre nós a sua influência — francamente desejada e aplaudida pelo povo que via em mouros, judeus e protestantes deslealíssimos adversários — foi similar e, valha a verdade, impediu que inteiramente nos descaracterizássemos, salvando tanto quanto possível a unidade da raça. E por maiores que suponhamos os excessos do célebre tribunal, não são eles nada quando comparados com as perseguições ferozes desencadeadas na Alemanha por Lutero, ou Calvino em Genebra; por Henrique VII e Isabel na Inglaterra (tão brutalmente cruel foi o citado monarca que os ingleses ainda hoje chamam, ao Diabo, *Old Harry!*...); por Cristiano II na Dinamarca e Gustavo Wasa na Suécia; por Joana d'Albret na Navarra; pelos huguenotes e, acima de todos, pela Revolução Francesa, a qual, em nome da Liberdade, Igualdade e Fraternidade — êle sempre há nomes muito enlameados! — matou só em três anos muito e muito mais do que a Inquisição em mais de trezentos... E, — já em nossos dias, — não foram a instauração e repressão da Comuna uma verdadeira hecatombe?

Quanto aos Jesuítas e aos Índices expurgatórios não os poderemos igualmente aceitar como factores de decadência, aliás fica sem explicação que, durante a sua completa vigência, a li-

teratura espanhola e as suas Belas-Artes tivessem o seu *Siglo de oro*... Também na França e na Itália, aonde os jesuítas dominaram inteiramente, é o período dêsse domínio que marca a aparição de quanto do melhor conta a extremada cultura dêsses países. E, entre nós — pondo de parte o professorado insigne com o qual a tão caluniada Companhia dotou as nossas Universidades — não impediram os jesuítas, apesar-da malevolência que vulgarmente se lhes empresta!, nem tão pouco os Índices expurgatórios, a aparição dum Francisco Manuel de Melo, dum Bernardes, dum Vieira e de muitíssimos outros que longo seria citar... Quanto ao anti-semitismo é um fenómeno de todos os tempos e mesmo de hoje: digamos até, com toda a franqueza, que não falta lógica a êsse movimento se atendermos a que raríssima é a tentativa desnacionalizadora e sangrenta em que não entra em nossos dias o elemento semita. Bastará citar o bolchevismo húngaro que encharcou de sangue as desventuradas terras de Santo Estevão... E o bolchevismo russo? e a radicalíssima política de certos países muito nossos conhecidos?



Anselmo Vieira

Claro está que o humilde autor destas linhas não pretende nem por sombras dar lições a quem de sobejo lhas pode dar — e é o caso do sr. Anselmo Vieira... Tudo o que acima fica, mais não é do que a manifestação dum ligeira discordância que a nossa norma de imparcialidade nos exige. Porque, as causas da nossa decadência, as verdadeiras, essas amplamente as indica o sr. Anselmo Vieira baseando-as na política de traficância e rebaixamento moral que se seguiram aos descobrimentos e conquistas. E diga-se desde já que é com uma notável elegância de frase e com uma forte cópia de conhecimentos, que a pena do sr. Anselmo Vieira traça o quadro, por demais confrangedor, da nossa decadência, aproximando-o depois do espectáculo desgraçado que nos oferece a sociedade de hoje. E aqui nos ocorre imediatamente o perguntar o que seria essa decadência desde que, entre nós, lhe não opussem — ou tentassem opor — uma barreira os elementos que se pretende apontar como seus factores!... Mas, passando adiante, note-se a verdade e o brilho com que o ilustre publicista analisa o convulsionado período contemporâneo, guiando-nos com mão segura por entre um inferno de paixões e ignominias, erros e malevolências, loucuras sem termo e torpezas sem conto. Ninguém, de boa fé, jamais poderá negar que o sr. Anselmo

Vieira foi um expositor fiel e um crítico azizado do vergonhoso espectáculo por nós dado à Europa vai já para um rôr de tempo. A nossa crise actual tem no autor em questão um crítico sagaz e amplamente autorizado: aqui lho diz humildemente quem, por certo, não concorda por inteiro com algumas, poucas, das suas afirmações... Mas é um livro, aquele a que nos estamos referindo: ampla e salutar poderá ser a lição que dele se queira tirar. Proveura a Deus que, numa época em que a literatura de por-carías sexuais se tornou moda ignominiosa, os moços do meu país lessem a obra do sr. Anselmo Vieira!

A êsse grande espirito de sábio português que foi o Dr. Silva Cordeiro, ouvimos nós em certa ocasião, e a propósito do cérebro dum lente seu colega:

— Ah, o Adolfo Coelho... Bem sei, bem sei. É muito fino e sabe muito. Mas a cabeça dêle dá-me a impressão duma mercearia aonde o cêbo de Holanda está ao pé da marmelada!...

...Veiu isto hoje à minha memória quando fechei a última folha das *Impressões Sociais* do sr. Pereira Vitorino... Vê-se que o autor em referência leu bastante, mas que digeriu muito mal o que leu: percebe-se que o sr. Vitorino está a muitas léguas de ser tolo, mas também se deprende da leitura do seu livro que facilmente engulirá, desde que isso agrade às suas predilecções sociais, quantos farpados carapetéos lhe queiram propinar os sábios de cutilquê... O sr. Pereira Vitorino pertence ao número daqueles indivíduos cuja sensibilidade afoga e domina a inteligência: à semelhança do célebre ideólogo genebrês, o sr. Vitorino cultiva os seus «fantasmas» e acaricia o sonho que elegeu, muito embora a razão tenha motivo que farte para protestar. Assim, o livro do autor em questão, lembra a frase do meu saudoso lente e amigo: as *Impressões Sociais* têm de tudo e até, quando calha, coisas boas, mas quasi sempre domina o cêbo de Holanda que é, como sabem, manteigueiro... Para lhes darmos aos senhores uma idea do livro, só diremos que o sr. Vitorino fez uma viagem à roda da sua vida e nos veio depois contar o que viu, aprendeu, amou e desejou na existência. O caso poderia ter muito interêsse desde que, possuindo sempre cada qual uma tragédia na sua alma, o sr. Vitorino nos soubesse contar a sua. Ora o sr. Vitorino dispersa-se, mistura alhos com bogalhos, discreta a propósito de tudo, tateia no vácuo e as suas impressões sociais vão desde o idealismo de Kant, e o *Eu, Não-Eu e Sintese* do Hegel, até às considerações acerca dos burros da Beira: desde a fortíssima óscara do aristotelismo até às pequenas do Mondego... Parecerá, à primeira vista, que estamos fazendo espirito, mas é assim mesmo. De modo que, o livro é descosido, falho de contenção, de raciocínio severo e firme, de disciplina da inteligência: é um autêntico armazém de secos e molhados. Para mais, o sr. Pereira Vitorino, cuja leitura filosófica e científica é bastante extensa, é dum sectarismo atroz e não tem dúvida alguma em reeditar estafados lugares comuns desde que êles sirvam para atear o fogo do sonho vermelho que tanto lhe aprás. A Companhia de Jesus leva bordoadas velhas, contra a mesma reeditando o sr. Vitorino argumentos que tiveram larga extracção nos comícios e sessões do Registo Civil; o catolicismo também aguenta com a sua tapoznaza, porque assim o exigem os fantasmas rousseuistas do sr. Vitorino, muito embora a verdade saia bastante mesquinha das objurgatórias do aludido autor.

Há mesmo páginas que, se nos fôsse permitido um humilde parecer, aconselharíamos o



CARLOS REIS—Os bezerros

sr. Vitorino a suprimir desde já, dando-as como não escritas e retratadas: *verbi gratia*, aquela em que o aludido senhor afirma ter o concílio de Mâcon, em 585, discutido se a mulher tinha natureza humana... Essa, sr. Vitorino, essa é que não pode ser: é mesmo muito calva, permitam-nos o termo! Nos nossos saudosos tempos de estudante tivemos ocasião de passar os olhos sobre as actas do aludido concílio, — e de ver que, a verdade, por forma alguma se compadece com a lerdia sandice posta a correr mundo e da qual também se fez eco o sr. Vitorino. Ora esse trecho das actas, — e que não reproduzimos em latim porque, já lá vai um par de anos, a nossa retentiva é ainda pior que a do Mestre Gil, e não possuímos presentemente edição alguma de que nos possamos socorrer, — esse trecho diz o seguinte: *Howe também um certo bispo que disse não se poder designar a mulher pelo termo «Homo»; mas deu-se por satisfeito quando alguém lhe disse que o termo em questão tanto designava homem como mulher*, etc. E deste teor o sentido do latim das actas. Quer dizer: o hom do bispo ignorava que o termo *homo* fôsse epicoeno, como de resto ainda hoje, e nas línguas que conheço, a qualidade do vocábulo *Homo* é igualmente epicoeno. Tratava-se, pois, de um rigorismo de terminologia e nada mais. Pois daqui tiraram vários indivíduos mal intencionados a balela de que os bispos do concílio de Mâcon tinham recusado alma às mulheres; e veio depois o sr. Vitorino e deu uma nova interpretação dos textos latinos: o concílio havia discutido se a cara metade de cada um tem natureza humana... Pois muito sentimos, sr. Vitorino, sentimos imenso que, tão laboriosa congeminação, se vá abaixo com dois sopros... Não, sr. Vitorino, nunca ninguém da Igreja negou alma ou natureza humana às mulheres!... E, quanto a nós, além d'esses dois predicados e da sua formosura — pois que, depois do sol, Deus nada criou que fosse tão belo — ainda lhes conferimos outro: o de serem às vezes da pele do diabo...

... Exemplo: as sogras!

É a classe dos esculapinos aquela que, durante toda a minha vida, com maior soma de surpresas me tem estarrecido. A primeira ideia que um pobre de Cristo faz do médico é a duma criatura secca, positiva, fria, mexendo nos ossos e tripas dum fabiano com a mesma semcerimônia com que o caixeiro da mercearia mede um litro de grão: em tempos, só a vista dum médico deixava-me passadinho de todo e mentalmente, eu resava logo o acto de contrição para o que



Henrique de Vilhena

desse e viesse. Fôrça é, porém, dada a logica dos factos, modificar semelhante opinião pejorativa... Dentre a legião de médicos meus conhecidos, todos êles distintísimos e que, em tempos me obstinava em acreditar simples matasanos, distinguirei os seguintes que me têm deixado boquiaberto de puro pasmo: um cuja vida se passa entre semicolcheias e que é capaz de ir ao inferno se o diabo fôr regente de orquestra; outro que se esgueira lèpidamente ao

trato com os gafados de mal gaulês, preferindo-lhes o estudo das origens da pintura dos primitivos; um terceiro que só me atura as neuras tenias se os estudos de história para isso lhe dão lazeres propícios; um quarto que é talvez o nosso primeiro jornalista, e ainda um quinto, equitador de primeira plana, conhecendo pôtros como um cigano de marca maior, anseando por viver apenas entre toiros no seu Ribatejo natal, escrevendo com sangue páginas que espirram vida, e capaz de ir a cascos de rôlhas só para defender o Cañero... Agora surge o sr. Dr. Henrique de Vilhena, que é uma alma de artista, um dos nossos mais distintos anatomistas — dizem, porque eu, dessa regedoria não percebo nada — e que, sendo um correctíssimo fazedor de prosa, escreve *Cartas de amor*... Êstes médicos são, em verdade uma boa mina de surpresas... Quem nos diria a nós que um homem que enceleirava craneos, como o pobre Ferraz de Macedo, deixaria os rouxinóis picarem-lhe a barba para fazer o ninho; ou que, um outro, lidando com tibias, ou descrevendo os músculos sub-cutâneos da cabeça do próximo, escreveria, — exemplo: o sr. Dr. Henrique de Vilhena — um romance de amor?... Pois é assim mesmo!... E, então vamos nós lá ao romance em questão!

Escolheu o sr. Dr. Vilhena a forma mais difficil do romance: aquella que se baseia apenas em cartas. Já mais acima deixamos escrito que o sr. Dr. Vilhena maneja a prosa com toda a correccão, disto sendo prova as suas *Cartas de amor*. Entrando porém na análise do romance, e pondo de parte quer o enredo, vulgarissimo caso de adultério; quer a sua mais que duvidosa moralidade — isto é uma simples opinião nossa, é claro — a primeira difficuldade que se nos depara é saber qual o caracter do protagonista masculino, Flávio de Montemor, não nos restando senão o da heroína, Emilia Landal. Esta é um puro caso de romantismo, uma daquelas criaturas ás quaes Barré chamava *esclaves frémissantes de la sensation*. Se o sr. Dr. Henrique de Vilhena nos quis apresentar o último Abencerragem feminino do amor palavroso e descabelado do Romantismo, diga-se em abono da verdade que, plenamente, conseguiu o seu propósito; Emilia Landal é horrivelmente bem falante, incapaz de séria reacção, ao sabor das sollicitações do sub-consciente e, a-pesar-do tom das suas palavras, mais vivendo pelo sexo que pelo espirito. Falta-lhe naturalidade nas suas cartas, exercícios com palavras a que são alheias a sinceridade e firmeza de expressão. Veja-se para exemplo, e entre outras, a carta LVII, que encerra o seu testamento; compare-na com a pior das cartas de Mariana Alcororado — tão cheia de dolorosissima verdade! — e digam-nos se não temos razão. Ora, como nos é impossivel acreditar que as epistolas de Emilia Landal sejam o reflexo do espirito do sr. dr. Vilhena, segue-se que o autor nos quis apresentar um caso de deliquescência romântica e, nesse caso, repetimos, conseguiu o seu propósito. Seria curioso, porém, que as cartas de Emilia Landal fôsem acompanhadas pelas de Flávio, pois que, então, do confronto das duas almas se poderia extrair a lição completa que nos falta. O que era afinal a psicologia da personagem masculina? As referências que a ela vimos nas cartas de Emilia não no-lo dizem senão de uma forma tão diluida e vaga que, francamente, não podemos decidir-nos por uma affirmacão; a tal respeito, Emilia Landal só nos fala de si, ou dos outros através de si própria. Até nisso é uma representante do romantismo, incapaz portanto de se impersonalizar, e enchendo com verbalismo o que lhe falta em intuição psicologica! Isto, é claro, além da concepção fatalista que a domina, da predilecção pelo número sete, dos protestos — a 1830 — de um amor que persistirá *para além da morte* e da sua inteira submissão ás sollicitações cupideinas do seu organismo... Estamos, pois, em frente de uma criaturinha que as obras dos leões do Romantismo derrancaram no fisico e, sobretudo, no moral. Foi uma representante de semelhantes características que o sr. dr. Vilhena nos quis apresentar, para nosso estudo e repulsa? Nesse caso amplamente o conseguiu, muito embora, sob o ponto de vista da moral — que muito nos interessa — não possamos recomendar o seu livro a toda a gente por haver perigo de que a multidão de tolos e tolas — o número é infi-

nito segundo afirma o rei sábio — o possa ler e degustar, caindo numa simiesca imitação!...

Como exemplificação de teoria amoruda do Romantismo por ela damos, humildemente, ao sr. Henrique de Vilhena o nosso parabem.

Por certo que, aos sábios, preches de erudição, e bastantemente carecas, — e a outros que nem são carecas nem sábios — repugnarão o livro *Cabelos Cortados* do môço escritor Luis de Oliveira Guimarães. Este meu fecondo camarada da imprensa é o tipo autêntico do não-te-rales em literatura; a vida para êle é um espectáculo cômico bom para desopilar a figadeira e, lá chorar é que não vale!... Dêste modo, tudo lhe fornece motivos de prosa e verso em honra de Madama Futilidade que se vê por êle enroupada em conceitos risonhos, calemburgos, situações equívocas e nuvens de reticências maliciosas. É visível para toda a gente, neste e noutros livros do autor em questão a influencia de certos livros do sr. Julio Dantas — em especial *Abelhas doiradas* — e bem assim de algumas revistas francesas que se propuseram meter o bedelho nos segredos do tocador do madamismo elegante... Trata-se, pois, de uma obra que não aspira a perdurar e para a qual, o autêntico sentido de viver, a moral e a arte, são autênticas ninharías, ou celibatárias pupilas do Génio Tutelar das Bagatelas. Tal concepção da vida,



Luis de Oliveira Guimarães

sendo perfeitamente errada, tem, contudo, os seus partidários e um d'êles é o sr. Oliveira Guimarães. Este escritor aspira apenas a divertir-se e a fazer sorrir. Como lhe não faltam divertimentos e elegância, também lhe não faltarão leitores. Por nós, bem desejaríamos ver melhor empregados os dotes que possui o môço escritor. Mas se êle não quer, que lhe havemos nós de fazer aquele estouvado cabeça de vento?

E credor da nossa simpatia este *Para além da Morte* da sr.ª D. Ludovina Frias de Matos. Julgamos tratar-se de uma estreia e muito nos apraz constatar que os sonetos do livrinho referido patenteiam qualidades muito apreciáveis. A comovida e justificada melancolia que neles vibra e anda presa, a verdade que os anima e até o seu quê de arte que os reveste, dão-nos a esperança de que a sr.ª D. Ludovina Frias de Matos será um dia alguém no mundo feminino das letras.

Resta-nos falar de *Um grito de revolta* do sr. Antonio Gomes da Costa Oliveira, colectânea de artigos cheios de juvenil sinceridade; e *Sacrificio inútil*, tentativa dramática em três actos do sr. José Ribeiro Alves Júnior. Este senhor quiz versar o tema difficilissimo da emancipação feminina. A verdade, porém, é que o sr. Alves Júnior foi duma infelicidade a toda a prova e a sua tentativa dramática nem talvez mesmo no Club Simões Carneiro teria êxito!



Feminina



A EVOLUÇÃO

Depois dum período de hesitações e experiências, a moda parece fixar-se no propósito de tornar bem feminina a toilette moderna, suavizando-lhe os recortes duros marcados pelo aspecto demasiadamente severo e rígido dos *tailleurs*, cortados a rigor, e pela linha precisa das silhuetas esguias e direitas. As últimas criações apresentadas em Paris, revelam-nos a preocupação de tornar a linha da silhueta graciosa, leve, ondulante, flexível, para maior e mais harmónico realce do encanto feminino. De momento, é ponto assente, nada de aspectos má-

DA MODA

ferência pelas disposições assimétricas. A roda, nestes vestidos, é geralmente acumulada a um lado, seja por meio do repuxado do tecido e das *draperies* (que voltam a estar em favor) ou dos fartos laços que se armam com certa negligência aparente, dos franzidos e dos *panneaux* soltos, franzidos ou cortados em forma de leque. Dêstes últimos se depreende a ideia de conservar o movimento caprichoso dos *godets* cortados e dispostos engenhosamente, a despeito da intenção, largamente apregoadá no principio da estação, de os repudiar por completo.



culos, de efeitos ou atitudes que lembrem um simulacro de masculinização da mulher. E essa preocupação traduz-se na amplidão das toilettes que nos aparecem bem rodadas, cheias de folhos, franzidos, *panneaux* soltos, *draperies*, incrustações de tecidos cortados em forma, etc. Nas toilettes de cerimónia, a roda é bem visível; nas destinadas a passeio, sport, etc., ou seja, nas toilettes práticas por excelência, a roda existe de facto, mas vêmo-la um pouco dissimulada sob as pregas e machos bem vincados. Nas toilettes de cerimónia, há ainda a notar um pormenor importante: a decidida pre-

Durante o verão, as rendas serão fartamente empregadas, especialmente nos vestidos de cerimónia, onde figurarão artisticamente aliadas com a mousseline, o tecido vaporoso preferido, neste momento, para a composição das toilettes requintadas. A par das rendas, as franjas são também acarinhadas como interessante elemento decorativo da toilette, na qual imprimem uma graça coleante ao mais leve movimento. Uma das novidades mais recentes e que se propõe marcar destaque nas modas de outono, é a ideia de guarnecer as toilettes de cerimónia com peles tintas na cor dos tecidos.

A ELEGÂNCIA NAS HABITAÇÕES DE VILEGIATURA

As vilegiaturas, obrigando à renúncia temporária dos confortos das residências citadinas, impõem-nos, não raro, a adopção dum ambiente contrário aos nossos gostos e hábitos estéticos e às nossas exigências de comodidade. Quantas faltas de bem-estar se suportam nessas habitações de acaso onde nos leva o desejo de repousar o espírito e o corpo, de os prover de novas energias que nos permitam enfrentar corajosamente o período de labutas mundanas e profissionais que se delimita, ante a nossa actividade, nas restantes três quartas partes do ano!

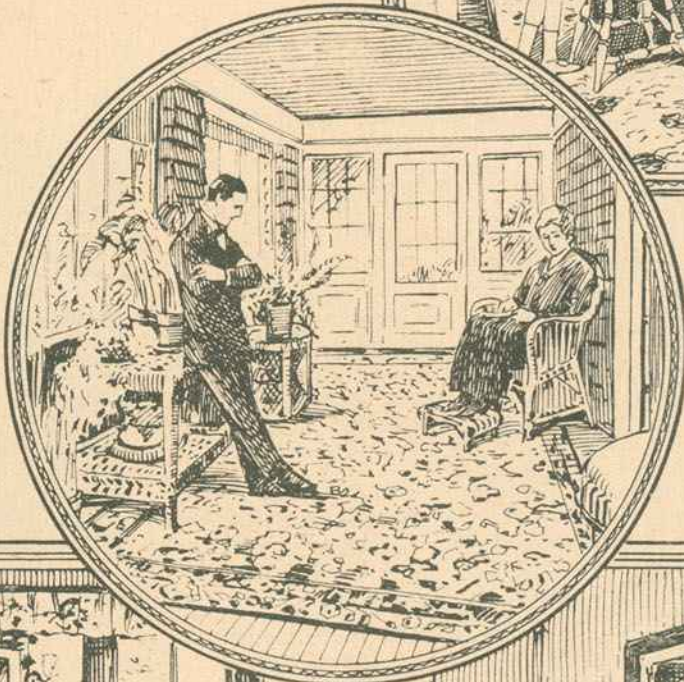
É certo que o ar livre dos campos, os panoramas maravilhosos, ricos de policromias fortes, constituem uma compensação para a pobreza do teto que abriga, um instante, o nosso espírito aventureiro e irrequieto. Mas nem só nos campos se vive.

A preparação dum interior onde nas horas fastidiosas do calor nos recolhemos trabalhando, e à noite a família se reúne em alegre convívio, é condição de felicidade que todas as senhoras deveriam acatar.

É tão fácil, com um pouco de bom gosto e de trabalho, alindar uma casa humilde, torná-la garrida, vistosa, acolhedora, quasi *chic*! É claro que ninguém pensa em transportar para as casas de campo ou de praia, mobiliário rico. Para quê? As sumptuosidades decorativas devidas ao esforço da arte, combinam melhor com o ambiente convencional das cidades. No campo, ante a opulência máxima das galas naturais, só a simplicidade ingénua, espontânea, despretenticiosa, logra realce e côr.

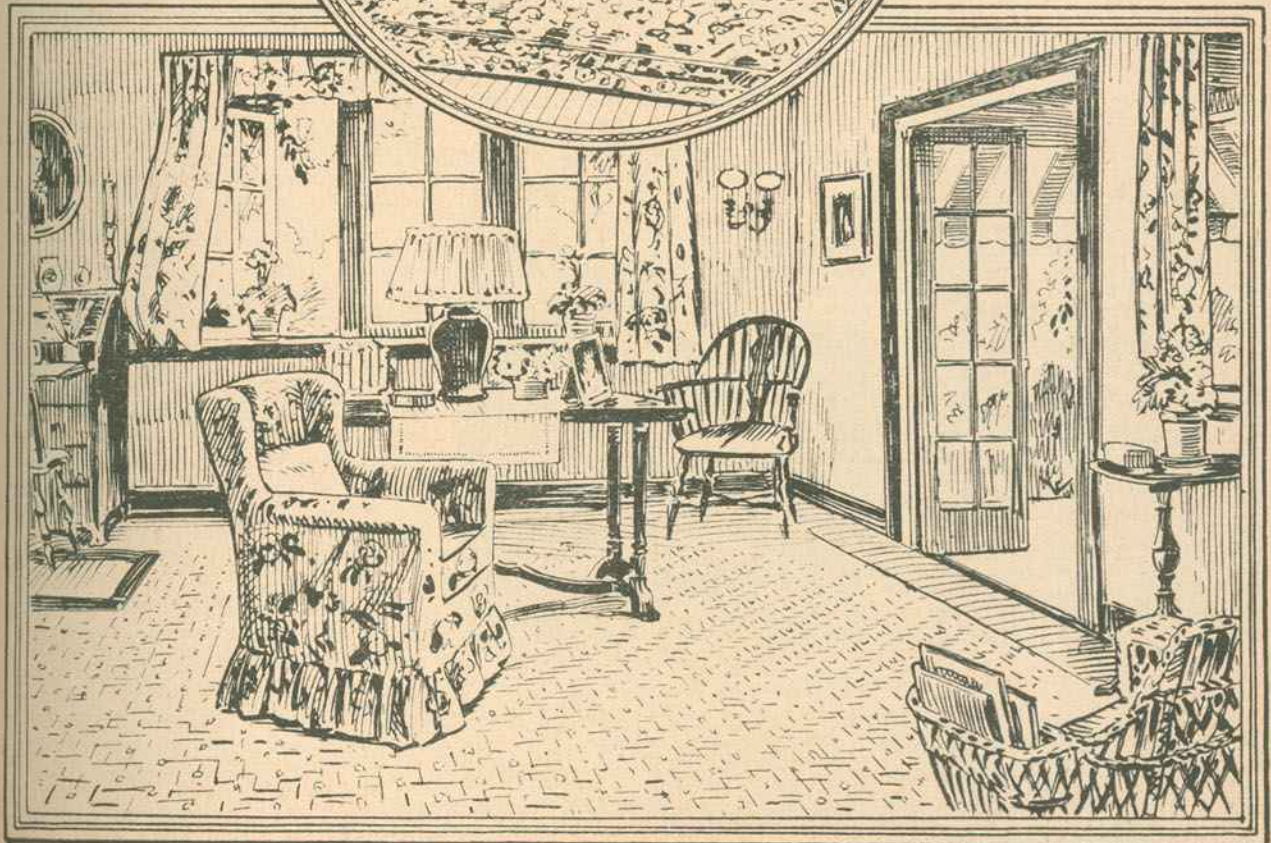
Por isso, ninguém de bom gosto se lembra de atulhar as suas residências de verão com lacas, bronzes e damascos.

As mobílias de vêrga pintadas com *ripolin* de cores vivas, guarnecidas com cretones floridos e



vistosos, e os móveis simples, sem talhas, ripolinizados ou encerados, aliados com viçosas plantas, são os elementos decorativos preferidos para este fim.

E todavia o aspecto geral destas decorações é inegavelmente distinto, confortável, elegante, trazendo a influência dum inteligente espírito de mulher que sabe tirar partido máximo de cousas mínimas, e aproveitar util e sábiamente, os elementos modestos de que pode dispor para adornar o interior da sua casa de verão.



VIDA SCIENTÍFICA

AS ÚLTIMAS EXPLORAÇÕES GEOGRÁFICAS

QUEM tiver o espírito aventureiro dos nossos antigos descobridores de terras encontra hoje limitado campo para a sua acção. Os mares são sulcados em todos os sentidos; voam os aviões sobre os desertos nevados dos polos; exploradores audaciosos trepam aos píncaros das montanhas. Há, porém, ainda, nas regiões centrais da Ásia e da África, sítios mal conhecidos e, o que é mais notável, também os há na América do Norte, um país de esplêndida civilização, actualmente o mais rico do mundo, o que não o impede de ser dos mais cultos.

Há dez anos foi descoberto o chamado «Vale dos dez mil fumos», próximo da península de Alaska, numa região sem comunicações por onde apenas vagueiam algumas tribus selvagens e tendo, como povoação mais próxima, a aldeia de Kodiak, a 160 quilómetros de distância.

Foi assim: A *National Geographic Society* pretendeu conhecer as modificações que uma ormidável erupção vulcânica, em 1912, tinha

a que antigas descrições atribuíam três picos de 2.250 metros de altura, havia tomado nova forma, sendo agora a sua parte mais alta formada por uma larga cratera cujo fundo era constituído por um lago de lava coberto de vapores. À volta de uma dessas expedições, foi descoberto o «Vale dos dez mil fumos»: Um vale imenso, tão largo que a montanha que o limitava ao longe não era mais no horizonte do que uma enorme mancha azul, e por todo esse vale, alinhados muitos deles em filas regulares, centenas, milhares de pequenos vulcões expulsando de si colunas de fumo que subiam até 300 e 400 metros antes de se desfazerem no ar. Era como se ali estivessem juntas todas as máquinas de vapor que existem no mundo e simultaneamente funcionassem as suas válvulas de segurança.

Outra exploração geográfica recente na América do Norte, esta de há dois anos apenas, é a de «Navajo Mountain». A região compõe-se dum amontoado fantástico de planaltos ao longo da confluência do Colorado e do San Juan, e o nome vem-lhe da tribo dos «Navajos», nómadas aparentados com os famosos «Apaches» e que só há 30 anos se dedicam à pastorícia, criando cavalos, carneiros e cabras. Um rico industrial,

de dinamite, para que pudessem passar os animais de carga. O aspecto da região não compensa os esforços empregados para a conhecer: país deserto impróprio para a vida humana e



Em Navajo Mountain



Na proximidade da montanha

mesmo para a vida animal, cuja fauna é apenas constituída por ratos, marmotas, algumas aves, serpentes e lagartos. A água, mesmo, é rara. Encontraram-se alguns esqueletos, supondo-se que se tratasse de índios que ali procuraram abrigo para fugir às tropas que os perseguiram pelas suas sublevações, e que lá encontraram a morte, perdidos naqueles labirintos de rocha sem alimentos e sem água. O sr. Bernheimer ficou, porém, satisfeito com a sua expedição, não só por ter conseguido o fim que se propusera, mas também por ter descoberto algumas habitações de trogloditas. É provável que o exame dessas cavernas dê subsídios valiosos para o conhecimento das raças primitivas que povoaram o continente norte-americano.

Convém notar que o explorador americano só o é em férias, pois dirige uma importante empresa industrial. E este interesse científico, tão vivo que se lhe dedicam não só capitais como também trabalhos e fadigas, tendo muito de americano, deve ser para nós, portugueses, motivo, ao mesmo tempo, de admiração e de inveja.

originado naquelas remotas paragens. Com esse fim organizou várias expedições. Estas, lutando com falta de guias e de carregadores, conseguiram, no entanto, verificar que o Monte Katmai,

Carlos Bernheimer, tentou por várias vezes, de 1921 a 1924, penetrar no planalto. Conseguiu-o por fim, depois de muitos trabalhos, tendo frequentemente de abrir caminho com explosões

CABOUCOS DE PORTUGAL MELHOR

AS «ESPERANÇAS DA PÁTRIA»

ENCOSTANDO-ME ao sociólogo francês Durkheim lembrarei que a educação é coisa eminentemente social. Já se disse que educar é desenvolver em cada indivíduo toda a perfeição de que é susceptível, e os pais entendem, naturalmente, que educar os seus filhos consiste em habilitá-los para serem felizes, no que só em parte se enganam. A maneira mais segura de sermos felizes é sabermos entender com os outros, visto que somos membros de uma sociedade e não poderemos viver em oposição com ela.

Sem o querer, ou pelo menos sem pensar, nisso, a família educa mais para a sociedade do que para o indivíduo, e é até, quasi sempre, melhor educadora social do que a escola. Herdeira, depositária e transmissora de sentimentos profundos, impregnada de tradições e costumes, por si e por eles modela os novos rebentos a que deu origem e que amanhã a continuarão, assim como a sociedade de que fazem parte.

A pesar da especialização provocada pela divisão do trabalho e pela multiplicidade crescente das profissões, apesar das diferenças de ideias sociais, religiosas ou políticas, donde resulta a formação de partidos, subsistem sempre num povo certos sentimentos, modos de pensar, pendores e práticas, a que todas as crianças se acostumam, porque a educação tem de inculcar-lhos, seja qual for a categoria social a que essas crianças pertençam. Nos próprios países onde a sociedade está dividida em castas fechadas e onde até se adoram deuses especiais a cada casta, aí mesmo os há que todos reconhecem como tais. E (conclui Durkheim) como essas divindades encarnam e personificam certos sentimentos, certas maneiras de conceber o mundo e a vida, o que lhes prestam culto há-de por força contrair, *ipso facto*, todos esses hábitos de pensar ou sentir, que excedem a esfera da vida puramente religiosa.

Assim ocorria na Idade-Média, quando os servos, os vilões, os burgueses e os nobres recebiam idêntica educação cristã. E é o que acontece ainda hoje, sob aparências contrárias, porque esses elementos comuns à educação de toda a gente não deixam de existir e de impor-se, pelo facto de se não exprimirem já principalmente sob forma de símbolos religiosos.

Dentro da religião, ou fora dela e até contra ela, foi-se formando em cada nação uma série de lugares-comuns do sentimento e do espirito, relativos a direitos e deveres, à arte, à vida, à própria natureza humana, ao conceito da sociedade e da família, à ciência e ao trabalho; e tudo isso forma um substrato de carácter nacional, sobre que assenta toda a educação, a do rico e a do pobre, a que conduz às carreiras liberais como a que leva aos misteres da indústria e do comércio.

Ora esta homogeneidade indispensável à existência e perduração do corpo colectivo não está fixada aos nossos tecidos, ou materializada nos corpos individuais sob a forma de predisposições orgânicas; e daí vem que é preciso defendê-la, continuá-la, recomeçá-la a cada geração

nova, que vem tomar o seu lugar junto aos maiores, já preparados para a vida em comum.

Podemos pois definir a educação como a influência exercida pelas gerações adultas naquelas que ainda não amadureceram para a vida social, ou, por outras palavras, a *socialização metódica dos mais moços pelos mais velhos*.

Acontece, porém, que esta socialização é e tem de ser sempre um compromisso entre o interesse social ou nacional, e os instintos ou pendores egoístas e particulares, do indivíduo, da família, da classe e por vezes também do partido ou da seita. E a educação será melhor, socialmente considerada, onde e quando as escolas e os hábitos familiares ou nacionais se amoldem mais às necessidades colectivas, do que àqueles impulsos dos egoísmos e particularismos anti-sociais.

Uma nação como a nossa reclama energias que lhe desenvolvam as fontes de riqueza; mas a família, remando contra, encaminha os filhos para as carreiras suntuárias ou parasitárias; e a escola, arrastada por ela, fornece à sociedade mais funcionários, mais oradores forenses ou políticos, do que patrões adestrados no trabalho agrícola, comercial ou industrial, ou pioneiros e desbravadores coloniais, ou emigrantes preparados para lutar e vencer em país estrangeiro. A família actua assim contra a sociedade, e esta estaciona ou decai, naturalmente, sobretudo quando lhe falta uma direcção política bastante inteligente, bastante forte e continua, bastante honesta e patriótica, para corrigir os pendores anti-sociais da família e da escola, ou, por outras palavras, para governar antes com as virtudes do que com os vícios nacionais.

Um país onde o instinto de propriedade se impõe e desenvolveu até o mais alto grau, como por exemplo a França, deixa-se invadir, nos seus círculos industriais ou burocráticos, por doutrinas económicas de colectivismo ou comunismo, inadaptaáveis à quasi totalidade da sua população caracteristicamente francesa. É evidente que tais doutrinas não podem triunfar num ambiente histórico e psicológico que lhes é hostil nos seus próprios fundamentos inalteráveis; mas essas ideias alastram (suponhamos) na classe numerosíssima dos professores primários e de outros empregados públicos, desenraizados do solo e afeitos ao comunismo burocrático; a escola nacional, que o devia ser por excelência, torna-se anti-nacional, e a *socialização* da mocidade far-se há assim talvez no sentido «socialista», porém não no sentido social. O resultado só poderia ser uma paragem na vida colectiva: enquanto o espirito de seita continuar a opor-se ao espirito de nação, esta definhará e perigará, num estado mórbido de guerra-civil organizada. E, assim, teremos não só a família contra a nação, mas a política também contra ela, que é o que tem acontecido em Portugal e continuará a acontecer, enquanto o mal se não curar pelo seu próprio excesso, ou as circunstâncias políticas e sociais nos não proporcionarem um governo forte, duradouro e sinceramente convencido de que as escolas que

temos, sobretudo as secundárias, as superiores e as pseudo-técnicas, produzem em exageradíssima quantidade pessoal para os serviços automáticos do Estado, donde resulta que os governos ou os partidos que prosperam são aqueles que empregam muita gente, sem se importarem de arruinar a comunidade; ao passo que os governos ou os partidos mais honestos, menos esbanjadores, mais hostis ao parasitismo, pouco ou nenhum caminho fazem, porque administram ao arrepio das tendências nacionais.

José Luciano de Castro dizia com conhecimento de causa que «o país não lhe pedia moralidade, mas empregos». Hintze Ribeiro defendeu-se da scisão franquista com o budo burocrático de 1901, um dos mais escandalosos do Constitucionalismo. João Franco, sinceramente empenhado em fazer economias e em governar com honestidade e legalidade, teve contra si a mocidade coimbrã e a parasitagem miúda, que conta do Orçamento sem verba legal. Tirou os nichos a estes e não os criou para aqueles; e estes foram recrutados logo para as «carbonárias» e «choças», e aqueles são hoje, todos ou quasi todos, enxundiosos «tubarões» da República. Não é por possuir melhores ideias ou melhores cabeças que o partido chamado *democrático* tem governado sempre, com breves interregnos, de 1910 para cá. E' porque tem sido o menos escrupuloso em atrair clientela, escancarando os cofres-públicos à voracidade dos seus adeptos, sacrificando a economia nacional à vasta rede de interesses parasitários, cultivando a imoralidade, inventando empregos a torto e a direito, e invadindo a finança e a banca, quando viu que os impostos já não chegavam para tantas encomendas.

Justo é dizê-lo: o país não tem tido, desta maneira, «os governos que merece», porque o país compõe-se, em maioria esmagadora, dos homens que trabalham com os seus braços na terra ou na indústria e que não tem a menor responsabilidade na organização de um ensino público viciado e vicioso. Essa maioria esmagadora é, afinal, esmagada — esmagada pela minoria letrada, ociosa, incapaz de trabalho criador.

O que é preciso, em nome da justiça, é abrir os olhos a esses miseros inocentes, mostrando-lhes que cada capa e batina é mortalha negra de umas poucas de blusas. O que é preciso, em nome do presente e do futuro da Nação, é imitar os grandes reis educadores, que desde o século XIII a fizeram grande e próspera, chamando de fora os mestres para a universidade, os almirantes para a fundação da marinha, os cosmógrafos e cartógrafos para a escola de marear e descobrir, os técnicos para o estabelecimento das indústrias...

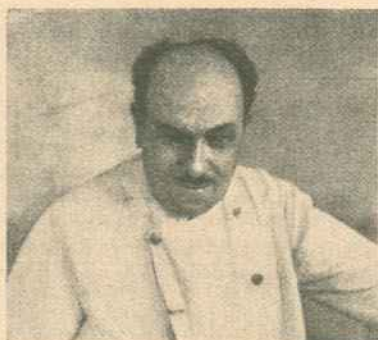
Em quanto isto se não faça, a maioria esmagadora continuará esmagada sob o peso dos impostos, da vida cara, da ruína das estradas, da falta ou atraso de todo o ferramental económico, da emigração miserável que obriga os melhores a sair da pátria sem condições de luta — como gado para o insaciável matadoiro.

AGOSTINHO DE CAMPOS.

A ASSISTÊNCIA INFANTIL EM BERLIM



A. Czerny, professor de doenças de crianças na Universidade de Berlim, onde ocupa o lugar de Heubner desde 1913. A pediatria, em todos os seus ramos, deve a Czerny valiosos impulsos.



O professor L. Langstein, director do Instituto da Imperatriz Augusta Vitória, estabelecimento verdadeiramente modelar, destinado a combater a mortalidade infantil, pela protecção simultânea à mãe e ao filho. «E' preciso construir casas onde mãe e filho vivam juntos, e não orfanatos que os separem»



O professor A. Finkelstein, director, antes da guerra, do grande asilo de crianças e orfanato da cidade de Berlim, hoje a cargo do seu discípulo e eminentissimo homem de sciência, o professor L. F. Meyer. Finkelstein, autoridade mundial em dietética e doenças de lactantes, é hoje o director do grande Hospital de Crianças de Berlim.



A meticolosa preparação dos leites adaptados e dos biberões, na cozinha dietética de Weissensee.

Quem, como nós, visitou estes mesmos serviços há quinze anos, visitando-o agora de novo pôde verificar de uma forma bem nítida qual o caminho percorrido neste curto espaço de tempo e quantos progressos feitos, sobretudo na técnica alimentar e no estudo das distrofias da primeira infância.

A alimentação artificial da criança, tanto no estado de saúde como nos seus mais variados aspectos mórbidos, merece dos pediatras alemães um cuidado, uma observação e um estudo meticolosos, e os resultados obtidos constituem, com inteira razão, o orgulho da pediatria alemã e, em especial, das escolas de Berlim.

Cumprê dizer que esta sciência é de bem recente data, pois o isolamento da pediatria na

A capital da Alemanha, ainda mal feita da convulsão por que a Grande Guerra a fez passar, mantém, todavia, como outrora, a posição de vanguarda no desenvolvimento da puericultura, da pediatria e de tudo quanto, numa palavra, diz respeito à assistência infantil.

Para nós, portugueses, que ainda nem sequer temos um hospital de crianças, e muito menos um verdadeiro centro de puericultura, constituirá uma grande lição ver como a capital da República Imperial, não obstante não ter ainda podido fazer regressar um grande número dos seus serviços públicos à afinação e ao aprumo ali proverbiais antes do tremendo conflito europeu, se não poupa a sacrifícios para cuidar da saúde e da higiene das crianças, como factor essencial do desenvolvimento, e do valor das futuras gerações que elas são.



A vacaria do Hospital de Weissensee, onde a higiene e os cuidados, tanto no valor nutritivo como na captação do leite, são levados a ponto extremo.



Vista do pavilhão central do Hospital de lactantes de Weissensee dirigido pelo professor Reyher, discípulo e antigo assistente de Heubner. Este hospital possui condições verdadeiramente admiráveis para a puericultura, tendo um esplêndido parque, terrenos de cultura especial para obter alimentos ricos em vitaminas, laboratório privativo para o estudo das avitaminoses, vacaria própria e exclusiva para o uso das crianças, disposições especiais para evitar a introdução de doenças infecto-contagiosas. O pessoal de enfermagem é escolhido e instruído com rigor, tendo cada enfermeira a seu cargo apenas quatro crianças. Esta modelar instituição é sustentada pela comuna de Weissensee



Vista de um dos numerosos pavilhões de Buch, hospital de crianças sito no campo, a meia hora de Berlim, para onde são enviados os casos crônicos dos hospitais da cidade. Cada pavilhão está isolado dos outros por um parque onde os pequenos doentes gozam e beneficiam da vida ao ar livre sem perigo de contágio. Os tuberculosos passam, apesar do clima rigoroso, nove meses do ano permanentemente ao ar livre, de dia e de noite. Dirige este hospital o Dr. Ivan Rosenstein, discípulo de Finkelstein

Alemanha, como especialidade, como corpo de doutrina independente, não vai além dos últimos trinta ou quarenta anos. «Sem alimentação artificial a pediatria não tem razão de existir», dizia-nos Czerny, o professor de doenças de crianças da Universidade de Berlim. Bem grande é o alcance social desta simples frase, que encerra todo um programa de ensino. Na verdade, o aleitamento mercenário tende a desaparecer por

completo nos países civilizados, e só o aperfeiçoamento da técnica da alimentação artificial o pode suprir sem grave prejuízo para a criança e para a sociedade, além da defeza à outrance do aleitamento materno, o que, porém, por si só, infelizmente não basta.

Não será tempo de se começar também a encarar esse momentoso problema entre nós, e de se dotarem os nossos hospitais com meios apro-

priados para que possam funcionar também como centros de puericultura? Atendamos a que o conseguir uma ama começa a ser um difícil problema em Portugal. Aquelas poucas que ainda aparecem fazem-se pagar como se o seu valor fôsse o de pedras preciosas.

L. DE CASTRO FREIRE.



UMA RELÍQUIA DA LISBOA ANTERIOR AO TERREMOTO

Quem vier descendo a rua de S. Pedro de Alcântara, encontra à sua direita, logo um pouco adiante do ajardinado belvedere donde se goza um dos mais deliciosos panoramas da cidade, e em sítio quasi fronteiro a calçada da Glória, uma edificação ampla e bela que se esquina para as duas travessas, a *da Cara* e a *da Boa-Hora*.

Interessantíssimo exemplar das vivendas setecentistas, a sua autenticidade cobra-se da leitura da data que a frontaria oriental apresenta esculpida: 1747, isto é, oito anos antes do tremendo sismo que convulsionou e arrasou a capital, e ao qual elle, com mais alguns prédios da vizinhança, pôde resistir.

Dum tipo de arquitectura bem curioso, cativa-nos, sobretudo, os olhos a elegância das suas varandas. A vastidão do seu átrio era também notável, mas hoje esse átrio está já bastante modificado.

Quem fez o risco d'este magnifico prédio, a que Júlio de Castilho, na sua preciosa *Lisboa Antiga*, chama «grande e belo edificio, com todo o carácter de construção nobre urbana do reinado do senhor D. João V.», foi Ludovice, o célebre architecto do mosteiro de Mafra e de muitas mais obras de importância na grandiosidade e no esmero artistico, como, por exemplo a capella da Sé de Évora, tão magestoso nas suas linhas e na riqueza dos mármoreos que a ornamentam.

Este Ludovici ou Ludovice, de origem alemã, pois nasceu em Hohenhast em 1770, vindo a falecer em Lisboa em 18 de Janeiro de 1752, e cujo verdadeiro nome era João Frederico Ludewig, foi muito protegido pelos jesuítas, que sempre tiveram em mira o seu ingresso na Companhia de Jesus. Mas elle preferiu a vida da arte e a larária à sacerdotal, vindo a casar com Clara Morelli, formosa mulher por quem se apaixonou quando estava nos seus estudos religiosos em Roma.

Estabelecendo-se em Portugal e naturalizando-se português, foram-lhe cometidos muitos trabalhos, entre os quais, além dos citados, o d'este prédio de S. Pedro de Alcântara, propriedade sua, onde residiu com a familia. Por isso muito tempo o povo conheceu o edificio por *Palácio do Frederico*.

Segundo apurou Júlio de Castilho, ali esteve em 1810 a officina da impressão da Bula, e em 1830 o quartel da Guarda Real da Policia.

Hoje está dividido em muitas moradias como acontece com tantas outras edificações nobres da Lisboa de antanho.

O ALGARVE

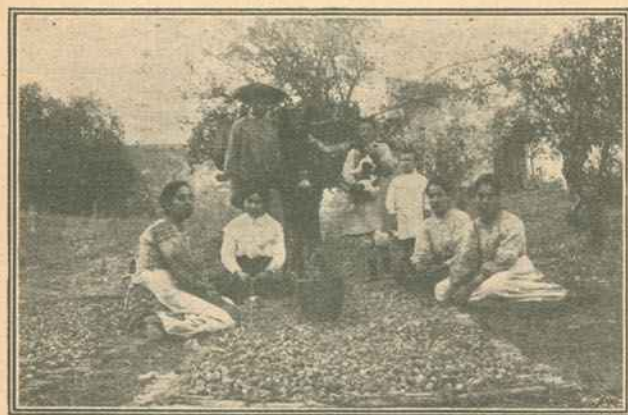
(DA SUA ECONOMIA)

I

A TERRA

ESTA risonha faixa algarvia que desce da serra adusta ao mar azul e bonançoso, é terra de abundante cultura arbórea e susceptível de dar ao país e á exportação alguns mimosos primores.

Pobre de minérios e águas correntes que



Um almoxar de figos

lhe permitam ser largamente industrial, pobre de águas pluviais, a sua economia tem-se cifrado na exploração dos frutos das suas árvores e do mar notavelmente piscoso que a banha.

O seu problema tem como poucas provincias de Portugal este duplo aspecto: terrestre e marítimo.

Mas na agricultura, irmã mais velha de todas as indústrias, mãe por sua vez de muitas outras, base essencial da vida económica dos povos, deve o Algarve fundar a sua felicidade, e sobre ela deve construir o seu futuro se o quizer largo e sólido. O seu carácter de maior regularidade e segurança, em relação ás indústrias do mar, aconselha também este caminho. As grandes nações industriais nos podem, nesta hora, servir de exemplo. A Alemanha, a primeira produtora de batata e beterraba na Europa, continua dando á agricultura o maior incremento. A sugestão constante, o *mot d'ordre* dos estadistas ingleses, governo e opposição, de Baldwin a Lloyd George, é: *Cultivemos a terra, aumentemos a produção agricola*. (O clamor que mais se ouve em seguida aconselha: *Economizemos: diminuamos as despesas públicas*). Este o exemplo que nos estão dando as nações modelares, nações ricas e laboriosas.

O solo algarvio, se geologicamente é de uma

extraordinária variedade em território tão restricto, pode, sob o ponto de vista agricola, ser dividido em três zonas diferentes: A região serrana, a das cotas médias, terra levemente ondulada em cerros e vales na direcção E-O, e a faixa do litoral, distinta esta de todo resto, principalmente para E da ribeira de Quarteira, terreno magnifico na sua produtividade, devida naturalmente á mistura feliz de detritos da grande variedade de rochas que sobem até á serra (1).

A diferenciação real de relêvo e clima, de constituição agrológica do solo, de condições agricolas nestas três zonas, dá a cada uma distinta feição agricola, sem que contudo sejam perfeitamente geométricas as suas demarcações nem absolutamente rigididas.

A serra constituida pelo carbonifero inferior, com os seus xistos ar-

gilosos, onde vive o sobreiro, vinga a alfarrubeira e aparece como vegetação espontânea a palma e o medronheiro, afóra a charneca de esteva e outros arbustos matosos, apenas poderá prestar-se á arborização florestal, fazendo predominar a cultura da cortiça onde o sobreiro se desenvolve.

Na sua área surge a maravilhosa Monchique que, pela natureza granitoide e abundância de água, oferece um aspecto pitoresco e único na flora e produtividade em frutos de sumo e primores arvenses. Está por essa razão fora desta consideração geral, entrando pelo seu carácter agricola na rica faixa do litoral, a pesar da sua arborização especial, com o castanheiro como raridade na provincia.

Os terrenos da zona intermédia, o Barrocal, mais abundantes a oeste que a leste, são o reino da oliveira, amendoeira, alfarrubeira e figueira, as frês últimas a grande trindade arbórea da provincia.

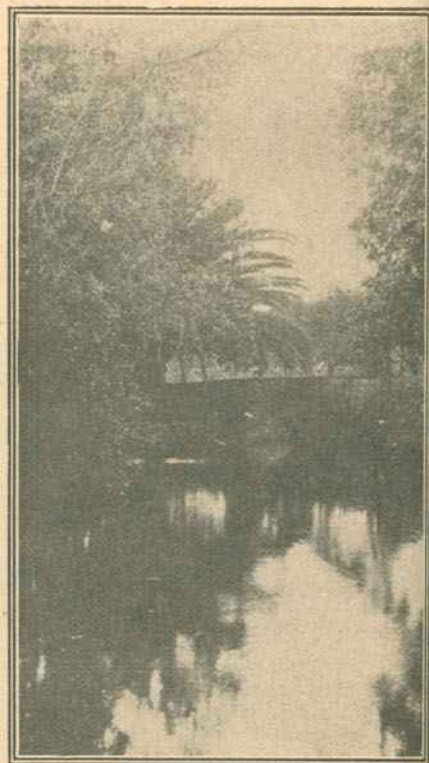
(1) Uma quarta zona, estreita, se poderia ainda considerar, a dos sapais que á medida que vão sendo adocados ingressam na terceira zona considerada e dentro em pouco desaparecerão, se continuarem as iniciativas em marcha.

As sementeiras de espiga que se obstinam em fazer nesta zona; miserável recompensa poderá sempre trazer ao trabalho e despesa do agricultor.

A zona do litoral onde predomina a cultura hortícola, os pomares de laranjeiras e nespriaras, fruta de qualidades primorosas nesta região, é fadada para estas culturas em larga escala, destinando os seus primores não só ao abastecimento dos grandes mercados nacionais, mas á exportação salvadora das dificuldades económicas do país, vindo aumentar o grosso dos embarques, fornecidos pelas primeiras zonas em cortiças e frutos secos.

Esta é a súpula dos estudos dos economistas e agrónomos que tem tratado desta provincia, devendo salientar-se dos primeiros Tomás Cabreira com o seu documentado e consciencioso livro *O Algarve Económico*, e entre os últimos o sr. Cunha Fortes, tão sabedor e cuidadoso nos seus trabalhos até hoje infelizmente sem a devida utilização.

¿Que convém, pois, fazer para que toda terra algarvia seja aproveitada e explorada scientificamente e na sua balança o prato da



Silvas — Mata-Mouros — Um trecho do rio Arade

exportação pese de forma a dar-nos um magnífico excedente em nosso favor? Eles mesmos nos respondem. A serra tem de ser arborizada, pondo em regimen florestal aqueles tratos que pela sua inacessibilidade ou condições geológicas não se prestem à cultura do sobreiro ou da alfarrobeira. Onde poderemos substituir o mato improdutivo pela palma e medronheiro (de que se extrai aguardente) teremos aumentado a receita consideravelmente.

Da cortiça produzida deve a provincia manufacturar, aperfeiçoando e ampliando a sua pequena industria, a maior quantidade que lhe permita a mão de obra local.

Na zona média, além da continuação da arborização com as quatro espécies já indicadas, seleccionando as variações e reduzindo-as às indispensáveis e provadamente produtivas, muito conviria a exploração de castas de cepa próprias para a exportação de uva e industria da passa, na qual poderíamos ocupar situação a par da Andaluzia.

No litoral algarvio, terra fértil de hortas e pomares, convém intensificar a cultura de árvores de espinho e outras fruteiras, a dos primores hortícolas e iniciar a floricultura. Para que seja possível alargar estas culturas, impõe-se, não só um mais perfeito aproveitamento das águas pluviais, mas a exploração de águas artesianas que os estudos geohidrológicos dizem dever existir em toda a baixa algarvia (!).

Sobre este problema temos há muito a base de um projecto de lei que, com insignificante encargo para o orçamento público, permitiria o estudo e pesquisa destas águas, por uma colaboração estreita entre o Estado e os proprietá-

rios directamente interessados. Talvez seja este o momento de lhe dar vida, quando se pretende dar um impulso efectivo ao fomento nacional, à margem da loquela parlamentar.



Monsieur - Barranco
(Quadro de Lister Franco)

Depois, como problemas da maior importância, veem a selecção das variações mais próprias para cada terreno e o combate às doenças que já estão atacando e destruindo, de maneira assustadora, as laranjeiras e nespereiras (!).

Falámos evidentemente das culturas aconselháveis, de maior rendimento, maior interesse económico para a provincia. Outras há, de menor importância, susceptíveis de regular receita, e ainda algumas experiências insuficientes ou negativas como as do ananás e algodão.

Das industrias agricolas, além da corticeira que já indicámos, devem ser fartamente compensadoras a apicultura, neste clima doce em que as abelhas trabalham por certo 90% dos dias, e a derivada, do nógado, na qual, tendo toda a matéria prima em abundância, poderemos emparelhar com a Provença francesa.

¿ Poderá a agricultura algarvia, mesmo concebendo uma organização que ela hoje não tem e difficilmente conseguirá (?), bastar-se, desaju-

dada do Estado, na resolução cabal de todos os problemas que se põem diante de si, indispensavelmente, para seu progresso?

Creemos que não. A acção do Estado é aqui imprescindível e diremos mesmo devida às esperanças desta promettedora provincia. Resumem-se em quatro ou cinco medidas acertadas:

Estabelecimento de postos agrários em Tavira, Faro e Silves, com cinco funções essenciais: Educação agricola. Estudo e selecção das variações aconselháveis das culturas da provincia. Viveiro e fornecimento de árvores para as três zonas, para o que devem dispor de vasto terreno, embora em tratos separados. Análise de terrenos. Estudos de patologia vegetal.

Criação de uma escola agricola móvel.

Pesquisas de água artesianas com cooperação dos proprietários.

Auxílio aos sindicatos de modo a animar o seu progresso.

Alargamento do crédito agricola em bases que permitam a sua utilização mais desafogada.

O Estado deverá ainda reter o menos tempo possível na fileira os braços necessários à terra, aproveitando ainda para nesse afastamento fazer na caserna, em palestras e actos, a educação civica do soldado, na qual devem sobressair sugestões sobre o amor à terra e o dever de regressar ao lar, à felicidade simples da vida rústica.

Se a provincia assim ajudada não quiser trabalhar e progredir, sua será a culpa.

Não julgamos exactamente como o sr. Ezequiel de Campos que «a questão portuguesa seja uma questão agricola». Damos a primazia ao problema educativo, do qual todos dependem, para o qual todos convergem quando os queremos solucionar integral e perfeitamente. O agricola vem logo em seguida.

Nem nós somos muito inteligentes, nem o país é muito rico. Forçoso é convencermos-nos destas primeiras verdades para podermos, pelo trabalho pertinaz e bem organizado, suprir aquelas duas deficiências da nossa vida nacional.

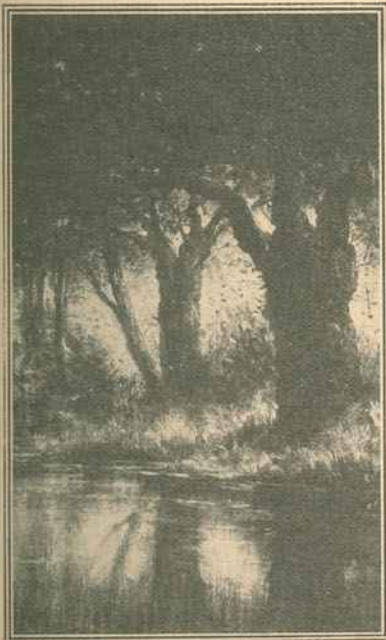
O sr. Pequito Rebelo salienta «a grande parte que a Inteligência tem na produção agricola» A intelligência com I grande ou pequeno é preciso (como alguém dizia do dinheiro) *essencialmente* para tudo. Nada na vida se pode fazer bem sem intelligência, será talvez esta uma das razões porque em Portugal se faz quasi tudo *essencialmente* mal.

Este Algarve em que tem sido possível a população aumentar mais do que a média do resto do país, fornecendo uma cota minima à emigração, pode ainda elevar o padrão de vida dos seus habitantes, dando-lhes mais hygiene, mais conforto e a elevação espirital de que carecem, como todo o país, e só pode vir com a serenidade que dá a resolução dos mais instantes problemas materiais.

Tenho fortes suspeitas que, no pequeno lousitano, todos ralham por ser casa onde não há pão.

SEBASTIÃO DA COSTA.

(!) E. de Campos considera, e muito bem, factores de perturbação da lazarenta vida portuguesa, a água de rega e a electricidade.



SILVES - Mata Mouros
(Quadro de Lister Franco)

(!) A Italia enviou há dois anos ao Oriente, para estudar as cochonilhas das árvores de espinho, a mesma doença que está matando os nossos laranjais, o dr. Filippo Silvestre, professor illustre da escola de Portici. Muito nos conviria conhecer as conclusões do seu estudo.

(?) Estamos ainda muito longe do cooperativismo admirável da grande pequena Dinamarca, terra paradoxal de individualismo estremo e associação perfeita, onde o pequeno produtor goza os beneficios da grande industria. Entre nós só num futuro longinquo, preparado por longa e boa educação, será possível a confiança mútua e o respeito pelos direitos de cada um que aquelas organizações necessitam.

IMPRESSÃO SÔBRE A NOVA LITERATURA DA RÚSSIA

A literatura russa, no tempo do império a que a espada de Pedro o Grande tanto dilatou as fronteiras, inspirava uma profunda tristeza às almas sensíveis pelas suas extensas e sombrias perspectivas de desespero. Raras vezes se rasgava, no seu cerceiro, uma clareira de luz em que se ouvisse o som de uma cantiga idílica e uma afirmação mais confiante ou se destacasse um colorido mais vivo. Nessa literatura em que havia relâmpagos de gênio, a maior parte das vezes tudo eram sofrimentos dramáticos, crepúsculos, angústias, cóleras, revoltas desvairadas, quando a resignação e o misticismo não transformavam as personagens em seres passivos deixando-se levar pela mão da Fatalidade como as ondas de um agitado mar levam um pedaço de cortiça.

Não exerciam uma influência:—eram influenciadas, curvando-se humildemente a todas as imposições, obedecendo sempre caladas e taciturnas, não esboçando um movimento mais impaciente.

Para muitas destas personagens criadas pelos Gogol, pelos Andreff, pelos Chetchedrine, pelos Dostoiewsky, e subtilmente observadas sob o ponto de vista psicológico, o mundo era perfeito, tal como saíra das mãos omnipotentes de Deus que, a alguns predestinados, dera com a vida todas as opulências, todos os esplendores, todas as grandezas, e aos párias, a miséria, a dor, a amargura. Uns nasciam para mandar, de cima de um trono superior ao plano em que se arrastavam as multidões anónimas. Tendo sido embalados em berços de ouro, não podiam ter na terra destino que não fôsse o de senhores. Outros, porém, haviam nascido para ser mandados, oferecendo o pescoço à goliha da tirania sem uma queixa! Os primeiros, governavam, dirigiam as nacionalidades, ocupavam os primeiros cargos na vida civil ou militar—e era a eles que se devia a boa ordem social, o equilíbrio e a pacificação das fraternidades de povos. Os segundos, como mandava a justiça, eram governados, revolviam a leiva negra e hostil para as sementeiras das futuras messes; pagavam os tributos, morriam como rézes nas guerras e nos presídios ou eram devastados pelas epidemias lúgubres, submetiam-se dócilmente ao sabre da lei ou ao chicote dos poderosos. E assim é que tudo estava bem, para que se não interrompesse bruscamente a harmonia reguladora da colectividade.

Nem todos podiam dispor da inteligência, que é um dom natural, e da competência, que apenas se adquire com um longo estudo e um esforço permanente. A imensa maioria das criaturas não serviria senão para os misteres grosseiros que calejam as mãos, tornando-as negras e nodosas como raízes...

Desta maneira pensavam, mesmo em amor, flor pura que desabrocha em todas as almas de eleitos ou de vilões, as figuras tão rigorosamente desenhadas, sobre fundos negros, pelos romancistas da Rússia, alguns anos antes do drama sangrento da revolução. Nos seus actos e nos seus sentimentos notava-se um desalento que perdera a fé na libertação—o que é uma doença incurável, no dizer de um espirito brilhante...

A Rússia imperial, porém, abateu-se com fracasso. O estrondo formidável da sua queda ouviu-se em todo o globo culto. A força enérgica e súbita que a destruiu operou uma transforma-

ção radical nos costumes, nas crenças, na moral das turbas moscovitas. O passado, com toda a experiência e toda a ciência por elle acumuladas, foi inexoravelmente banido como sendo o erro, a escravidão, a iniquidade.

Nem só a dinastia reinante caiu do alto de um trono feudal numa cisterna sinistra, depois de trucidada friamente a tiro pelos executores da sociedade nova—que constantemente me fazem lembrar o livre-pensador de que fala o profundo Dostoiewsky, apagando as velas que ardião junto dos ícones para as reacender diante dos livros de Büchner e Moleschott, fundando assim, inconscientemente, uma nova religião. Com essa dinastia sacrificada aluiram também as tradições, as castas nobres que estavam de posse da terra, a propriedade, o capitalismo, todos os direitos conquistados, todos os privilégios.

Era preciso, para a vitória do comunismo, que do montão de escombros da Rússia zarista saísse uma Rússia inteiramente renovada:—e as consequências deste ponto de vista começam agora a fazer-se sentir com uma intensidade que irá aumentando consecutivamente.

Com os seus artistas, os seus escritores, os seus pensadores, os seus filósofos, os seus cientistas, os russos—que tão tarde chegaram às claridades reveladoras da civilização ocidental—puliram-se com rapidez. Tudo quanto neles havia de bárbaro, de agressivo, de rude, foi desaparecendo; adoptaram-se as suas ásperas ancestralidades; amoleceram os seus egoísmos; as suas relações de sociabilidade enriqueceram-se de elegância, de correcção, de finura.

Quando a conflagração europea estalou furiosamente, a Rússia era uma nacionalidade altamente progressiva nas artes, nas sciências e nas letras, por influxo maravilhoso de algumas dezenas de homens geniais representando a floreação dos cento e oitenta milhões de compatriotas seus nos luminosos domínios mentais a que apenas ascendem as *élites*.

Nesses dias volvidos, a mais bela virtude da literatura da Rússia, além de uma profundidade psicológica que abria aos olhos pávidos de espanto dos latinos os horizontes obscuros ou resplandecentes em que a Psíqu humana se movia, era a da piedade. Os seus próprios assassinos eram altruistas e matavam—por compaixão...

Pois bem! Esta corrente literária de uma nobre beleza e de uma grande elevação, transfigurou-se, também, ao lume revolucionário que nada poupou, acendendo os terríveis brazeiros purificadores de certo com o intuito de influir directamente na preparação de idades vindouras que não tivessem qualquer ponto de contacto com a época actual! E conseguiu-se, mais ou menos, o que se desejava, na humanidade que veio substituir a que caducou, pendendo hoje para o sepulcro.

Na alma da juventude russa, com efeito, a erva morreu. As emoções outrora consideradas como nobilitantes são agora tomadas como expressões ridículas ou absurdas.

Será fácil de comprovar a veracidade destas palavras com a leitura de vários livros publicados depois do advento da República dos «Soviets». Aqui tenho eu um volume firmado por Vsevolode Ivanoff que se inspirou nos acontecimentos políticos e sociais para a pintura de quadros horríveis. Ivanoff tem um excepcional talento e é, incontestavelmente, uma das mais

exceis individualidades da Rússia comunista. Todavia, neste tómo o novelista só nas fala de dramas pavorosos:—operários bolchevistas que massacram implacavelmente, em estreitas *cabinas* de vapores, os refens burgueses confiados à sua guarda, tingindo os braços de sangue até aos ombros e deleitando-se com a carnificina; mulheres grávidas a quem se rasga o ventre e elas vivas, apenas para se saber se o ser que trazem nas entranhas é do sexo masculino ou feminino; filhos de peito que são roubados às mães e a que se esmagam os pequeninos crânios contra as pedras, ou se abandonam aos lobos, em plena *steep*, dentro de sacos!...

E todos os poetas e romancistas da Rússia do bolchevismo que começaram a escrever em seguida ao triunfo estrondoso de Lenine—pelo menos os que tenho lido—são assim. Leonoff é o mesmo temperamento estranho para quem a morte e o crime—tal como a burguesia os compreende—têm uma sedução irresistível. Numa das suas novelas, por exemplo, seguidamente a uma festa campestre de uma alegria animal, os camponeses, prendendo em flagrante um ladrão de cavalos, moem-no com pancadas e, por fim, estendendo-o no chão, fazem-lhe saltar os intestinos, rebentando-lhe a barriga a pontapés bestiais—scena de uma ferocidade de brutos que a luz contempla «pousada sobre um tronco cortado!»

Ilya Erenburgo, o maior de todos, na afirmação dalguns críticos, só consegue ver a vida através do cómico ou do trágico. A tonalidade da sua obra, no dizer de Kessel, é uma ironia cheia de desesperação. No seu volume, «*Trust* para a destruição da Europa», Ilya realiza, com estupenda crueldade, o julgamento da presente civilização ocidental, que entrou em decadência. Em *Nikolas Kurboff*, a personagem central é um aderente da Tcheka: e as chacinas, a fome, as torturas sucedem-se continuamente umas às outras...

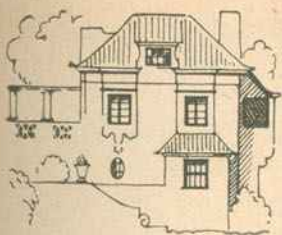
Babel, judeu de Odessa que pejeou no Exército Vermelho, retrata-se estética e psicologicamente num livro em que historia as suas aventuras de caserna. Babel combateu na divisão de cavalaria comandada por Budenny, um dos grandes generais russos:—mas, nos seus primeiros tempos de soldado, os outros crivavam-no de sarcasmos violentos. Então, um dos seus camaradas, insurgindo-se, disse-lhe:

—«Neste lugar, um homem instruído como tu será sempre torturado. Mas rouba ou viola uma das mais inocentes mulheres, e terás admirações!»

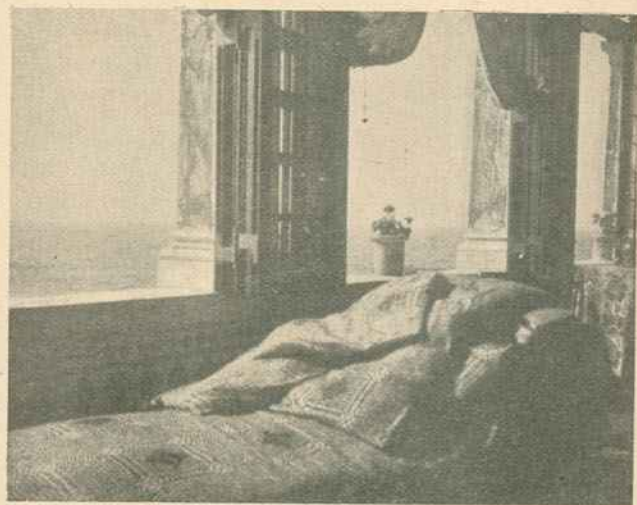
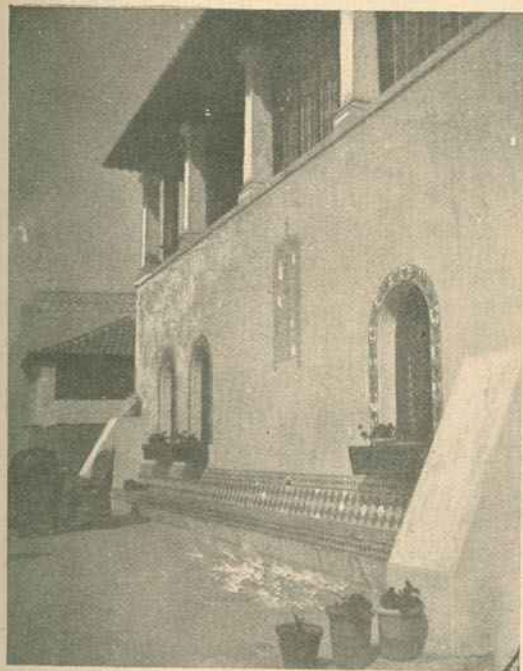
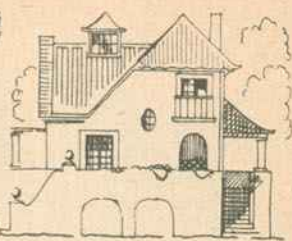
Ouvindo este conselho, Babel correu para um ganso que pacificamente vagabundeava, alisando a sua plumagem com o bico, segurou-o, poz-lhe a bota sobre a cabeça e carregou com força até lhe fazer saltar os miolos, enquanto sentia estalar os ossos debaixo da sola. Depois de tal demonstração, os cossacos convidaram-no a acamaradar com elles, aclamando-o!...

Para que ir mais longe na indicação destas narrativas alarmantes? Para prova, creio bastar o que mencionei, em rápidos e pouco incisivos traços. A literatura da Rússia nova caracteriza-se por uma acção a que não falta patético, por uma intensidade dramática obtida por uma notável simplicidade de processos, pela potência expressiva, por uma originalidade inconfundível. Mas há nela qualquer coisa de sádico e de inquietante que infunde pavor. Pela dúvida, pela incerteza em que por enquanto se debate, ta-teando? Talvez...

JOÃO GALVE.



A CASA PORTUGUESA



A UM LADO DA VARANDA; ARRANJO MUITO SIMPLES QUE TEM POR FUNDO A IMENSIDADE DO MAR E AS ILHAS DE BRUMA. QUADRO ADMIRÁVELMENTE PROFÍCIO AOS VÔOS DA IMAGINAÇÃO

CASA
DE
S. PEDRO

S. PEDRO DE MOEL

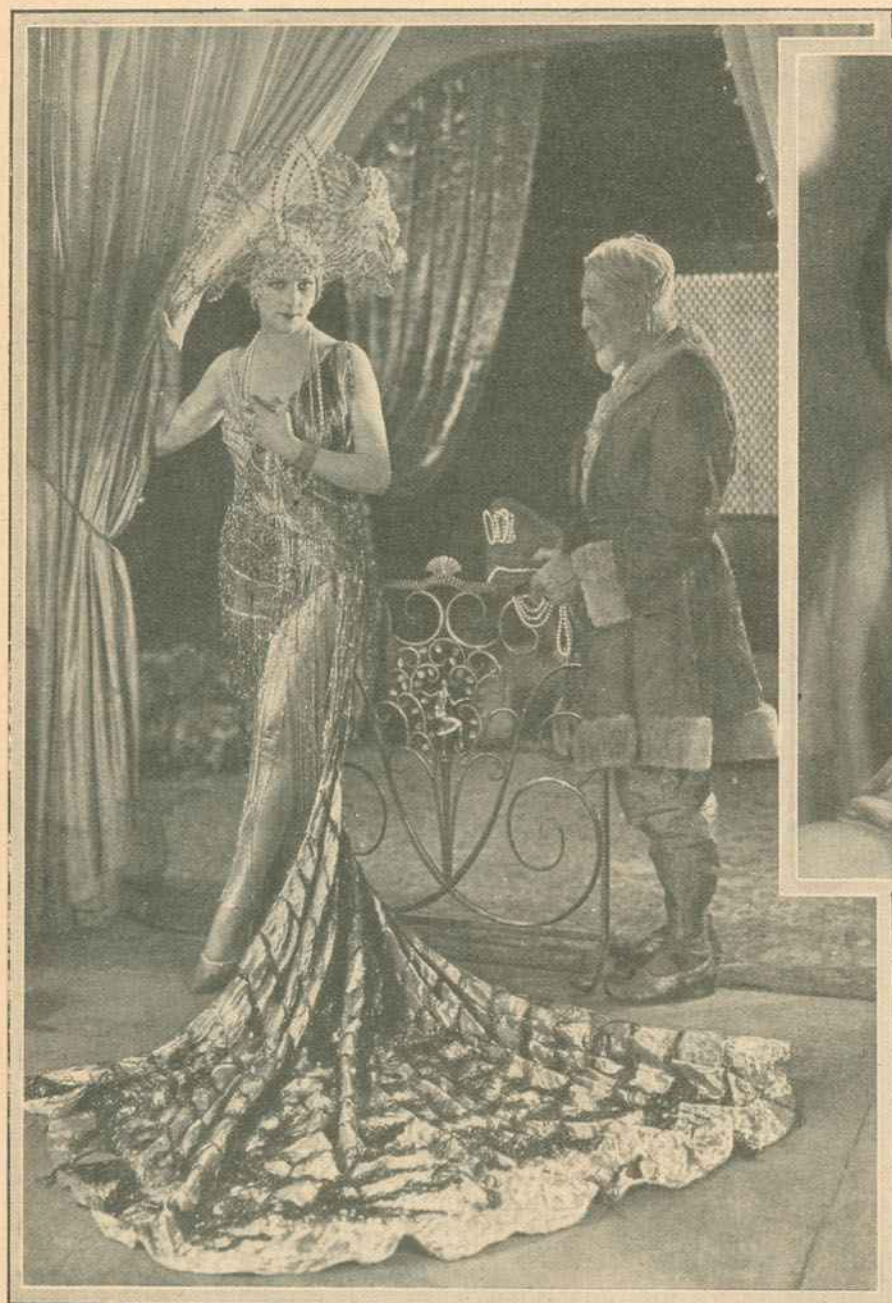


A CASA DE JANTAR TEM MOBILIÁRIO DO ALENTEJO E OS AZULEJOS DE RODA SÃO DE MIUDO QUADRICULADO VERDE-BRANCO.

A PARTE SUPERIOR DAS PAREDES É FIMBRADA COM A FAIXA DO MESMO AZULEJO, ENALTECENDO AS SUPERFÍCIES DE CAL E TIRANDO-LHES TÔDA A CRUEZA



VARANDA ALPENDRADA ONDE SE ESTÁ — ONDE SE VIVE A MAIOR PARTE DO TEMPO. RAZÃO DE SER DA CASA... A NOTA DE CÔR DO AZULEJO E DAS COLCHAS FORMA ACORDE RICO E SONORO COM O ALARANJADO DAS CORTINAS QUE TAMBÉM A LUZ FORTE DA PRAIA. FELIZ É A DISPOSIÇÃO DOS MÓVEIS E DE MIL OBJECTOS CURIOSOS QUE REFLECTEM A VIDA DO «ANIMATORE»



Arlette Marchal numa scena do super-filme francês «La Chatelaine du Liban».



Arlette Marchal a formosa vedeta francesa

A cinegrafia francesa, caminha a passos agigantados para a reabilitação. Há poucos anos ainda, nenhum filme francês conseguia sair da Europa. A produção americana,

enorme, variadíssima, sumptuosa, cheia de interesse, frescura e novidade, com elencos maravilhosos e mulheres lindíssimas, opunha uma natural barreira à invasão da América pelo

filme não americano. Mas a França reagiu com alma e tenacidade e a beleza dos seus filmes tem triunfado no país do cinema, nessa América fabulosa dos dólares-ouro. Um dos mais rudes pioneiros dessa luta tem sido o romancista Pierre Benoit fornecendo alguns magníficos argumentos. A última obra francesa, de tal magnificência e beleza artística, que a grande «Paramount» a incluiu nos seus programas, é a fantasia «La Chatelaine du Liban» que Marco de Gastyne, pintor modernista ensinou e dirigiu tendo como intérpretes Gaston Modot, Petrovitch e a lindíssima Arlette Marchal que brilhou de tal forma que foi logo raptada, para os estudos de Hollywood.



Marceline Day, formosíssima canadiana nova estrela dos elencos de Metro-Goldwyn



A pequenina actriz francesa Pierrette Honyez que Jacques Feyder revelou no seu filme «Visages d'Enfants».



O celebre cão-actor «Au-tin-tin» considerado o «saz» do écran entre os muitos «sazes» caninos que abundam na Califórnia. Devido aos seus honorários principescos, não leva... vida de cão

O sucesso actual de Paris é o documentário «La terre de feu» apresentado por Aubert e que foi apresentado na Sociedade de Geografia e logo após no «Mogador» e no «Vieux Colombier». Trata-se duma sugestiva viagem à região longínqua que vai das fronteiras do Chili à Argentina, junto do Estreito de Magalhães. É uma pitoresca crónica da vida dos fogueanos, dos patagónios, das focas e dos pinguins. A expedição que filmou este documentário era chefiada pelo Dr. Paul de Castelnau da Faculdade de Ciências.

A LETRA ENCARNADA

Romance por NATHANIEL HAWTHORNE

*(Continuação do n.º 13)**Sensacional romance americano, cujo extraordinário êxito se avalia pela tiragem de 2.700.000 exemplares atingida nos Estados Unidos.*

Havia entre êles eruditos, que na aquisição de obstruos conhecimentos haviam despendido mais anos que o sr. Dimmesdale tinha de vida; e que bem poderiam, portanto, ser mais profundamente versados nessas matérias sólidas e valiosas que o seu juvenil irmão. Havia, também, homens de uma contextura de espírito mais robusta que a dêle, e dotados de muito maior quinhão de inteligência astuta, dura, férrea e granítica; o que, juntando-se-lhe uma boa dose de ingredientes doutrinários, forma uma variedade altamente respeitável, eficaz e antipática da espécie clerical. Outros havia ainda, verdadeiros santos, cujas faculdades tinham sido elaboradas por trabalho constante entre os livros, e paciente meditação, e espiritualizadas por comunicações da alma com o mundo melhor, no qual a pureza de suas vidas já quasi os tinha introduzido, com as vestes da mortalidade ainda pegadas. O que lhes faltava era o dom que no Pentecostes desceu sobre os discípulos escolhidos, em línguas de fogo; simbolizando, ao que parece, não o dom de falar em línguas estranhas e desconhecidas, mas o de se dirigir a todos os homens na linguagem natural do coração. A estes padres, no mais tão apostólicos, faltava o último e mais raro atestado divino de sua missão, a Língua de Chama. Em vão teriam buscado — se alguma vez tivessem pensado em fazê-lo — exprimir as verdades mais altas por meio de palavras humildes e imagens familiares. Suas vozes vinham de cima, de longe e indistintas, descendo das alturas onde êles habitualmente se detinham.

Não é improvável que o sr. Dimmesdale pertencesse naturalmente, por muitos lados do seu carácter, a este último tipo de homens. Teria escalado as altas montanhas da fé e da santidade, se lhe não tolhesse a ascensão o peso, qualquer que fosse, de crime ou de angústia, sob o qual os seus passos cambaleavam. Esse peso o mantinha ao nível dos seus mais humildes competidores — a êle, ao homem de atributos etéreos, cuja voz os anjos poderiam ter escutado e ter-lhe respondido! Mas era este mesmo fardo que lhe dava tão íntima simpatia para com os seus irmãos pecadores; de sorte que lhe vibrava o coração em unisono com os dêles, recebia em si a dor que neles havia, e enviava o seu próprio soluço de dor através de mil outros corações em raptos de eloquência triste e persuasiva. Quasi sempre persuasiva, porém algu-

mas vezes terrível! Não sabia o povo que poder assim o movia. Tinham o moço padre por um milagre de santidade. Imaginavam-no portador de mensagens celestes de sabedoria, de censura e de amor. Aos olhos dêles o próprio chão onde êle pusera os pés ficava santificado. As donzelas da sua igreja empalideciam em tôrno dêle, vítimas de uma paixão tão embebida em sentimentos religiosos, que imaginavam que era toda ela religião, e assim a traziam, abertamente, em seus brancos seios como o mais aceitável dos sacrifícios que lhes era dado depor ante o altar. Os velhos do seu rebanho, vendo tão fraco o corpo do sr. Dimmesdale, sendo êles ainda tão vigorosos na velhice, tinham por certo que o ministro iria para o Céu primeiro que êles, e recomendavam aos filhos que os enterrassem perto do santo túmulo do seu jovem pastor. E em todo esse tempo, talvez, quando o sr. Dimmesdale pensava no seu túmulo, perguntava a si mesmo se a erva nêle viria a crescer, pois que ali estaria enterrado um ente maldito!

E' inconcebível a agonia com que essa veneração pública o martirizava. Seu genuíno impulso era adorar a verdade e ter por meras sombras, e por destituídas de peso ou valia, todas as cousas que não tinham a divina essência da verdade por vida de sua vida. Que era êle então? — uma substância? — ou a mais ténue de todas as sombras? Ansiava por falar do púlpito, com toda a altura da sua voz, e dizer ao povo o que era. — Eu, que vos aqui estais vendo com estas vestes negras do sacerdócio — eu, que subo à sagrada mesa e viro para o céu a face pálida, tomando sobre mim o comungar por vós com a Altíssima Omnisciência; eu, em cuja vida quotidiana vós discernis a santidade de Enoch; eu, cujos passos, ao que supondes, deixam um rastro luminoso, por onde quer que eu passe na terra, para que os peregrinos que após mim vierem possam ver o caminho para as regiões dos bem-aventurados; eu, que pus a mão do baptismo em vossos filhos; eu, que murmurei a oração da despedida sobre vossos amigos moribundos, para quem o *Âmen* era já um som indistinto que subia de um mundo que já tinham deixado; eu, vosso pastor, a quem tanto venerais e amais — sou inteiramente uma impureza e uma mentira!

Mais de uma vez tinha o sr. Dimmesdale subido ao púlpito com a intenção de não descer os degraus sem ter dito palavras como aquelas.

Mais de uma vez tinha desimpedido a garganta, e sorvido longa, profunda e trêmulamente o ar que havia de devolver carregado do negro segredo da sua alma. Mais de uma vez — mais de cem vezes! — tinha chegado a falar! Falar! Mas como? Tinha dito aos seus ouvintes que era inteiramente vil, um companheiro dos vis mais vil do que êles, o pior dos pecadores, uma abominação, um ser de inimaginável iniquidade, e que a única maravilha era que não vissem o seu miserável corpo ali diante dêles consumido pela ira ardente do Todo-poderoso! Poderia haver palavras mais claras que estas? Não se ergueria o povo de seus lugares, por um impulso simultâneo, e o arrancaria do púlpito que manchara? Não, não sucedia isso! Ouviam tudo, e respeitavam-no ainda mais. Mal sabiam êles que terrível significação continham aquelas palavras em que êle se condenava. — Santo moço! — diziam uns para outros. — Santo da terra! Ai, se tanto pecado êle vê na sua alma immaculada; que horrores não veria na tua ou na minha! — Bem sabia o padre — hipócrita subtil, ainda que cheio de remorsos! — em que sentido seria tomada a sua vaga confissão. Tinha pretendido iludir-se a si próprio, revelando uma consciência culpada, e só tinha adquirido outro pecado, e um opróbrio que êle mesmo reconhecia, sem o alívio momentâneo de se deixar enganar. Tinha proferido a mais completa verdade, e tinha-a transformado na mais completa mentira. E contudo, pela constituição da sua natureza, amava a verdade, e odiava a mentira, como poucos homens tem amado aquela ou odiado esta. Por isso, acima de todas as cousas, aborrecia a sua própria miserável personalidade.

O seu mal-estar íntimo levava-o a práticas mais consentâneas com a velha e corrompida fé de Roma que com a luz melhor da Igreja em que nascera e se criara. Tinha o sr. Dimmesdale, num compartimento secreto, cuidadosamente fechado à chave, um sangrento açoite. Muitas vezes este teólogo protestante e puritano o tinha aplicado a seus próprios ombros, rindo amargamente de si, e batendo ainda mais por causa desse mesmo riso amargo. Era, também, seu costume, como de muitos outros piedosos puritanos, jejuar — não, porém, como êles, para purificar o corpo e o tornar um meio mais próprio para receber a celeste iluminação — mas rigorosamente, e até lhe tremerem os joelhos,

como acto de penitência. Fazia também vigílias, noites seguidas, umas vezes inteiramente às escuras, outras à luz vaga de uma lampada e outras a ver o seu próprio rosto num espelho, com a luz mais forte que sobre elle podia projectar. Dêste modo simbolizava a constante introspecção com que se torturava, sem que lograsse purificar-se. Nessas vigílias prolongadas, muitas vezes lhe andava o cérebro à roda e lhe parecia ver passar visões, duvidosamente enxergadas umas, e a uma luz vaga, que lhes era própria, na penumbra remota do quarto, outras mais nítidas e próximas, ao pé d'ele, dentro do espelho. Umaz vezes era um bando de formas diabólicas, que lhe arreganhavam os dentes e o escarneciam, e lhe acenavam para que fôsse com elas; outras era um grupo de anjos luminosos, que subiam lentamente, como se os assoberbasse um pêso de tristeza, mas que se tornavam mais etéreos à proporção que subiam. Agora vinham os amigos da sua juventude já mortos, e seu pai, de barbas brancas, com ar severo de santo, e sua mãe, virando o rosto ao passar por elle. Espectro de mãe — fantasia tenuíssima de mãe — podia ao menos ter lançado ao filho um olhar compadecido! E agora, pelo quarto que estes pensamentos espectrais tão estranho haviam tornado, passava Hester Prynne, levando consigo a pequenina Pearl, vestida de encarnado, e a apontar, primeiro para a letra encarnada no seio da mãe, e depois para o peito do padre.

Nenhuma destas visões o iludia inteiramente. Em qualquer momento, por um esforço da vontade, podia distinguir cousas reais através da sua nevoenta insubstantialidade, e convencer-se de que não eram sólidas de natureza, como aquella mesa de carvalho lavrado, ou aquele volume de teologia, grande, quadrado, encadernado em couro e com fechos de bronze. Mas, com tudo isso, eram, num sentido, as cousas mais verdadeiras e substanciaes com que o pobre padre agora se encontrava. E' a indizível infelicidade de uma vida falsa como a sua que ella rouba o sentido e a substância a tôdas as realidades que nos cercam e que Deus destinou para alegria e alimento do espirito. Para o homem falso, todo o universo é falso — é impalpável — desaparece-lhe entre os dedos. E elle mesmo, pois que se mostra a uma luz falsa, se torna numa sombra, ou deixa positivamente de existir. A única verdade que continuava a dar ao sr. Dimmesdale uma existência real neste mundo era a angústia que sentia no intimo de alma, e a inequívoca expressão que dela havia em seu aspecto. Tivesse elle tido, uma só vez, fôrça para sorrir e mostrar semblante alegre, e tal homem teria deixado de existir!

Numa dessas noites sinistras, que adumbramos, mas nos abstivemos de pintar, o ministro levantou-se da cadeira. Um pensamento novo lhe ocorrera. Talvez nêlle houvesse um momento de paz. Vestindo-se com tanto cuidado como se fôsse para um acto do culto público, e exacta-

mente do mesmo modo, desceu silenciosamente a escada, destrancou a porta, e saiu.

XII

A VIGILIA DO PADRE

CAMINHANDO, POR assim dizer, na sombra de um sonho, e talvez realmente sob a influência de uma espécie de sonambulismo, o sr. Dimmesdale chegou ao lugar onde, havia já tanto tempo, Hester Prynne tinha vivido as primeiras horas da sua ignominia pública. O mesmo cadafalso ou plataforma, escura e manchada pelo sol e pela chuva de sete longos anos, e também gasta pelo piso de tantos culpados que desde então ali tinham subido, estava ainda ali, por baixo da varanda da Assembléa. O padre subiu a escada.

Era uma noite encoberta do principio de maio. Um palio continuo, de uma só nuvem, abafava todo o céu, do zenite ao horizonte. Se a mesma multidão que ali estivera testemunhando o castigo de Hester Prynne agora fôsse chamada ao mesmo lugar, não veria rosto algum acima da plataforma, nem talvez sequer o recorte de uma figura humana, no negrume cerrado da meia-noite. Mas tôda a cidade estava adormecida. Não havia perigo de descoberta. Ali podia o padre ficar, se lhe aprouvesse, até a manhã clarear no oriente, sem outro risco que o de o ar húmido e frio da noite lhe penetrar no corpo, tolhendo-lhe as juntas de reumatismo, e tapando-lhe a garganta com catarro e tosse; privando assim o auditório expectante da prece e do sermão do dia seguinte. Nenhum olhar o podia ver, excepto aquele, que nunca dorme, que o tinha visto em seu quarto brandindo o açoite sangrento. Então, porque viera ali? Era só uma farsa de penitência? Sim, uma farsa, mas em que sua alma a si mesma se ludibriava! Ludíbrio que fazia corar e chorar os anjos, ao passo que os demónios jubilavam com gargalhadas de escárnio! Trouxera-o ali o impulso daquelle Remorso que por tôda a parte o perseguia e cuja irmã e constante companheira era aquella Cobardia que invariavelmente o puxava para trás, com mão trémula, tão depressa o outro impulso o atirava até a beira da confissão. Homem débil e desgraçado! A que direito tinha uma fraqueza como a sua de tomar sobre si o pêso de um crime? O crime é para os que teem nervos de ferro, que podem escolher entre suportá-lo e, se elle apertar de mais, usarem da fôrça feroz e selvagem de que dispõem, para um bom fim, e arrojam-no de si inteiramente! Esta alma débil e a mais sensível entre tôdas, nem uma cousa nem outra era capaz de fazer, e todavia continuamente fazia uma ou outra, entretecendo, no mesmo nó inextricável, a agonia da culpa que desafia o Céu e a do remorso que permanece estéril.

E assim, enquanto estava de pé no cadafalso, nesta inútil mostra de expiação, sentiu o sr. Dimmesdale um grande horror espiritual, como se o universo estivesse fitando um símbolo encarnado que elle tivesse no peito nu, em cima do coração. Naquelle lugar, em boa verdade, estava a morder, e havia muito que mordia, o dente venenoso da dor física. Sem ser por sua vontade, e sem que esta o pudesse evitar, o ministro deu um grande grito: um grito que reboou pela noite, andou arremessado em ecos de uma casa para outra, e se repercutiu nos montes lá ao fundo; como se um bando de demónios, sentindo nêlle tanta angústia e terror, se tivesse pôsto a brincar com o som, e o estivesse atirando de um lado para outro.

— Está feito! — murmurou o padre, cobrindo a cara com as mãos. — Tôda a cidade vai acordar, e sair para a rua, e encontrar-me aqui!

Porém assim não foi. O grito havia, talvez, soado muito mais alto aos seus próprios ouvidos sobressaltados do que verdadeiramente soara. A cidade não acordou; ou, se o fêz, a população estremunhada tomou o grito ou por qualquer cousa terrível que se tivesse passado em sonho, ou pela bulha das bruxas, cujas vozes, naquelle tempo, muitas vezes se ouviam passar por sobre as colónias ou cabanas isoladas, quando iam com Satanás em cavalgada aérea. Não ouvindo sintomas de novidade, o padre destapou os olhos e olhou em tórno. À janela de um dos quartos da casa onde residia o Governador Bellingham, que ficava a alguma distância, em outro arruamento, viu surgir o velho magistrado, de candeiro na mão, com um barrete de noite branco na cabeça e um roupão branco e comprido a envolver-lhe a figura. Parecia um fantasma inoportunamente evocado do túmulo. Evidentemente, o grito tinha-o sobressaltado. A outra janela da mesma casa appareceu a velha senhora Hibbins, irmã do Governador, também de candeiro, que, mesmo assim de longe, revelava a expressão do seu rosto azêdo e descontente. Deitou a cabeça de fora e olhou ansiosamente para cima. Sem sombra de dúbida, a veneranda senhora bruxa tinha ouvido o grito do sr. Dimmesdale, e tinha-o interpretado, com seus muitos ecos e repercussões, como o clamor dos demónios e das bruxas da noite, com quem era bem sabido que a dama fazia excursões até a floresta.

Dando pela luz do candeiro do Governador Bellingham, a velha senhora apagou logo o seu, e sumiu-se. Talvez fôsse pelas nuvens acima. O padre não viu mais nada dos seus movimentos. O magistrado, depois de ter inspecionado cuidadosamente as trevas, onde viu tanto como veria se tivesse uma mó ante os olhos, retirou-se da janela.

O padre sossegou um pouco. Seus olhos, porém, deram de repente com uma luz pequenina, que, vista a principio muito longe, se veio aproximando pela rua fora.

(Continua.)

TERRA AFRICANA

DE DAKAR A LAGOS (IMPRESSÕES DE VIAGEM)

Dakar, 27 de Março.

III

A ILHA DE GORÉA

Se Dakar, grande cidade em embrião, pode aumentar indefinidamente, Goréa, no ilheu do mesmo nome, quilómetro e meio distante, atingiu há séculos e pela força das circunstâncias,

recção ao arco central, assente sobre rocha viva, a que facilmente acostava, na maré alta, o lanchão negroiro.

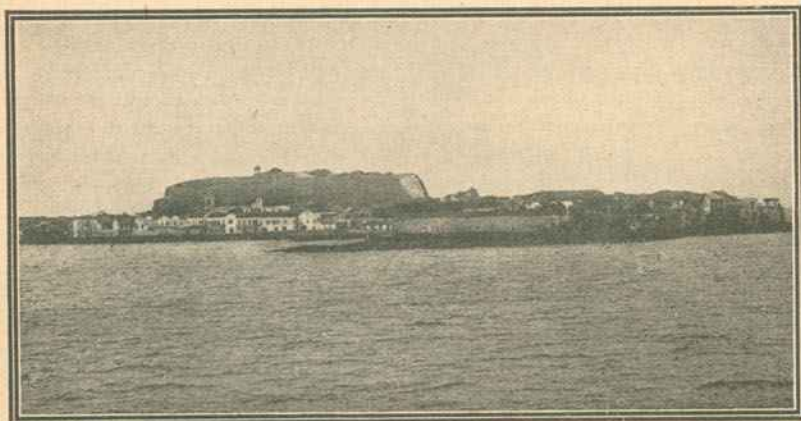
Tem o cenário tal poder evocativo, que eu vejo, ou se me afigura ver, o navio de vela pairando perto; ouço sobre a minha cabeça, no primeiro andar desta casa sinistra, o tinar do ouro com que o capitão negroiro, após prolongada discussão, entre pragas, ameaças e copio-

zes a tôrva pupila e o branco ensagüentado de seus olhos rancorosos. E, comprimidos no escaler, vogam a remos para o veleiro que amanhã cedo levanta ferro em direcção às Antilhas, à Georgia, Carolina ou ao Brasil!

Acho linda Goréa vista da estrada marginal que, em Dakar, conduz inúmeros passeantes à Praia de *Bel-Air*. Não me canso de mirá-la com meu binóculo, contente desta reprodução, em miniatura, de uma paisagem familiar a meu espirito, dúzias de aldeias e vilas alcandoradas por montanhas de Portugal, ou conchegadas à beira dos rios lusitanos. Perspectiva que o aventureiro português, sonhador e nostálgico, continuava a repetir monótonamente no sertão africano, desdenhoso dos modernos ensinamentos da hygiene sobre arquitectura colonial.

René Guillet, meu simpático amigo, assistente do Instituto Pasteur de Dakar, tendo estado em Angola, por ocasião do Congresso de Medicina de Loanda, faz-me notar o ar de família que Goréa, vista a distância, tem com a povoação de Novo-Redondo.

Os dois quadros são, evidentemente do mesmo autor. Se alguma dúvida existira, depois de analisado o campanário da velha igreja portuguesa, a sobrepujar o conjunto; depois de contemplada a perspectiva do casario branco, apinhado em cacho, à beira do mar, e percorrido o estreito arruamento, com as varandas salientes, tão có-



ILHA DE GORÉA — Vista pelo lado norte da estrada de Bel Air em Dakar

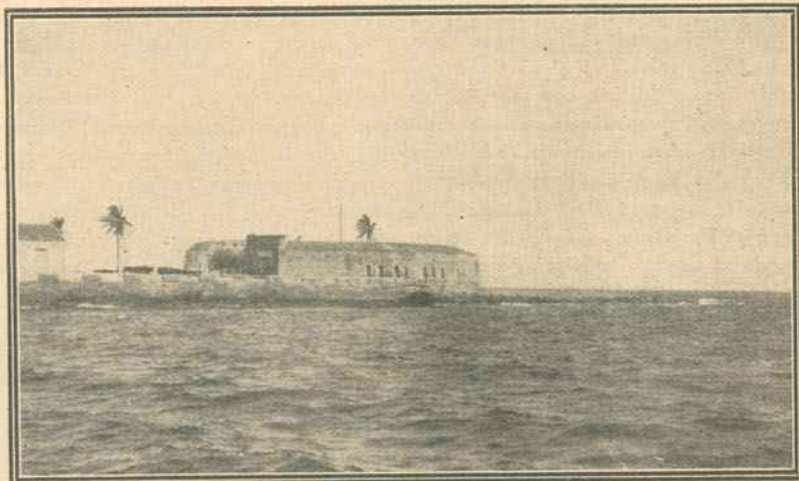
todo o desenvolvimento de que era susceptível; e começou a declinar e a morrer lentamente há 48 anos, sem objectivo, desde que a sua afortunada vizinha lhe usurpou aos poucos o comércio, e a ela se substituiu em importância política.

Teve 6.000 habitantes, na maior parte europeus. Foi residência dos Governadores do Senegal, entre eles o célebre cavalheiro de Boufflers, de românticas memórias, exilado em 1785 por Luís XVI em virtude do idílio — mais tarde legalizado pelo casamento — com M.^{me} de Sabran, com quem trocou, de sua casa de Goréa, as célebres epistolas bem conhecidas dos literatos.

Pela sua situação geográfica, sua situação insular, e seu âmbito apertado, (2,250 metros de circuito, 880 de comprimento, 515 de largura, 17 hectares de superfície) Goréa tinha de ser, como foi a nossa pequena Ilha do Príncipe, centro importante do comércio de escravos. Não lhe falhou a sina.

Lá nos mostraram os característicos subterráneos lóbregos e minazes, com raras frestas intersectadas de ferros possantes, de molde a impedirem tentativas de fuga, seteiras numerosas por onde o misero escravo em revolta ou louco de desespero, podia ser arcabuzado sem risco; e o estreito corredor, pelo qual desfilavam as levas ululantes e embrutecidas, em di-

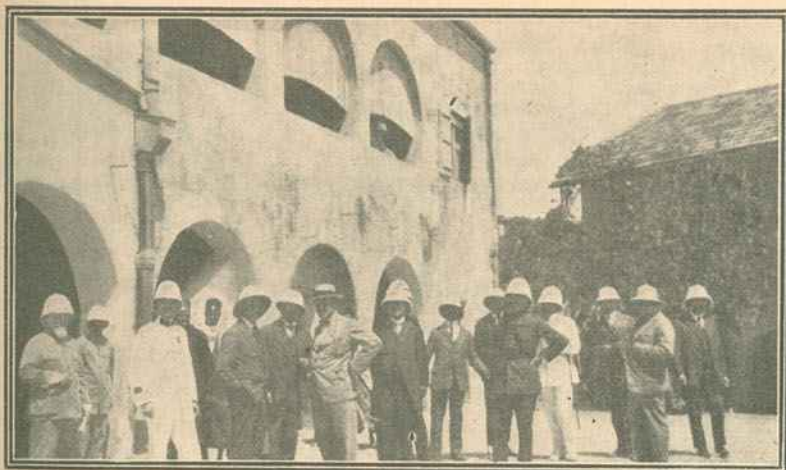
sas libações pagou, a tanto por cada uma, as cabeças escolhidas; e sigo o trajecto doloroso da turba vendida, estes apáticos, apavorados,



ILHA DE GORÉA — O velho forte português de S. Francisco, no extremo Leste

mudos; outros soluçantes, porque deixam para sempre parente, ou amigo, e a terra onde nasceram; e alguns, raros, acorrentados, urrando de cólera, e revirando impotentes para os algo-

modas ao colóquio entre vizinhas; se alguma dúvida ainda houvesse, bastava para identificar a proveniência, a assinatura do artista a um canto do painel.



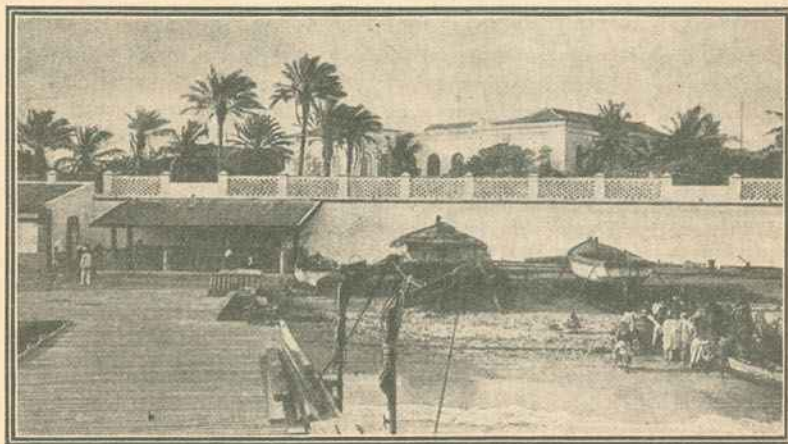
ILHA DE GORÉA—A missão médica da Sociedade das Nações, junto ao antigo convento português, transformado em escola

Na ponta Leste da Ilha, velho forte português de S. Francisco, ainda sólido e perdurável, com suas casamatas, subterrâneos, ameias, baluartes e cisternas, atesta de maneira decisiva a belicosa presença dos nossos avós desde 1446 até 1610, em que fomos expulsos pelos holandeses, que deram ao Ilheu o seu nome actual, em lembrança de uma das ilhas da Zelândia.

Alvaro Fernandes, criado de pequeno na casa do Infante D. Henrique, e sobrinho dum dos donatários da Madeira, João Gonçalves, foi Zarco seu descobridor; para memória de sua passagem insculpiu em avantajado tronco de *baobab*, as armas e a divisa do Infante: «Talent de bien faire» mas tão somenos a encontrou (Azurara trata-a desdenhosamente de *isleta*) que se dignou batizá-la. Chamámo-lhe mais tarde *Bezenague* ou *Bersiguiche*; *Bhir* lhe chamam os árabes ainda hoje.

Em 1677 passa a mãos francesas, que, salvo pequeno interregno de posse inglesa, a conservam, e embelezam como capital do Senegal durante 2 séculos, construindo um grande palá-

cio, um belo hospital, e um castelo poderoso no topo Oeste.



ILHA DE GORÉA—Antigo palácio do Governo com seu terraço

Pois Goréa é hoje, a bem dizer, um sepulcro caído. As condições defeituosas em que a água

era conservada nos depósitos e cisternas, sem defesa contra a pululação do *stegomya*, fez desta pequena cidade o túmulo de centenas de europeus, vítimas de *febre amarela*. Uma só epidemia, em 1878, vitimou nada menos de 20 médicos e 2 farmacêuticos. Um monumento singelo mas comovente, perpetua, à entrada da povoação, a memória desses mártires.

O terror pôs em fuga a quasi totalidade dos europeus incluindo funcionários. O palácio foi abandonado pelo governador, e reduzido ao que é hoje: instalação da imprensa official, com suas máquinas Linotype, as suas rotativas, os seus depósitos de papel. O grande hospital liquidou em ambulância de 25 camas, mais que suficiente para o movimento de doentes.

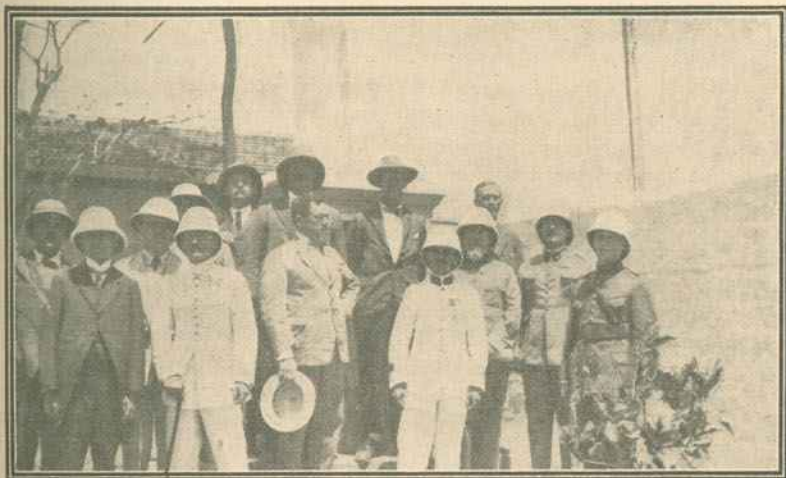
Não tem hoje mais de 400 a 450 habitantes entre os quais não há meia dúzia de europeus; só lhe dão vida algumas escolas ou primárias ou preparatórias, a velha mas limpa igreja de construção portuguesa, e um arremedo de municí-

palidade, onde somos recebidos com uma taça de champanhe e onde temos, cortêses mas não convencidos, de brindar ao próspero futuro da povoação!

Mas tudo isto é bem precário. Escolas, e Imprensa terão na primeira oportunidade, por conveniência de serviço, de ser transportadas para Dakar. Goréa não será mais do que uma recordação, se entretanto não realizarem o belo projecto sanitário do sr. dr. Lasnet, de mandar para aquella ilha os lazaretos, gafaria e todos os outros serviços de isolamento, que actualmente se encontram dispersos na capital ou seus arredores.

Como um reformado que obteve o lugar de porteiro de hotel, mediocremente remunerado, Goréa terá encontrado o emprêgo que compete à sua situação insular. Nos momentos ociosos da sua tarefa de recolher empestados ou suspeitos, rememorarà as suas velhas tradições de grandeza política e de prosperidade comercial.

A. DAMAS MORA.



ILHA DE GORÉA—A missão médica junto do monumento consagrado à memória dos oito e dois médicos farmacêuticos vítimas da febre amarela em 1878



TEATRO



TEATRO ESTRANGEIRO CRONICA DE PARIS

Não sei se por esta canícula de Julho que dos céus vai caindo como uma rosa de fôgo que se desfolha, convém falar de teatro.

Longe vão infelizmente os tempos em que teatro significava trabalhos rudes de vindimas, coseaduras vermelhas de móstos, e descantes, bailados, todo o esplendor da orgia estival. Modernamente, com seus tapetes, veludos e sanefas, seus renques pálidos de luzes, seus hálitos moles de alcôva, o teatro tornou-se antes um requinte e um rito mundano de inverno, por excelência.

Mas a vida moderna acabou mesmo por obliterar todo o significado do culto dos ritos. A febre vulcânica do industrialismo que tão requemada e árida tem tornado a face triste da terra crestou também toda a tradição poética do teatro, deixando-o reduzido a um armazém, a um balcão e a uma caixa.

Tratar hoje de teatro, o mesmo é que tratar de não importa que ramo de comércio ou indústria. São as estatísticas e as pautas aduaneiras, e não o Deus dos vinhos, ou as estações do ano, que entram como factores essenciais na sua vida funcional.

Sic transit gloria mundi...

Ora, Paris, a Capital do teatro, é também hoje a sua Bolsa. Com uma destreza e uma segurança admiráveis, ali se fazem e se desfazem as grandes cotações do mercado. Estudar o movimento teatral da grande cosmopole, prescrutar-lhe as raízes e as tendências, fixar-lhe num dado momento todas as características essenciais, é levantar, com suficiente precisão, o balanço da actividade mundial do teatro.

Quem porém tiver feito na «grande Semaine» a peregrinação piedosa das grandes scenas representativas de Paris, desde a faustuosa *Opera* e a clássica *Comédie* aos evolucionistas *Studio des Champs-Élysées* e *Théâtre des Arts*, recolherá ao seu tuguio com uma impressão contraditória e molesta de saciedade e de insaciedade a um tempo.

O teatro francês, que parece ter atingido, na sua expressão plástica, o fastígio da perfeição, padece contudo do mal irremediável de todas as

decadências fundadas no requinte da técnica. Uma incurável impotência criadora condena o actual teatro francês a um jôgo malabar de artificios que não conseguem iludir o mais ingénuo.

Felix, de Bernstein, no «Gymnase», *La Riposte*, de Nozière, no «Th. de Paris», *La Prisonnière*, de Bourdet, no «Femina», *Orphée*, de Corteau, no «Th. des Arts», *Têtes de recharge*, de Pellerin, no «Studio» e tantos mais, dos quarenta e cinco espectáculos que Paris oferece diariamente aos seus hóspedes, não nos deixam no espirito mais do que um resíduo leve de cinzas, donde toda a a ideia de beleza se evaporou no âmbito árido e estéril da criação.



Vera Sergine

Triste e lamentável espectáculo é o de ver Vera Sergine lutando desesperadamente com o seu formoso e varonil talento através dos quatro actos dessa miserável coisa que é *La Riposte*, para nos deixar apenas a convicção de que ainda há em França grandes actores.

Molesto espectáculo é ainda o que nos oferece H. Bernstein em *Felix*, aplicando todos os seus segrêdos de mestre relojoeiro para nos exhibir uma maquina, cujo único mérito é o de nos revelar que um novo conceito da vida começa a ser criado no mundo.

Mas mais lamentável que todos, é o espectáculo da *Prisonnière*, no «Th. Femina», que tem feito o grande êxito teatral da estação.

Prisonnière é, em três actos, um estudo requintado e voluptuoso do vício libíco, imoderadamente exacerbado por todos os sópros acres do após-guerra.

O assunto, a meu ver, não é repugnante, nem imoral, nem audacioso. É simplesmente duma banalidade descorçoante. O autor, por um sentido videirinho da oportunidade, aferrou-se ao assunto, como um moscardo a uma polpa úbere de seiva. E sugou, sugou, desesperadamente... a curiosidade ligeira das platéas. O que importa, de facto, ao mundo que duas fêmeas se estimem e se queiram, além do que manda a lei de Deus?

Que novos problemas, que novos dramas traz esse facto ao mundo? Um ligeiro desgosto a dois homens?

Para semelhante conclusão não valia francamente a pena consumir tão preciosas qualidades de técnica, tão difíceis malabarismos de diálogo, durante as três horas de um espectáculo que nem nos comove, nem nos instrui, nem nos revolta. O «Museu Grévin», com as suas figuras de cêra, imobilizadas, hirtas nas suas pantomimas históricas, prende-nos mais a atenção, a ironia ou a piedade, que os três longos actos da *Prisonnière*, do Sr. Bourdet.

E estamos em crer que, depois de finda essa peregrinação pelos teatros de Paris, ainda a suprema conclusão é a de que na *Comédie*, nos muros augustos do velho «Théâtre Français» é que a beleza do teatro se conserva como um perfume caro num velho frasco de cristal. O poema de Musset *A quoi rêvent les jeunes filles* interpretado e musicado na «Comédie», com scenários de Marie Laurecin, afirmam a essência eterna da beleza, traduzida plásticamente na ronda das três musas da Poesia, da Música e da Dança.

Quando o pano de veludo corre docemente sobre o último quadro do poema de Musset, é como se acordássemos de um divino sonho, de um encantamento órfico.

Em verdade, vale ainda a pena conservar, para a glória eterna de uma raça, a flama eterna dos seus poetas e da sua poesia.

ARTES E ARTISTAS

O MONUMENTO A CAMILO

A propósito do primeiro concurso para o monumento a Camilo, tive ocasião de escrever: «Tratando-se de um moderno, a primeira coisa a fazer era dar o homem. Antes um bom Camilo num mau pedestal, do que uma base feliz para um manipanso incarcaterístico».

Da segunda dose de projectos comemorativos, expostos na Sociedade Nacional de Belas-Artes, a grande figura continuava ausente, por não realzada. Tentaram-na alguns; nenhum conseguiu torná-la viva, impressionante, poderosa. Camilo — belo tema! — aguarda ainda a sua imagem definitiva, conservando-se alheio ao monumento escolhido para o celebrar.

Assina o primeiro prémio um escultor a cujo talento tenho rendido homenagem, mas que, por não ser um monumentalizador, precisou de suprir com floreios de técnica a ideia dominante, que lhe não ocorreu.

O trabalho de Anjos Teixeira, movimentado, e talvez brincado de mais, começa por não ser, rigorosamente, um monumento. Lembra, antes, um grupo destacado de uma base, da qual, inutilmente, se procura o resto, ou parte principal. Falta-lhe linha construtiva, equilíbrio, totalidade.

Disposto à laia de presépio, para ser visto só de frente, é um bloco sobrecarregado de esculturas — mais barro do que pedra — e onde o criador, motivo central, não avulta por outra particularidade que não seja o estar vestido no meio de dez figuras nuas. Camilo é, ali, o frio-vento.

Sabidas as honestas faculdades do plástico, podemos estar certos de que essas figuras virão a ter bom corte. Assim fôsse possível, desacumulando-as, torná-las significativas e um pouco camilicasas!

Não há em qualquer delas toques do espírito

fora outras, estranhas aos concursos — demonstraram, mais ou menos, do conjunto da sua obra.

Em Camilo, há mais o sentido do pitoresco, e do pitoresco regional ou histórico, sempre imitados, do que a síntese humana, independente do local e da época. Apesar de guindado ao máximo pelo irraciocínio da maioria dos seus fanáticos, Camilo, como personificador de homens, não é um Shakespeare, nem um Balzac.

Para reproduzir personagens de Camilo — um provinciano de génio — tem, portanto, de se recorrer ao pitoresco individual, à indumentária típica, ao pormenor flagrantemente. É o novelista dos morgados, dos frades, dos sedutores, dos *brasileiros*, das noivas enclausuradas, dos escândalos concelhios ou pretéritos, dos alfarrábios, das polémicas.

Despir essa gente e promovê-la, com abundância, à categoria de símbolos, como se se tratasse de um Dante ou de um esquilo, parece-me desacerto exagerador.

Na sua memória descritiva, Anjos Teixeira diz: «Representar plasticamente as personagens e Camilo seria dar vida a um carnaval. Não só o conceito da arte se salvaria facilmente do ridículo, como pecaria pelo anacronismo dos trajes com que teria de revestir a imensa comparsaria camiliana. E haveria num monumento, por mais grandioso que fôsse, lugar para a sua galeria imensa de figurantes? Para os principais sequer?»

Torno a dizer que, num monumento a Camilo, o que primeiro havia a fazer era Camilo. Isso evitaria os inconvenientes apontados pelo memorialista, a quem se pode replicar que com um grande número de autores acontece o mesmo, e nem por isso a escultura tem deixado de cumprir a sua missão glorificadora.

Uma vez que, desistindo de concentrar as atenções em Camilo, se recorreu à sua obra, há o direito de apreciar essa representação.

Se a obra de Camilo é um «carnaval», se

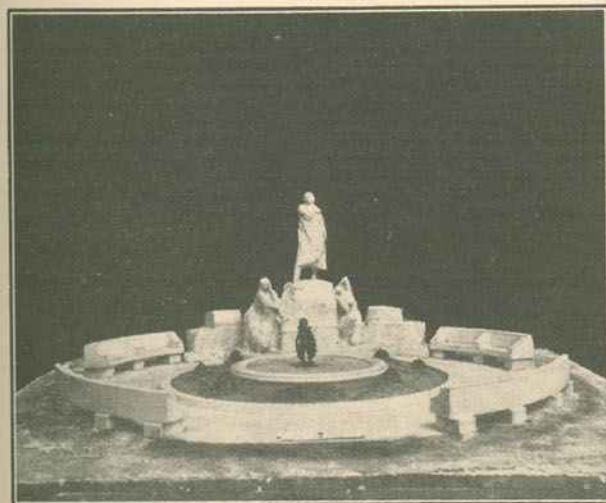
periga de «ridículo» o seu «anacronismo», como justificar que a sua «comparsaria» e os seus «figurantes» passem a simbolizar abstratamente o amor, o ódio, a dor, a avareza e o sarcasmo?

Que terão que ver com a obra de Camilo aquelas três figuras da felicidade materna? Nem na vida, nem na arte, Camilo foi nunca um apóstolo da família, como o Zola da *Fecundidade*.

A que vem aquele Harpagão obeso — contração! — e microcéfalo? Que significa êsse, sim, anacrónico Demócrito, de mão estendida, se o risonho filósofo nunca foi sarcasta? E porque não, na mesma ordem de lugares-comuns, Heráclito, mais próximo do lacrimoso vício do romancista? Quando correspondeu o amor senti-



1.º Prémio. — Projecto de Anjos Teixeira



3.º Prémio. — Projecto de Francisco Santos e Simões de Almeida

ou feição de Camilo, que, sendo um escritor-mania, escabichado em todos os seus podres e escassilhos, é autor ignorado nas suas linhas gerais, como, entre outras concludentes provas, o atesta o desconhecimento que estas oito maquetes e as onze anteriores, ao todo dezanove—

mental das heroínas de Camilo ao carnalíssimo e rodinesco abraço que solava de uma banda o monumento, onde o escritor, diminuído, aperta a cabeça e segura o coração, em patético transe?

E o arreigado lusitanismo, o forte nacionalismo, que são a força maior de Camilo, cujo mérito culminante é o seu amor à língua, onde ficaram?

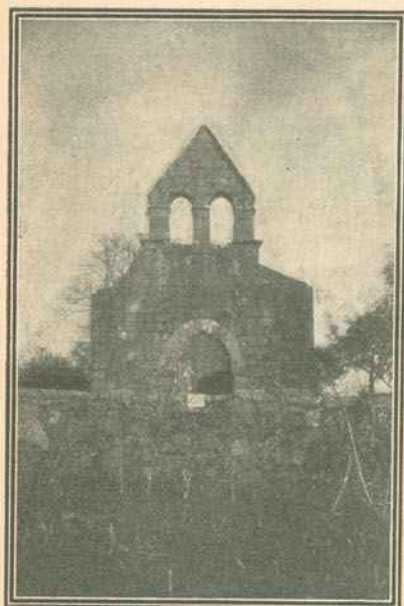
Entendo que a estátua de Camilo, a sua merecida estátua, deveria ser um monumento acenualmente português. Anjos Teixeira fez uma obra de vago carácter internacional, que nada diz de novo, e, amplificando-as desrazoavelmente, desvirtua as criações do comemorando.

Teremos, felizmente, em honra de Camilo, alguns trechos de boa escultura, se Anjos Teixeira conseguir, como não duvido, simplificar as linhas pouco sóbrias de algumas das suas figuras. Pena é que o contorno geral não possa vir a integrar-se melhor nas normas severas da pública estatutária, que continua a ser a bela arte de recortar perfis e superfícies, não em pedra simplesmente, mas também na clara luz do sol.

O monumento, a executar em lioz, assentará numa faixa de granito, mas o escultor deve procurar alteá-lo, para fugir ao perigo do rasteiro, numa obra de proporções acachapadas.

O terceiro prémio, de Francisco Santos e Simões de Almeida, impunha-se, pelo magnífico vigor das duas figuras do pedestal, vestida a do Romantismo. nua a do Realismo — polos da arte de Camilo! Prejudicava o conjunto, aliás civilizado, com bancos para um claustro de camilianistas, o lago ou placa central, desmesiadamente vasta para o menino com as duas máscaras jorrando água.

MANOEL DE SOUSA PINTO.

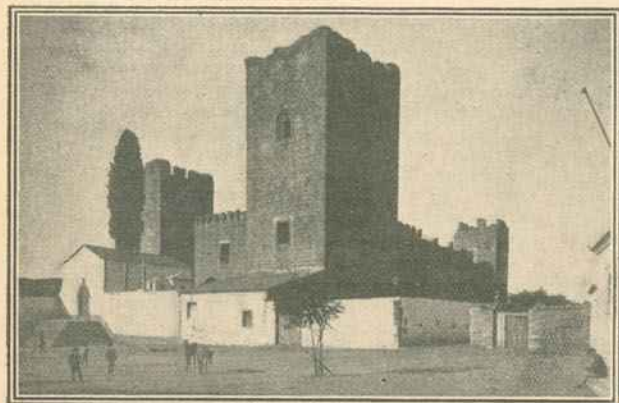


CANAS DE SABUGOSA — Ruínas da Igreja de Santa Maria

construídas, na época dionisiaca, nos diversos pontos do país, mórmente a norte do Mondego.

Não obstante estas características, próprias do século XIV, os arqui- vos confidenciam-nos que, em tal sítio, ergueram os cristãos da recon- quista um templo dedicado à mesma Santa Maria que a paróquia invoca ainda, como sua padroeira.

Se não fôsse, portanto, essa linha ogival do pórtico, diríamos que estas ruínas mergulhavam a sua origem em pleno século XII, fazendo parte da igreja doada por D. Mafalda a um sacerdote mutilado e roubado, de que nos falam as *Inquirições Gerais* ordenadas por D. Afonso III em 1258. Mas, à vista do pórtico, temos de avançar até D. Denis, que tantos monumentos fundou por todo o Portugal.



Castelo de Amieira

Estudando as ruínas, conclui-se que a igreja era de uma só nave e de travejamento descoberto, o que, de resto, é confirmado pelas pessoas mais idosas da terra, que chegaram ainda a ouvir ali missa.

Classificá-las de monumento nacional não basta, porém: o que é preciso agora é munir com a competente verba o Conselho de Arte e Ar-

A IGREJA DE SANTA MARIA DE CANAS

(TONDELA)

Alcançaram recentemente a categoria de monumento nacional os restos deste velho templo, em que se incrustam ainda pedras que nos falam daquele primeiro Afonso e daquela D. Mafalda, sua esposa, fundadores e propulsores da nacionalidade portuguesa.

Pena foi, porém, que tão tarde se pensasse na sua conservação, apenas quando o que dele permanece de pé é a frontaria, bem digna de estudo e apreço, aliás. Consistem hoje estas ruínas num portal ogival sobre o qual assenta o campanário, feição que tomaram quasi tôdas as igrejas

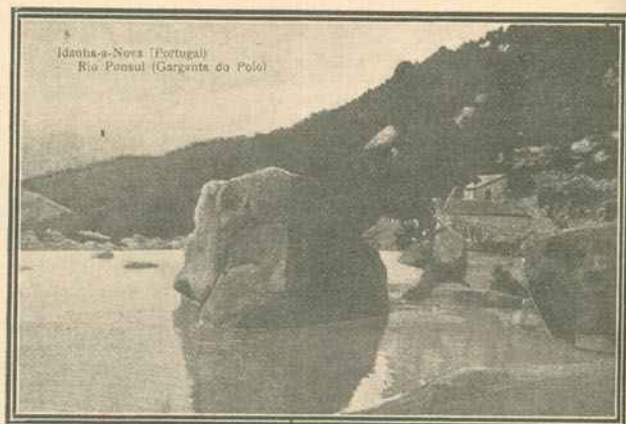
queologia da 2.ª Circunscrição (Coimbra), pois se lhes não acudirem com urgentes obras de conservação, dessas ruínas preciosas dentro em pouco nada se manterá erecto.

■ ■ ■

O CASTELO DE AMIEIRA

Disto quatro quilómetros do Tejo esta vetusta edificação de guerra, pertencendo ao distrito de Portalegre o povoado que a circunda. Compõe-se de quatro torres, ligadas por grossas muralhas, e entrou há pouco também na relação dos monumentos nacionais.

E da era de D. Denis a sua fundação, sendo mais tarde reedificado pelo Prior do Hospital, que ali veio a falecer em 1378. Seu filho D. Nuno, o Santo Condestável, então no Minho, correu a assistir às suas exéquias e à solene trasladação do cadáver do pai para Flor da Rosa.



Idanha-a-Nova (Portugal)
Rio Ponsul (Garganta do Poio)

IDANHA-A-NOVA

Foi nos tempos de D. Sancho I que Gualdino Pais, grão-mestre da Ordem dos Templários, deu começo à construção desta vila, que tem, portanto, pergaminhos dos mais antigos e nobres.

Aqui nasceu, além de muitos outros varões de nomeada, José Silvestre Ribeiro, conselheiro de Estado, que, após o terremoto, reconstruiu Angra do Heroísmo, pelo que esta cidade lhe erigiu, ainda em vida, um monumento à entrada da barra. Idanha deve também a este seu ilustre filho a doação duma importantíssima biblioteca.

O aspecto da vila é curioso, e nos seus arredores há sítios de grande beleza e pitoresco, tais como o da Garganta do Poio, no Rio Ponsul, que uma das nossas gravuras reproduz.

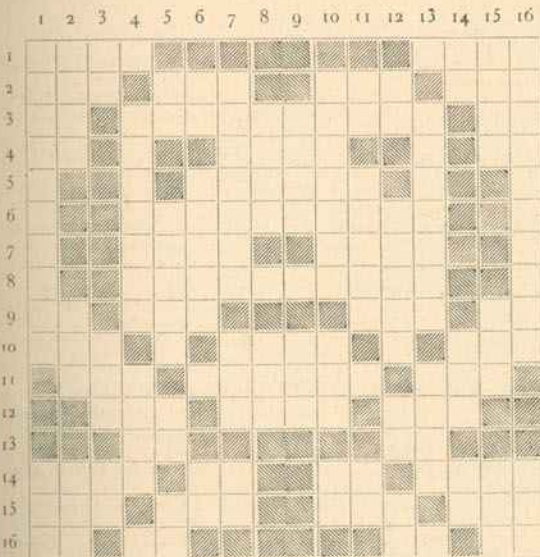


Idanha-a-Nova (Portugal)
Panorama

P A S S A T E M P O

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo)



Horizontalmente:

- 1 Amarrar. — Animais domésticos.
- 2 Cantão da Suíça. — Conceder. — Utensílios de jardinagem. — Três vezes.
- 3 Sê generosa. — Percas a esperança. — Prefixo arabe.
- 4 Carta de jogar. — Filtrar. — Pronome pessoal reflexo.
- 5 Espantar o seu mal.
- 6 Apoderarias.
- 7 Acusados. — Pronome Demonstrativo.
- 8 Descobrisse.
- 9 Conjunção. — Ligue — Do verbo haver. — Existes.
- 10 Terra d'água da Bélgica. — Brinquedo. — Parente.
- 11 Naquele sítio. — É vos possível. — Parte de uma sãia.
- 12 Furia. — Artigo de vestuário. — Afirmiação.
- 13 Preposição. — Preposição.
- 14 Andas. — Preposição. — Artigo. — Rezar.
- 15 Suspiros. — Parte de um passaro. — Água corrente. — Dos namorados.
- 16 Do verbo ser. — Pronome pessoal. — Apelido. — Carta de jogar.

Verticalmente:

- 1 Ousados. — Caminha.
- 2 Bate à porta. — Acima. — Suspiros.
- 3 Gemido. — Advérbio. — Do verbo ser.
- 4 Amansaria. — Andarás.
- 5 Preposição. — Artigo de toilette. — Preposição. — Pregão do aguadeiro.
- 6 Carta de jogar. — Hortaliça. — Do verbo ser.
- 7 Enxugasse. — Agradável. — Desagradável.
- 8 Ruidos. — Poesia.
- 9 Ave comestível. — Regra.
- 10 Mediria. — Criada. — Para respirar.
- 11 Atmosfera. — Estivesse alegre. — Nota de música.
- 12 Pronome. — Advérbio de modo. — Pronome. — Artigo.
- 13 Separações. — No alto.
- 14 Prefixo. — Expressão musical. — Batrachio.
- 15 Do verbo ser. — Do verbo haver. — Parte de um exército.
- 16 Calado. — Tapeçaria.

FELIZ IDEA

Rafael:

— É verdade, sabes o que o Otávio deu de presente à sogra no dia dos anos dela?

Eusébio: — Não; o que foi?

Rafael:

— Um automóvel.

Ela ficou tão satisfeita que anda sempre a viajar nêle, de um lado para o outro.



Laurinha: — Olhe, mamã, o que é aquilo?

A mãe: — É um espantalho, minha filha.

Laurinha: — Ah! é a primeira vez que vejo um assim nu!

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução ao 13.º número)



OS SEIS ALFINETES

(Solução)

Da esquerda para a direita, espetem um alfinete no terceiro ponto da linha 1; sexto ponto, linha 2; segundo ponto, linha 3; quinto ponto, linha 4; primeiro ponto, linha 5; e quarto ponto, linha 6.

— Ele faz uma boa porção de contos de réis por ano como aviador.

— Vejam lá! E há quem diga que se não vive do ar!

POUCA DIFERENÇA

O pequenito: — Hoje são os anos de minha mãe.

A pequenita: — Que idade tem ela?

O pequenito (depois de hesitar um momento). — Olha, ou quarenta e sete ou setenta e quatro, não me lembro bem.

O Soares: — Há uma quantidade de raparigas que estão dispostas a não casar nunca.

O Rocha: — Como sabes isso?

O Soares: — Não pode haver melhor prova. Eu declarei-me a umas poucas!

AS DAMAS COROADAS

(Passatempo)

Disponham em fila, dez pedras de um jogo de damas. Levantem depois uma, passem-a por cima de outras duas e coloquem-a sobre a imediata, coroando-a. Continuem fazendo assim até estarem tôdas coroadas. Quando se passa por cima de uma pedra que já esteja coroada, esta conta-se como duas.



Onde andarã o guarda-nocturno?

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

OBRAS REGISTRADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA DURANTE O MÊS DE JUNHO DE 1926

LITERATURA

ABREU (SOLANO DE) — *Mulher purificada*. Romance, 190 p., 8.º — 6\$00.

AGUILAR (EDUARDO DE) — *Almas gentis de namorados*. Romance campestre, 2.ª ed., 328 p., 8.º c. capa il. — 3\$00.

ARDEL (HENRY) — *Uma aventura imprudente*. Romance, trad. de Campos Monteiro, 266 p., 8.º — 10\$00.

ARDEL (HENRY) — *A hora decisiva*. Romance, trad. de Campos Monteiro, 319 p., 8.º — 10\$00.

AZEVEDO (MARIA PAULA DE) — *Terra portuguesa*, 115 p., 8.º c. grav. — 8\$00.

BASTO (CLÁUDIO), colecionador e prefaciador. — *Flores de Portugal*. Coleção de 100 das mais lindas cantigas do povo português, 40 p., 8.º c. capa il. — 3\$50.

BATTAGLIA (EUGÉNIO) — *O Banco fantástico*. (Angola e Metropole). Burla ou patriotismo? Novela social, 61 p., 8.º c. capa il.

BRANQUINHO DA FONSECA — *Poemas*, 103 p., 8.º

CABRAL NEGRÃO. — *O Enigma*. Peça em 1 acto, 38 p., 8.º — 2\$00.

CAMACHO (BRITO) — *Pretos e brancos*. Crônicas da África, 315 p., 8.º — 10\$00.

CASTELO BRANCO (CAMILLO) — *A ueta do arcebispo*. Romance, 2.ª ed., 231 p., 8.º — 7\$50.

COELHO NETO — *Rei negro*. Romance bárbaro, 2.ª ed., 302 p., 8.º c. o retr. do A. — 8\$00.

CORREIA (JOSÉ AUGUSTO) — *Dois filósofos*, 260 p., 8.º — 10\$00.

CARTAMBERT (RICHARD) — *Um drama no fundo do mar*. Romance, 161 p., 8.º — 4\$00.

COSTA (EMILIANO DE) — *Helianthos*. Sonetos, 125 p., 8.º c. capa il. — 1\$00.

EÇA DE QUEIROZ — *O Conde de Abranhos*. Aparentamentos biográficos e reminiscências íntimas por L. Zagallo seu secretário particular e a *Catastrofe*, 3.ª ed., 290 p., 8.º — 10\$00

EÇA DE QUEIROZ — *O Egypto*. Notas de viagem, 351 p., 8.º c. o retr. do A. — 10\$00.

FERRIEIRA (REINALDO) — *Homens do dia e mulheres da noite*. Lenine-Mussolini—Raquel Meller—Raspustine—Mata—Hári, — 208 p., 8.º

FERRIEIRA DE SERPA (ANTONIO) — *Camilo Castelo Branco no parlamento de 1885 e a sua ascendência picoense*, 66 p., 8.º — 10\$00.

FONSECA (RAMIRO DA) — *Humilde nascimento*. Poemeta religioso prefaciado pelo Dr. Domingos Rosado, 28 p.

FONSECA (RAMIRO DA) — *Ondas*. Sonetos. Com 2 cartas do Visconde de Vila-Moura, 31 p.

GONÇALVES CHEJZIRA (DR. M.) — *Clenardo*. (O Humanismo em Portugal), 140 p., 8.º — 15\$00.

LEITE (BERTA) — *A lenda dos naufragos*. Contos e ilustrações de José Leite, 45 p., 8.º — 3\$00.

LENCASTRE (JOSÉ) — *Lágrimas*. (Prosa e verso), 61 p., 8.º

LOBO (ACÁCIO) — *O espanhol tal qual se fala*, 2.ª ed., 216 p., 8.º — 4\$00.

LOBO DE OLIVEIRA (CARLOS) — *Roteiro das saudades*. Versos, 136 p., 8.º c. capa il. — 8\$00.

MALHEIRO BIAS (CARLOS) — *Paixão de Maria do Céu*, 3.ª ed., 271 p., 8.º c. capa il. — 10\$00.

MARDEN (O. S.) — *Querer é poder*. Obra em que se analisa o valor psicológico da vontade nas relações com o êxito. Trad. de Manuel de Melo, 287 p., 8.º — 9\$00.

MONTEIRO DA FONSECA (A.) — *Os Pastorinhos Maria e José*. Romance em verso, 109 p., 8.º — 10\$00.

MORENO (LUCIO) — *Contos rebeldes*. (Obra póstuma), 35 p., 8.º

NORONHA (F.) — *Vulpia que salva*. Romance, 316 p., 8.º — 10\$00.

OSÓRIO (PLÁCIDO) — *Castigo merecido*. Comédia em 2 actos, 30 p., 8.º — 3\$00.

PEDRO (ANTÓNIO) — *Os meus 7 pecados mortais*. Sonetos, 15 p.

PEREIRA (EDUARDO C. N.) — *Como se vence*, 203 p., 8.º — 10\$00.

PEREIRA VITORINO (ANTÓNIO BARROSO) — *Impressões sociais* 201 p., 8.º — 15\$00.

RAMALHO ORTIGÃO — *As Farpas*, Tomo III. — *Os Individuos*. 3.ª ed., 291 p., 8.º — 9\$00.

RÉGIO (JOSÉ) — *Poemas de Deus e do Diabo*, 88 p., 8.º

ROSÁRIO (JOSÉ DO) — *A noite dos mortos* / Novela trágica, 12 p.

SALGARI (EMILIO) — *Os Dramas da Sibéria*. Romance de aventuras, 132 p., 8.º c. capa il. — 4\$00.

SALGARI (EMILIO) — *Os Vencedores da morte*. Romance de aventuras, 144, 32 p., 8.º c. capa il. — 4\$00.

SALGUEIRO (MÁRIO) — *Cantigas de Junho*. Quadras, 62 p., 8.º c. capa il. — 5\$00.

SILVA TAVARES — *Quem tem meninos pequenos...* Quadras. Capa de Amarelhe, 77 p., 16.º — 5\$00.

SOUSA NUNES — *O amor do sul*. Romance. — 172 p., 8.º c. capa il. — 8\$00.

SWIFT (JONATHAN) — *Viagens de Gulliver*. Trad. de Henriques Marques Junior, 2.ª ed. 196 p., 8.º c. capa. il. — 4\$00.

TEIXEIRA (JUDIT) — *Núa*. Poemas de Bysancio, 109 p., 8.º — 10\$00.

WALLOTON (BENJAMIN) — *Paciência* /... Trad. do francês de Carlota Cardoso de Oliveira (filha), 231 p., 8.º

CIÊNCIAS E ARTES

BARBOSA SUIREI (DR. M. B.) — *Manuel Constantino, a sua vida e a sua obra*, 35 p., 8.º — 7\$50.

BLECH (AIMÉE) — *Aos que sofrem...* Pontos de vista da doutrina teosófica. Trad. por H. de Beires Junqueira, 128 p., 8.º — 4\$00.

CARVALHO HENRIQUES (F. DE) — *Cuidado / Perigo de morte*. — 157 p., 8.º — 5\$00.

— *Guia de lubrificação para automóveis*, 64 p. c. capa il. e grav.

MARTINS VELHO (DR. A. A.) — *O Espiritismo contemporâneo considerado como ciência positiva e experimental*. Sua demonstração rigorosa, teoria e prática, 2.ª ed. 323 p., 8.º — 8\$00.

SCHIEFENS (JOSEPH) — *Tratado de corte para uso dos ope. varios alfaiates*, 3.ª ed. 130 p., 8.º — 10\$00.

SEQUEIRA (JOAQUIM JOSÉ DE) — *Contabilidade bancária e comercial*, 203 p., 8.º — 10\$00.

HISTORIA E GEOGRAFIA

ALMEIDA (FORTUNATO DE) — *Curso de história universal*. Vol. II — História de Roma e história da Idade média, 7.ª ed. 251 p., 8.º — 12\$00.

CUNHA (EUCLEDES DA) — *A Margem da história*, 4.ª ed. 331 p., 8.º — 8\$00.

FIGUEIREDO (FIDELINO DE) — *O Pensamento político do exército*, 51 p., 8.º — 3\$00.

FREIRE (JOÃO PAULO) — *Por terras do norte...* Aspectos e impressões, 175 p., 8.º — 7\$50.

JACOME CORREIA (MARQUÊS DE) — *História da descoberta das ilhas*, 231 p., 8.º — 25\$00.

LARANJO CORREIO (P. M.) — *As ordens de cavalaria no Alto Alentejo*. I. — Comendas da Ordem de Cristo — Documentos para a sua história, 67 p., 8.º

MORAIS E CASTRO (ARMANDO AUGUSTO GONÇALVES DE) E PEREIRA CARDOSO (ANTONIO). — *Uma viagem através das colônias portuguesas*. Com um prefácio do Almirante Ernesto de Vasconcellos, 241 p., 8.º

SANTOS QUINTELA — *Os estudantes de Coimbra e as suas partidas*. História recreativa e anedótica da academia universitária desde tempos remotos até hoje, 80 p., 8.º c. grav.

RELIGIÕES

ALMEIDA (FORTUNATO DE) — *História da Igreja em Portugal*. Tomo IV, 1750-1910. Parte II, 486 p., 8.º — 25\$00.

CONCILIO (PRIMEIRO) — *Nacional Lusitano*. Ano de 1926. Projecto de constituições, 114 p., 8.º

BELAS ARTES

CONGRESSO (II) — *e exposição de ourivesaria portuguesa em Lisboa no ano de MCXXXVI*. Catálogo, 183 p., 8.º

XAVIER DA COSTA (LUIZ) — *Francisco Vieira Lusitano, poeta e abridor de águas fortes*, 77 p., 4.º — 30\$00.

CIÊNCIAS CIVIS

ADMINISTRAÇÃO CIVIL e financeira das colônias (Compilação de leis e outros diplomas legais), 92 p., 8.º

ALMEIDA GARRETT (DR.) — *Reorganização nacional*. De que obra governativa Portugal carece, 64 p., 8.º

AZEVEDO SOUTO (A. DE) — *Defeitos da vontade em direito civil*. O Erro — I, 198 p., 8.º — 20\$00.

FREIRE DE ANDRADE (D. VICTÓRIA PAIS) — *A acção dissolvente das touradas*, 28 p.

OSÓRIO DA GAMA E CASTRO E OLIVEIRA BATISTA (LU) — *Notas ao código penal português*, 2.ª ed., vol. 2.º e 3.º 456 p., 8.º, vol. II — 30\$00; vol. III — 25\$00.

RODRIGUES DE SÁ (TENEINTE-CORONEL) — *Código policial e rural*. Manual mentor da policia e G. N. R., 349 p., 8.º — 8\$00.

REVISTAS

Temos conhecimento das seguintes, por nos serem regularmente enviadas:

ACÇÃO CATÓLICA.
ALMA NOVA.
AMIGO DA INFANCIA.
ANAI DAS BIBLIOTECAS E ARQUIVOS.
AUTO.
BIBLIORÁFICA (A).
BIBLOS.
BROTÉRIA.
CETÓBRIGA.
CONTEMPORANEA.
CULTURA.
EGO DOS SPORTS.
EDUCAÇÃO SOCIAL.
ESTUDOS, cujo último número forma um grosso volume, com texto referente ao Congresso Católico.
GUERRA (A).
LABOR.
LISBOA MÉDICA.
LUSITANIA, de que acaba de aparecer o fascículo IX, inserindo colaboração muito notável. Arte, história, literatura.
MÉDICOS PORTUGUESES.
NAÇÃO PORTUGUESA.
NOSSO ALGARVE (O), cujo número relativo a Junho encerra muitas páginas devotadas a João de Deus, fazendo a propaganda do monumento a erguer ao grande lirico em S. Bartolomeu de Messines, sua terra natal.
PORTUGÁLIA.
RECONQUISTA (A).
RENOVAÇÃO.
REVISTA AERONÁUTICA.
REVISTA DE GUIMARÃES.
REVISTA DE HISTÓRIA.
REVISTA DO COMÉRCIO E CONTABILIDADE.
REVISTA DOS TRIBUNAIS.
REVISTA ESCOLAR.
REVISTA ILUSTRADA DE TODOS OS SPORTS.
REVISTA VINÍCOLA PORTUGUESA.
SCIÊNCIA E INDÚSTRIA.
SEARA NOVA, que não abandona o bom combate pelo saneamento do nosso meio politico.
TERRA ALENTEJANA.
VASCO DA GAMA.
VIDA ELEGANTE.

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente todas as informações às consultas bibliográficas que lhes sejam feitas

ASSINATURAS DA "ILUSTRAÇÃO"

| | Trimestre | Semestre | Anual |
|---|----------------|----------------|----------------|
| CONTINENTE E ILHAS | Escudos 21\$00 | Escudos 42\$00 | Escudos 84\$00 |
| COLONIAS: | | | |
| África Ocidental. | " 22\$00 | " 44\$00 | " 88\$00 |
| África Oriental, India, Macau e Timor | " 24\$00 | " 48\$00 | " 96\$00 |
| ESPAÑHA. | " 22\$00 | " 44\$00 | " 88\$00 |
| ESTRANGEIRO | " 32\$00 | " 64\$00 | " 128\$00 |

Atravez Africa!



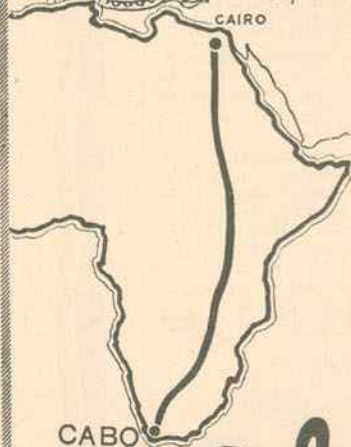
O MAJOR do exercito Britanico Snr. Court Treatt, que dirigiu a expedição atravez a Africa (cerca de 18:000 k^m) em dois carros "Crossley" usando exclusivamente Gazolina SHELL, telegrafa do Cairo dizendo:

... No deserto ou em floresta a qualidade da Gazolina SHELL manteve-se inalteravel e transportou-nos sempre sem incidente atravez de todos os meios.

A Gazolina SHELL, garantida absolutamente pura, fornecida avulso por qualquer das nossas bombas é da mesma qualidade sem rival.

Procure sempre o signal familiar da SHELL na bomba ou parede da garage.

The Lisbon Coal & Oil Fuel C^o Ltd.
AGENTES EM TODO O PAIZ



com **Shell**



PETROLEO

HAHN

PARA O CABELO

M. d. F.



Loção fortificante e regeneradora indispensavel para limpeza, aformoseamento, conservação e desenvolvimento da cabeleira

FRASCO GRANDE 20\$00 FRASCO PEQUENO 14\$00
 FRASCO ENSAIO 2\$50 VENDA POR GROSSO

Agentes depositarios: **J. DELIGANT, L. da**
 15, RUA DOS SAPATEIROS — LISBOA



A PHOSPHATINE FALIÈRES

misturada com o leite é o alimento o mais agradável e o mais recommendado para as creanças desde a idade de 7 a 8 mezes sobretudo ao momento da ablação e durante o periodo da crecidião.

Util aos estomagos delicados, aos velhos e aos convalescentes.

Maison CHASSAING (G. PRUNIER & C^o), 6, Rue de la Tacherie, PARIS

Edições da Biblioteca Nacional

| | |
|--|--------|
| <i>Anais das Bibliotecas e Arquivos. Revista trimestral. 3 vols., 12 n.ºº Número avulso N.ºº 1 e 3 (Esgotados).....</i> | 6\$00 |
| <i>Guia de Portugal, 1.º vol, sob a direcção de Raul Proença.....</i> | 50\$00 |
| <i>Actologia dos Economistas Portuguezes. Seculo xvii. Obras em portuguez. Seleccion, prefacio e notas por António Sérgio.....</i> | 15\$00 |
| <i>Boisagão da historia de Portugal, por António Sérgio.....</i> | 2\$00 |
| <i>Guia de Évora e seus arredores, sob a direcção de Raul Proença.....</i> | 4\$50 |
| <i>Tiragem especial.....</i> | 10\$00 |
| <i>Bibliografia das bibliografias portuguezas, por António Anselmo.....</i> | 7\$50 |
| <i>Dispersos, de Oliveira Martins. 2 vols., coordenado e prefaciado por António Sérgio.....</i> | 20\$00 |
| <i>Tiragem especial.....</i> | 50\$00 |
| <i>Recreação Periodica, pelo Cavalleiro de Oliveira. Pref. e trad. de Aquilino Ribeiro. 2 volumes.....</i> | 10\$00 |
| <i>Tiragem especial.....</i> | 40\$00 |
| <i>Marco Paulo. Reimpressão da edição de Valentim Fernandes, por Esteves Pereira. Tiragem especial.....</i> | 8\$00 |
| <i>Processo dos Tavoras, publicado sob a direcção de Pedro de Azevedo.....</i> | 18\$00 |
| <i>Catálogo ideográfico. Sub-rubricas gerais.....</i> | 7\$50 |
| <i>Instruções relativas á aquisição de verbetes da Biblioteca Nacional (Esgotado) Lusitana. Edição fac-simile da 1.ª edição do poema, com aparato critico de Jose Maria Rodrigues.....</i> | 7\$50 |
| <i>Tiragem especial (Esgotada).....</i> | 50\$00 |
| <i>O papel como elemento de identificação, por Arnaldo Faria de Azevedo e Melo.....</i> | 5\$00 |
| <i>Os Codices Alcobacenses da Biblioteca Nacional, por Antonio Anselmo.....</i> | 5\$00 |

Grip-fix A COLA IDEAL

ACEIO — ECONOMIA — RAPIDEZ

Não se entorna, colando imediatamente após a sua aplicação **Preço 9\$00**

Únicos representantes para Portugal e Colónias:

AILLAUD, LIMITADA
 73, RUA GARRETT, 75 - LISBOA

Tome diariamente um copo d'ENO, e conservará a sua saúde

ENO's "Fruit Salt" é o verdadeiro e unico Sal de Fructa que tem obtido a maior reputação no mundo inteiro durante os ultimos 50 anos. Tomado diariamente, obtém-se os melhores resultados como defeza natural da saúde.

Laxativo muito suave, o "Sal de Fructa" ENO, restabelece o bom funcionamento do aparelho digestivo, de que depende essencialmente a boa saúde, fazendo desaparecer as perturbações nervosas ocasionadas pelas indisposições de estomago, prisão de ventre, etc.

Uma colher das de café num copo d'agua, de manhã e á noite.

"SAL DE ENO'S FRUCTA" ENO'S FRUIT SALT

Depositarlos em Portugal:
Robinson, Bardsley & Co. Ltd.
 8, Caes do Sodré, Lisboa.



As palavras "Fruit Salt" - "Sal de Fructa" e "Eno" assim como o rotulo, são marcas de fabrica registadas.

ESTABELECIMENTOS ALVARO CAMPOS

L. DO CHIADO, 12, 1.º
 Largo das Duas Igrejas)

LISBOA

MICROSCÓPIOS, MICROTOMOS E SACARIMETROS REICHERT



REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

Estabelecimentos ALVARO CAMPOS

ENVIAM-SE CATÁLOGOS

TINTA FAURE

Perfeitamente Preta

Não é ácida.

Não enferruja os aparos;

que por esse facto duram muito mais tempo.

Não cria bôrras

e por conseguinte não é preciso lavar os tinteiros periodicamente e perder tinta.

Seca quasi instantaneamente

e evita o uso do mata-borrão.

Permite o uso de aparos ordinários nos stilógrafos evitando a compra dos aparos de ouro que são caríssimos.

Quando pelo facto de ausência a tinta seca no tinteiro, basta deitar água no dito tinteiro para tornar a ter a tinta perfeita.

DEITA-SE UM BOIÃO NUMA GARRAFA DE LITRO
E ENCHE-SE ESSA COM ÁGUA

Tinta fixa cada boião para 1 litro de tinta 6\$00

Tinta comunicativa ou stilográfica para 1 litro de tinta 8\$00

.....

Pedidos às LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

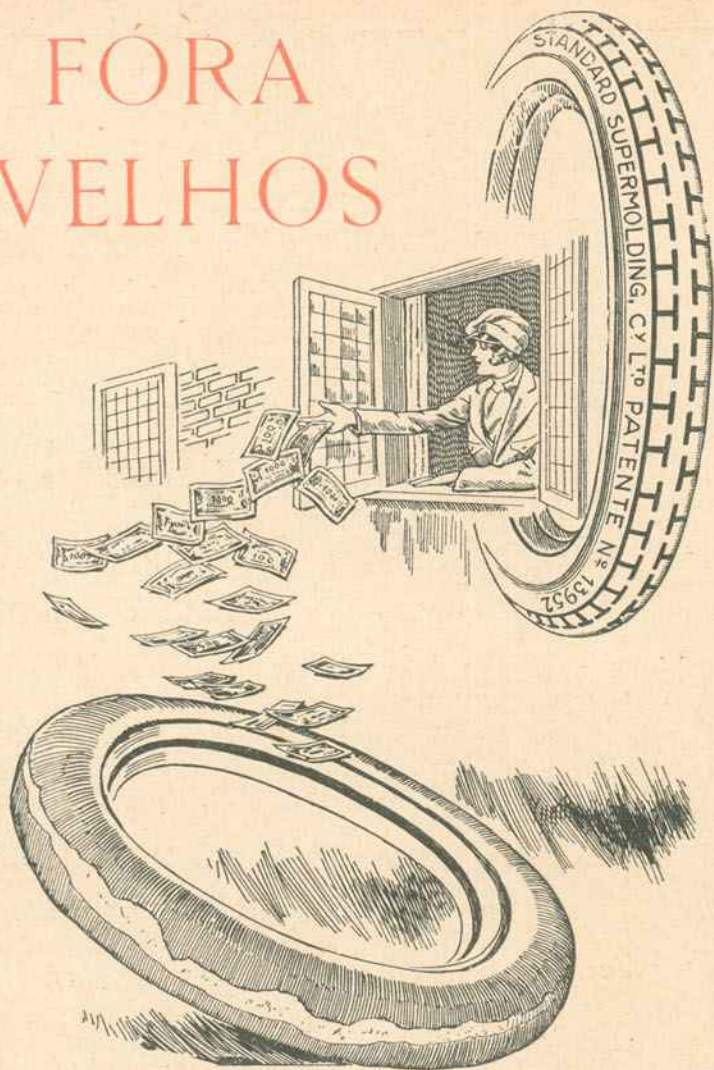
73. RUA GARRETT, 75 — LISBOA

DEITAR FORA PNEUS VELHOS É DEITAR DINHEIRO À RUA

porque um pneu velho e usado até às lonas, pôde ser . . .

Super-Moldado,

como acima se vê, pelos novos processos industriais da



Standard Supermoulding C.º L.ª

Esse pneu velho assim *Super-moldado*, é garantido, para percorrer ainda

Um mínimo de 4.000 quilómetros

e não custará mais que um terço do custo dum novo que iríeis comprar para o substituir.

Realisais assim 65 % de economia.

DIRIGI-VOS À FÁBRICA NACIONAL DE BORRACHA

(Concessionária exclusiva)

Séde: Rua do Açúcar — BEATO - LISBOA

DEPÓSITOS } Em Lisboa: Rua da Prata, 275 e Calçada Marquez d'Abrantes, 1 a 5
 } No Porto: Rua das Flores, 136